Em Busca do Taci Feto

ADRIANO
DE ALMEIDA GOMINHO

Neolivros

ADRIANO GOMINHO

Literatura de TIMOR

TACI-FETO

MAR MULHER

[Romance-Aventura]

À Teresa, minha mulher,

que me acompanhou em Timor, de 1964 -1975,

Aos filhos Rui e Luís ali nascidos.

PRÓLOGO

Propõe o autor tentar chegar ao fundo do sentir do povo timorense.

Trata-se de uma obra de ficção,

baseada em factos verdadeiros.

Qualquer semelhança

com personagens,

vivas,

é pura imaginação do leitor...

o autor

Escrito em 1997

Revisto, em Lisboa, 8 de Dez de 2007

adriano.gominho@sapo.pt

Capítulo 1

Timor- LACTÓS
Outubro de 1963

Bere Mali tencionava escolher a povoação de Lactós para morar. Ficava num planalto, perto do Monte da Boneca, um local ideal para criar os seus búfalos e cudas e negociá-los, livremente, nos postos administrativos de Fatuc-Lúlic e de Fatuc-Mean, situados na fronteira, com as gentes vindas da fronteira do lado indonésio da ilha. No planalto, as nuvens agarradas às montanhas despejavam uma permanente humidade sobre as terras férteis, fazendo com que um verde, em vários tons, as cobrissem todo o ano - um local eleito para uma criação de gado, de que tanto sonhara.

Bere Mali nascera e crescera nas terras de Ossuroa onde frequentara uma simples e pobre escola do posto, até arranjar um emprego precário numa Serração de madeiras de teca e pau-rosa de Los Palos, ponta leste da ilha de Timor. Era uma criança que, desde os doze anos de idade, trabalhara no meio dos gigantescos toros de teca de cascas esbranquiçadas, tomadas de lindas orquídeas selvagens, vulgares nessa zona. No ouvido do rapaz, os ruídos estridentes das serras mecânicas rasgando as amareladas e aromáticas madeiras, sons que enchiam o seu imaginário infantil. À noitinha, quando regressava à sua palapa, já nem podia ouvir os maviosos cânticos das catatuas, de que tanto gostava, e que, empoleiradas nas árvores dos caminhos, tornavam os seus ramos esbranquiçados, como se de neve se tratasse - coisa inexistente na ilha - mas que conhecia das páginas do amarrotado e sujo Livro de Leitura da Quarta classe da Primária. O magro salário que recebia na Serração -

apenas seis escudos por dia - (uma pataca) não dava para comprar um cuda para ele se deslocar aos bazares semanais, mormente para, como era sonho seu, ser um rico criador de gado, no verdejante e isolado planalto de Lactós - coisa que verrumava na sua mente, desde criança. O suco de Ossuroa onde nascera era muito pobre e situava-se no sopé de uma grande montanha, cujo cume estava tapado, quase todo o ano, por um capacete de brancas nuvens, que vinham pairar sobre as verdejantes várzeas de neli do vale, local onde os pachorrentos búfalos, cobertos pela lama cinzenta dos canteiros, pastavam, sacudindo as moscas que fugiam da voracidade das esbeltas garças de pescoços compridos. Terminado o dia na escola, Bere Mali metia os pés a caminho da várzea do pai, após comer um bocado de mandioca cozida, ou de batata-doce assada de véspera enquanto brincava ao lado de uma panela de barro preto, onde eram fervidos os ramos de aboboreiras para a comida do jantar. O fumo fazia arder os seus olhos. O pobre rapaz ficava o resto do dia na várzea do pai, tendo por companheiro os pardacentos búfalos, quase sempre mergulhados no lodaçal cinzento e fétido das várzeas. Mais um dia passado na tarefa de lavrar os canteiros, enterrar no lodo as palhas da colheita anterior e que, misturadas com o capim novo, serviriam para adubar a terra para a próxima safra. Os pés de Bere Mali enterravam-se no lodo até ao fundo que, muitas vezes, não encontrava. Munido de uma vara comprida, o pobre rapaz conseguia empurrar os pachorrentos búfalos até à borda dos canteiros, regressando vezes sem fim ao ponto da partida, lavrando, lavrando, lavrando sempre! Ainda havia mais um talhão por concluir e ele não podia perder tempo. A água das valas chegaria ao local no dia seguinte, pelo que andava atrás dos búfalos até a noite cair lentamente no vale com uma leitosa manta de névoa, só deixando de fora as altas copas das matas de palavões pretos.

Já cansado, empurrava os búfalos para os currais de paus e bambus e sentava-se no que restara de um tronco de pau rosa meio carcomido pelo tempo, deitando contas à vida:

- O que vou fazer quando crescido?

- Catequista, professor de posto ou soldado numa Companhia da segunda-linha?

Ele mesmo respondia:

- Catequista? Não! π pois não acredito no Maromac e nem gosto de ir à missa! Professor de posto para ficar o dia inteiro fechado numa sala, a cuidar dos meninos, como polícia? Também não! Soldado numa Companhia da segunda-linha, com farda nova, comida de graça e espingarda Mauser nas mãos, para matar ou morrer, como aconteceu ao meu tio Lequi Bau, durante a ocupação japonesa, defendendo o seu suco, juntamente com a tropa australiana, que, após a guerra, foi-se embora para a terra, esquecendo-se da gente de Timor, que tanto sofreu? Ainda vou pensar melhor no assunto!

A tarde foi chegando e os pachorrentos búfalos, agora mais sossegados nos currais, lambendo os dorsos, abanando as caudas e devorando os braçados de capim verde que lhes atirara para a manjedoura. O Sol-poente deixara um rasto encarnado no céu, diluindo-se a efémera tinta num cinzento plúmbeo das águas lodosas das lagoas, que já começavam a inundar algumas várzeas da planície. Os canteiros do Mau Bui, mesmo ao lado, estavam transformados num verdadeiro jardim e as plantas verdes à tona da água, escorrendo em sonoras cascatas pelas valas de irrigação, abertas pela comunidade do suco. Bere Mali vedou o curral com três grossos troncos de palavão, deu mais uma volta pela cerca, e, de bornal às costas, regressou à sua palapa, caminhando sempre pelas matas de teca e das altas palapeiras de folhas em leque. Pelo caminho, foi brincando com os outros meninos da sua idade que vinham igualmente das várzeas, sabendo que ele ainda teria de ir apanhar alguma lenha seca para fazer a comida da noite. No dia seguinte, a mesma tarefa rotineira. Os outros meninos do suco, que com ele iam à escola e guardavam os búfalos nas várzeas das famílias, eram mais felizes e tinham tempo para as suas brincadeiras nas copas das altas toranjeiras, ou mesmo para pescar camarões e tilápias nas ribeiras, ao cair da tarde. Bere Mali tinha mais um irmão e uma irmã: o Lequi Bau, de oito anos e a Bilaca, mais velha, de catorze anos. Eles pouco faziam, além das brincadeiras próprias das crianças. Às vezes cuidavam da criação e acarretavam a água da fonte para casa, em canudos de bambus...Mais nada! O rapaz pensava nos motivos para tamanha desigualdade de tratamento por parte do mesmo pai, sendo todos seus

filhos. Por mais que cismasse, nunca encontrara uma explicação razoável que acalmasse a sua mente. No silêncio dos campos, observando os búfalos nas várzeas de neli comendo a erva fresca nascida nos paredões de lama das vedações dos canteiros, e vendo as graciosas garças voejando pelo vale à cata de moscas, falava baixinho, com os seus botões:

- Sim, tenho reparado que os meus irmãos têm uma cor de pele mais escura, os cabelos mais encaracolados. A minha é mais clara e os meus cabelos mais loiros, mas somos todos irmãos?

Certo dia, Bere Mali foi comprar um caderno de linhas largas numa loja china e observou com mais atenção a sua cara reflectida num espelho partido e já sujo pelo pousar das moscas, pendurado na porta de entrada. Então, confirmou as diferenças entre ele e os outros irmãos. Pagou o caderno de linhas que fora comprar e pulou pela porta fora com tamanho ímpeto que fez fugir uma porca e a sua ninhada, focinhando numa poça de água suja da rua. Correu pelo carreiro fora até chegar à escola, transportando uma mistura de tristeza e de raiva na sua cabeça.

- Sim, agora encontrei as diferenças entre eu e os irmãos de pele mais escura. Tenho de descobrir toda a verdade, custe o que custar, mesmo que vá falar com o meu tio, há muito arredado da família por questões de partilhas: alguns pés de coqueiros e cabeças de gado - herança que o meu avô deixou, anos antes. Nesse dia, o Bere Mali ficou na escola sem dar a mínima atenção ao mestre Relvas - o professor de posto. O seu espírito não estava alí, mas sim, vagueando pela mata fora à procura do tio. Ao fim da tarde, regressou à palapa, lavou as mãos e os pés num regato que passava ao lado do suco e sentou-se a um canto, embrulhado numa manta castanha meio esburacada pelas ratazanas, protegendo-se do cacimbo enquanto contemplava o lume, crepitando por debaixo de uma panela de barro preto onde ferviam alguns ramos de aboboreiras e espigas de milho verde para o jantar. O ar estava toldado por um vapor esbranquiçado e sentia-se o perfume dos toros da lenha aromática, desfazendo-se em cinzas no interior do poial do aposento aquecido e cheio de fumo. Enquanto a lenha ardia, Bere Mali foi dando asas à sua fértil imaginação: queria levar a cabo uma grande aventura - um sonho que tivera numa

noite em que a chuva fustigava as cumeeiras da sua palapa...

Capítulo 2

A Escalada do Mundo Perdido

Deitado na sua esteira de palha e ainda embrulhado na manta castanha, ouvindo lá fora os cânticos dos toqués e o batucar dos grilos nas fendas dos muros, Bere Mali recordava o sonho da noite anterior:

"Ouvira o velho Lequi Bau - um catuas, muito conhecedor das lendas da terra - contar que havia um monte muito alto e de difícil acesso, tão alto que, lá em cima, faltava o ar às pessoas e aos animais. As nuvens escondiam tudo e até os pássaros deixavam de cantar". Mesmo amedrontado com a história que o catuas incutira no seu espírito, sentia-se capaz de trepar as íngremes encostas cobertas de florestas e de bambus para chegar ao cume do alto monte da ponta Leste da ilha e daí gritar para o Maromac o ouvir:

- Já cá estou, muito perto de Ti...! Ouves-me?

Imaginava poder escutar o som cavo da sua voz reper-cutindo-se, em longos ecos, nas altase escarpadas fragas vizinhas e profundos vales, toldados por brancas nuvens, tão brancas como as longas barbas do catuas. Bere Mali, aquele menino que adormecia sonhando com o Mundo Perdido, fora acordado nessa manhã pelo cantar dos galos, empoleirados nas cumeadas húmidas e escorregadias da sua palapa. O Sol já tinha nascido e os seus raios furavam as nuvens, lançando difusos rasgos de luz sobre a planície, ainda tapada por uma leitosa e persistente névoa matinal. Sonolento e esfregando os olhos, com as mãos tisnadas pelo atiçar do lume da fogueira, Bere Mali veio à porta respirar um pouco do ar fresco da manhã. Os búfalos, nos currais, fumegavam pelas narinas, aguardando que fossem levantados os taipais de paus, para poderem pastar pelos campos cobertos de orvalho gelado das manhãs. A escola do posto ficava um pouco distante da palapa de Bere Mali, pelo que, logo que

os animais eram encaminhados para as várzeas, ele metia-se pelo carreiro mais curto até lá chegar. Para comer, durante a manhã, levava no seu bornal algumas toranjas, mangas verdes e arroz cozido, embrulhado em folhas de bananeira. A escola era para Bere Mali uma tarefa enfadonha - sem sentido mesmo! Ficava o dia inteiro numa sala, sentado num banco tosco tendo por carteira uma armação de bambu espalmado; o que mesmo desejava era andar sem rumo, à solta, pelas várzeas, atrás dos búfalos e cavalos, como os cabritos ou veados da sua idade.

- Um dia, irei fugir desta maldita escola!

- Mas fugir para onde? - interrogava-o seu amigo Mau Bere, o companheiro da incómoda carteira de bambu espalmado!

- Para o Mundo Perdido, para um local onde não haja uma chata escola como esta!

Bere Mali, com os dedos fininhos e escuros, apontava para a cordilheira do Matan Bia, onde se via bem destacado o cume mais alto - o do Mundo Perdido, avistado no alto por entre as janelas rasgadas improvisada sala de aula, de meias-paredes e a cobertura de capim.

Cismava, em voz alta:

- E os meus búfalos? Quem vai cuidar deles e das suas crias... E os cavalos...?

Muitas perguntas ficaram a verrumar a sua cabeça e quando o mestre Relvas o chamou para o quadro - uma folha de cartão prensado pintado a preto, pendurado num prego enferrujado -, mal conseguia suster-se de pé e caminhar direito, pois tinha as pernas dormentes de estar sentado num bambu roliço, horas a fio. De regresso à casa e acompanhado pelo amigo, que morava numa povoação próxima, engendraram um plano para a grande escalada ao Mundo Perdido. O companheiro tomou a direitura da casa, pela vereda mais curta.

*****

No dia seguinte, foram ver a destilaria clandestina do pai, Mau Suco - uma instalação rudimentar, bem escondida no sdeio de uma mata de bambus e onde se

fabricava, clandestinamente, a conhecida tuassaba - uma aguardente da seiva destilada das palmeiras. O companheiro e amigo segredara-lhe que o chefe do posto local andava à procura dos fabricantes da "maldita bebida alcoólica". Os garotos meteram-se pela mata e foram espreitar a tal destilaria clandestina e viram um rudimentar alambique de cobre, preto pelo uso, uma fornalha e muita água jorrando sobre os canos de bambus por onde escorria o vapor, vindo de um improvisado alambique. Do outro lado do tubo pingava uma fumegante e aromática bebida que, depois de engarrafada, era transportada, às escondidas, em cestos de palha, para a venda clandestina nas lojas chinas e bazares semanais. Contou-lhe ainda o amigo que, certa vez, um trabalhador descontente com o pai fez uma denúncia da instalação e, volvidos alguns dias, um sipaio localizou-a e desmantelou tudo. O pai ainda foi multado em cincoenta patacas, a pagar no posto administrativo, para não ir parar à cadeia. Mesmo assim, passado algum tempo, ele já fabricava outra vez a bebida, num local mais escondido das autoridades administrativas. No dia seguinte, no recreio, combinaram a data para a grande aventura: a escalada ao Mundo Perdido. Seria num domingo, dia em que o padre celebrava a missa sem nunca falhar, numa improvisada capela de meias-paredes e tecto de capim, local donde se avistava O Mundo Perdido - topo da cordilheira de Mata Bia, facto que encobriria as suas fugas.

Pela manhãzinha, ainda o Sol mal tinha violado a linha do horizonte, os dois amigos e companheiros já estavam a caminho da montanha, cada um montado no seu cuda, animais pedidos por empréstimo a um vizinho afastado, em absoluto segredo. As montadas eram pequenas, mas trepavam pelos carreiros com grande agilidade. As patas iam deixando um largo rasto de plantas caídas nas mimosas pudicas, explicara Bere Mali, "umas acácias sensitivas que fecham as suas minúsculas folhas ao menor contacto com os humanos ou animais". Soubera disso da boca do próprio mestre Relvas, num dos dias em que, por acaso, prestara alguma atenção à aula de Ciências da Natureza. Na verdade, à medida que as patas dos cudas iam galgando as encostas, os sulcos ficavam bem visíveis na pradaria, como se atrás deles seguisse

uma gigantesca e escura serpente... Àquela hora fresca da manhã, uma neblina submergia os vales com um leitoso manto muito agradável à vista. As montanhas longíquas viam-se iluminadas pela luz alaranjada do Sol-nascente. Algumas gotas de orvalho vinham morrer nas faces geladas dos dois caminheiros, deixando os seus chapéus de palha cobertos de pingos de água, que brilhavam à luz amarelada da manhã. Com os pulmões cheios de ar puro e fresco, olhos bem abertos - nunca tinham deixado as planuras e as várzeas - os dois sorriam e respiravam profundamente, com receio de lhes faltar o ar, coisa contada pelo catuas, que lá estivera, ainda menino. Os rapazes divertiam-se deitandopara o ar o vapor esbranquiçado da respiração, vendo os jactos saídos das narinas dos cavalos, enquanto subiam a encosta, rumo ao topo do Mundo Perdido. O carreiro era íngreme. No mapa que o professor Relvas tinha na escola, esse cume situava-se a 1769 metros de altitude. O pequeno cuda do Bere Mali, chamado de Moroc, mostrava-se mais cansado do que o Nerec - o do seu companheiro. A subida durara mais de quatro horas, bem medidas pela altura do Sol, já brilhando nos verdejantes vales e distantes contrafortes azulados das montanhas. Das rédeas dos cavalos e das selas do ressequido couro escorria uma branca espuma. As patas dos cavalos começavam a escorregar nas pedras das íngremes veredas, pondo em perigo a vida dos dois aventureiros de palmo-e-meio. Assim, decidiram apear-se, mesmo junto a uma fonte de água cristalina que cantarolava numa rocha tomada por gigantescos fetos arbóreos pré-históricos e por insondáveis tufos de bambus de grande diâmetro e altura. A sombra era acolhedora; ataram os cavalos a uma arequeira, despiram as camisas e os calções e contemplaram a superfície calma da enorme lagoa azul, formada numa depressão das rochas; a água via-se cristalina e com muitos peixes nadando à vontade. Bere Mali foi o primeiro a saltar do alto do penhasco para a fria lagoa, para logo gritar:

- Está maliri barac!

O seu companheiro, tiritando de frio no alto do rochedo sobranceiro ao lago, exortava o amigo a ganhar coragem e saltar também. Entretanto, o Sol conseguira iluminar os recônditos da luxuriante vegetação da encosta, fazendo com que as

folhas e as canas dos bambus tomassem uma tonalidade amarela. Nas copas das altas árvores de pau-rosa, de troncos forrados de fungos, vegetavam belas e coloridas orquídeas selvagens e outras trepadeiras parasitas, em perfeita simbiose com os seus tutores; ouviam-se os maviosos sons dos verdes loricos a cantar e alvas catatuas nas ramadas das árvores. O dia chegara a meio; os dois garotos banharam-se na límpida e gelada água do lago da montanha, gozando de uma paz celestial, do Paraíso... Depois estenderam-se ao sol e, com uma cana, enquanto os cavalos recuperavam o fôlego para a restante caminhada, que ainda levaria umas boas horas, foram pescar - tarefa fácil dada a abundância de peixes no lago. Depois procuraram um local abrigado. Com alguns bocados de lenha, acenderam uma fogueira - trabalho dificultado pela humidade entranhada nos ramos. Bere Mali tentava acender o lume; o seu companheiro trepou a uma secular árvore, de tronco tomado pelas orquídeas selvagens e bem alapadas ao velho tronco coberto de musgos. As folhas verdejantes deixavam passar pouca luz; os cachos de flores estavam cobertos por enxames de abelhas enfurecidas. Lá no alto, Bere Mali conseguiu mais alguns galhos secos, mesmo cobertos de bolores cinzentos, para alimentar uma fogueira, na longa noite que iam passar no Mundo Perdido. Assaram e comeram os peixes, mesmo à bordinha do lago, no meio daquela solidão, apenas cortada pelos sonoros cantares das coloridas aves canoras, empoleiradas nas copas das árvores. Os pombos bravios, com o seu arrulhar característico, davam conta da presença dos intrusos naquele ermo local. Descansaram. No dia seguinte, os cudas, já recompostos, deram início à última parte da escalada, agora com passadas mais cadenciadas, projectando roliços calhaus para as bermas dos sinuosos carreiros. Após a longa caminhada, os dois aventureiros estavam a mais de mil metros de altitude. Foi então que Bere Mali encontrou um marco geodésico, uma pedra já tisnada por repelentes fungos, bem saliente de uma rocha, por cima das suas cabeças. A vegetação circundante era de velhos e alongados cafeeiros, restos de uma antiga plantação abandonada, a meio do caminho do cume, que outrora produzira café, segundo os mais antigos. Os cafeeiros, à procura do sol que não viam, só cresciam em altura, desafiando as altas copas das árvores de sombra e exibindo as

suas longas cabeleiras de plantas, verdadeiros tufos de parasitas, baloiçando ao vento da serrania. Os dois rapazes pararam; os pássaros, como que por encanto, deixaram de cantar e as florestas substituídas por bosques de bambus e arbustos espinhosos.

Bere Mali ainda tinha nos ouvidos as palavras mágicas do catuas, seu tio:

- Vós, meus meninos, depois de passarem a plantação de café assombrada e há muito abandonada, quando os loricos deixarem de cantar, lembrem-se das minhas recomendações. Todo o cuidado é pouco! Estão no Reino do Maromac...!

Os dois caminhantes, no meio da densa plantação, silenciosa e escura, certamente povoada de fantasmas, sem um único lorico a cantar, sentiram medo! Sabiam que, àquela altitude, nem os pássaros conseguiam viver...

Veio-lhes à memória a fala do catuas:

- Encontrarão umas flores silvestres amarelas e uma mata de cafeeiros antigos, de troncos esguios e sinistros, que irão acenar-vos com os seus escuros rasmos, enfeitados de perfumadas flores brancas. Então, meus filhos, estarão entregues a vós mesmos, no Reino do Maromac. A minha bênção! Muita atenção peço-vos. Desse local, se o tempo estiver de feição, avistarão o Taci-Feto (o Norte da ilha de Timor), as ilhas das Flores e do Ataúro e outras, espalhadas num imenso mar de tinta azul. Tirem os bonés e rezem, como aprenderam na catequese.

Bere Mali e o companheiro apearam-se, ataram os cavalos a um bambu, e, de joelhos sobre a relva fria e verde, rezaram:

"Pai Nosso que estás no Céu..."

Levantaram-se e sacudiram a terra molhada, grudada aos joelhos... Lá do cimo do monte, avistaram as serranias, as infindas e verdejantes planícies do litoral, salpicadas de pinceladas de mil cores. Viram os vários talhões das várzeas, em diferentes tons de verde, o verde do milho, do feijão e das pradarias descendo até à linha da costa. O Sol, quase moribundo, já não se via, engolido pelo horizonte encarniçado de um fim de tarde.

- Vamos ficar nesta clareira - dizia Bere Mali! Esta-mos fatigados de tanto subir.

Com uma catana, cortaram algumas canas de bambu e umas lianas e improvisaram uma cabana para se abrigarem durante a noite. Com lenha seca, apanhada nos arbustos, acenderam uma fogueira por entre pedras. Comeram peixe assado que sobrara. Dormiram no alto da serrania, ouvindo o batucar dos grilos nas fendas das rochas, o agoirento piar das corujas nos ramos das árvores depidas e o chiar dos negros vampiros, à cata de alimento na selva. Bere Mali sabia dos cuidados a ter com esses mamíferos voadores, recomendações do tio, antes de partirem para a montanha. "Os vampiros alimentam-se de sangue e na sua falta até matam búfalos". Bere Mali certa vez vira na planície uma árvore totalmente negra, tal a quantidade de vampiros nela pousados. Outra vez, os vampiros deixaram muitos búfalos exangues, espalhados pelo capim das várzeas de Baidubo...Para afastar os maus pensamentos, Bere Mali procurou localizar a Estrela Polar, num firmamento negro-azulado e salpicado de pontos brilhantes. Aprendera com o professor Relvas a orientar-se pela Estrela do Norte, na semana anterior.

- Bere Mali, não vais encontrar a Estrela Polar!

- Porquê?

- Pelo simples facto de estarmos no hemisfério Sul, a oito graus do Equador, como o nosso professor nos ensinou. Essa Estrela só é visível no hemisfério Norte...

- Sim! Que pena! Bem sabes que na escola ando com a cabeça no ar...

- Compreendo-te...

Estranhos ruídos enchiam a escuridão da noite, sufocando os garotos com um manto de medo. Ouviram-se passos dos matandoc's nas trevas da mata e bem como o restolhar dos seus pés nas folhas secas das florestas. Os pios das aves noctívagas, empoleiradas nas árvores de ramos nus e virados para o céu escuro, mesmo por cima das suas cabeças, não os deixavam dormir. A Lua, qual abóbora amarela, nascera redonda, iluminando as sinistras cabeleiras, formadas de sombrios líquenes, pendentes dos troncos apodrecidos. Algo de tenebroso perturbava a mente dos dois aventureiros. Era o medo que fazia gelar o sangue nas suas veias, na noite passada na encosta do Mundo Perdido e cordilheira do Mata Bia. Bere Mali levantou-se e, embrulhado numa manta castanha, foi atear a fogueira, cuja última brasa se

extinguia nas cinzas. A chama, auxiliada pela brisa vinda das trevas, iluminava os rostos assustados dos dois rapazes. As aves noctívagas, igualmente assustadas, pararam de piar, voando para as ramadas mais altas, deixando cair fragmentos secos de lenha retorcida - quais braços ossudos de invisíveis fantasmas. Sentados sobre num tronco podre, mesmo à porta da cabana, contemplavam a chama amarelada da fogueira, com medo que se extinguisse. Após um longo silêncio, apenas interrompido pelo batucar dos insectos nas cavernas das rochas ou crepitar do lenho na fogueira, Mau Bere falou:

- Sabes, Bere Mali, trago cá dentro um grande segre-do e gostaria de contá-lo para ti!

Mais alguns paus de lenha seca foram atirados para a fogueira para afastar os fantasmas...

- Queria revelar-te o motivo pelo qual o teu pai te manda guardar búfalos, lavrar várzeas, tratar das cabras e fazer outros serviços pesados, enquanto os teus irmãos brincam e fazem trabalhos leves?

Bere Mali, distraído, olhava as longas cabeleiras das trepadeiras silvestres, baloiçando sobre a cabana.

- Estás muito distraído! Até parece que estive a falar para os bonecos ou, aliás, fantasmas...

- Desculpa-me lá...! Podes continuar...

Nesse instante, um escaravelho preto, dos grandes, diferente dos das planícies, trepara pelo tronco podre de uma árvore fugindo ao calor da fogueira, agora bem ateada pela aragem vinda das trevas.

- É pelo simples facto de não seres filho dele...!

- O quê...?!

- Sim! Não és filho daquele homem a quem chamas de pai, o que vive com a tua mãe, esta sim, verdadeira...

- Estás a brincar comigo...! A sério? Falas a verdade?!

- Estou a falar a sério...

Um estranho ruído rasgara o silêncio da noite. Era o esvoaçar das asas de uma

coruja, que saíra de um buraco da rocha, deixando tombar fragmentos de pedra. Os toros crepitavam na fogueira e o fumo subia em espiral para um céu escuro. Bere Mali coçou a ferida numa das pernas, "coisa de sanguessugas mal arrancada nas várzeas", fitou a face do companheiro, iluminada pelo clarão amarelado da chama, atirando alguns toros para a fogueira.

- Então, há muito tempo, sabias do segredo e não mo revelavas! Fala mais claro para eu te perceber melhor! Quem é meu pai?

- Teu pai, se queres mesmo saber, é um malai-sar-gento da tropa, que esteve em Baucau numa Companhia, vinda de Portugal, há muitos anos. Chamava-se o sargento de António e, segundo ouvi dizer, conheceu a tua mãe quando ela era mais nova e tomava conta dos filhos do capitão Silva,
em Baucau...

- Queres dizer que a minha mãe fez nona com esse tal sargento?

- Sim, isso mesmo...!

Bere Mali escutou o que o companheiro lhe contara e, para disfarçar a fúria, resolveu contar pirilampos, faíscando nas ramadas dos bambus. Falou em voz alta:

- Sim! Sim! Agora já sei o motivo que leva meu pai, não, padrasto, a não gostar de mim e da razão desta minha pele mais clara que a dos meus irmãos...

Jogou mais algumas achas para a fogueira quase morta, e questionou, seriamente, e mais uma vez, o seu amigo:

- Onde está o tal sargento-malai?

- Já embarcou para Portugal, há um ror de anos, mas disse à Bere Quica - uma amiga da tua mãe - "que um dia mandaria buscar o seu filhinho, para lhe dar uma boa educação decente, num bom colégio da terra, quiçá Universidade privada!".

*****

Os pássaros voltaram a cantar nas verdejantes matas do Mundo Perdido; o sol,

sem pedir licença, entrara pelas frestas das canas de bambu da cabana; os cavalos, atados a uma árvore, mostravam-se impacientes e queriam ir beber água, correndo ruídosamente num regato ao lado dos dois aventureiros. Assaram algumas batatas e mandiocas na fogueira - as últimas que levavam nos bornais. As matas de café tinham desaparecido, engolidas pela densa vegetação da encosta. Viam-se alguns troncos podres tomados de trepadeiras despidas de folhas e cobertos de bagos acastanhados e pendentes. A caminhada continuava...Um dos rapazes levava seu cuda pelo cabresto e o pobre animal dava sinais de grande cansaço, espumando um muco esbranquiçado e respirando com dificuldade por causa da altitude. A metade da caminhada estava feita; o Sol já ia alto, por cima das suas cabeças onde as nuvens passavam alapadas aos rochedos. Lá do alto, nada viam. Pararam para mais um pequeno repouso. Das rochas, a água corria em cascata, saltitando por entre os muitos tufos de fetos arbóreos, indo alimentar as nascentes e os regatos, tão necessários às várzeas da planície.

Os dois amigos conversavam:

- Não achas, Bere Mali, que a Natureza devia ser protegida, como uma herança para os nossos filhos?

- Sim, é verdade! Tens razão. Na planície, farto-me de dizer aos mais velhos que não devem fazer queimadas nocivas, coisas que aprendemos na escola com o mestre Relvas, como bem sabes! É certo que o fogo mata os bichos da terra, prejudiciais às colheitas, mas, qualquer dia, as chamas galgarão as encostas e adeus ao Mundo Perdido, com toda a sua beleza...!

- Isto não arde! É mato muito verde e as chamas não pegam em mato verde!

- Olha o tufo de bambus à nossa frente! Não vês um veado? Sou capaz de fazer uma zarabatana e abater o animal! É fácil! Só preciso de cortar uma cana de bambu muito direitinha e se não for direita endireita-se a fogo, depois umas setas, penas e já está...

Os dois amigos depressa construiram duas zarabatanas mas os veados já lá não estavam, contentando-se com os pombos bravos, empoleirados nas altos ramos das seculares árvores de pau-rosa. Enquanto almoçavam, outros veados vieram saciar a

sede à nascente.

- Vamos abater um deles?

- Não! - respondeu-lhe o amigo. E o que fazemos depois à carne?

- Levá-la para a planície, às costas?

- Não e não! Vamos deixar os veados. Fazem parte da Mãe-Natureza, que deve ser preservada.

Os aventureiros meteram-se a caminho, levando as montadas pelas cordas; os pés estavam feridos e pernas arranhadas pelos picos dos bambus. Caminharam mais depressa, pois urgia atingir o cume antes da noite. A tarde chegara e, quase exaustos, viram o pilarete de cimento, coberto de musgos, onde se lia a altitude do Mundo Perdido (1769 metros). No topo não havia árvores, nem arbustos. Apenas uma vegetação rasteira, que conseguira sobreviver aos fortes ventos gelados das alturas. Das rochas estaladas brotavam algumas pequenas e invernosas flores amarelas; o vento passava uivando pelas raquíticas plantas, vergastadas pelo vendaval; os cavalos expiravam o vapor pelas narinas abertas. Chegara a noite das trevas, noite das as almas penadas, os habitantes das escuras cavernas. Os vampiros, de membranas pretas, saíam dos seus esconderijos para as longínquas planícies. Os dois aventureiros deitaram-se num chão de folhas fofas, abrigados do frio, no fundo de uma caverna de boca escancarada, cujo fim não se via. Os morcegos, em voos cegos, incomodados com o fumo da lenha verde, fugiam aos encontrões, dando gritos lancinantes de fazer gelar as espinhas; alguns estavam suspensos pelas patas, de cabeças para baixo, fitando os intrusos, incomodados com o clarão alaranjado da fogueira; o céu via-se salpicado de estrelas. Rezaram e dormiram, sentindo medo dos matandoc's - dos que o catequista lhes falara na planície... De manhãzinha, foram acordados pelo chilrear dos pássaros nos tufos de ervas pendentes das rochas, ainda a tempo de verem nascer o Sol num horizonte colorido. Mais uma vez, treparam ao local onde estava o marco geodésico. Contemplaram as planícies, onde diariamente pastavam os búfalos cinzentos, no meio do lodo cinzento, cheirando a terra podre.

- Adeus Mundo Perdido - exclamaram em uníssono!

Capítulo 3

De regresso ao suco

Entretanto, na povoação, o professor Relvas comunicara aos pais a falta dos dois rapazes. O sipaio mandou um morador ir procurá-los nas várzeas da vizinhança, pois até podiam ter caído nas valas de irrigação, onde, à tardinha, costumavam ir pescar camarões e tilápias, para venderem nas lojas chinas. Ninguém foi encontrado. A busca durara três dias e três noites, o tempo de ausência dos rapazes no topo do Mundo Perdido. Passou-se mais algum tempo e não havia notícia dos rapazes. Quando já ninguém esperava pelos desaparecidos e os pais choravam pelos sucos e povoações, os dois garotos apareceram. Foi num cair da tarde. Vinham rotos, sujos, cansados e cheios de fome. No dia seguinte, mesmo contrariados, foram recambiados para a escola do mestre Relvas. À espera, os monótonos e aborrecidos trabalhos, fechados numa sala donde avistavam o topo do Mundo Perdido, através de uma das janelas. Afinal, lá no alto, não encontraram nenhum matandoc, como o tio lhes contara, quando, sentado num tronco de palavão, fumando o cachimbo de raíz de cafeeiro, vendo a Lua iluminando as várzeas, sempre cobertas por um branco lençol de névoa.

Após um dia na escola, Bere Mali foi guardar os búfalos. Os canteiros estavam a ser replantados com o néli dos viveiros, trabalho para as frágeis mulheres curvadas e com as pernas enfiadas no lodo fétido até aos joelhos. Era assim a tradição na zona...O cheiro a lodo, misturado com o dos excrementos dos búfalos, enchia o ar. A Daninhas - a búfala de estimação de Bere Mali (assim denominada pelos estragos causados nas hortas vizinhas) olhava os canteiros de tenras plantas, acabadas de serem metidas no chão pelas mãos das raparigas, em filas de quatro, com o fofo e

fétido lodo cinzento até à cintura. As rãs coaxavam nos charcos e a Daninhas com vontade de saltar a vedação de paus e fazer das suas... O ano foi de seca e as valas traziam pouca água e as ribeiras quase secas. Agora seria mais fácil apanhar os camarões gigantes no lodo das valas e vendê-los nas lojas chinas, a um tostão cada. Só que, sem a água, as valas ficariam secas e estaladas, tomadas pelo capim alto e o chão das várzeas fendido pelo terrível calor da costa Sul da ilha. Bere Mali ainda tinha na memória daquele maldito ano em que tudo acontecera... A fome caíra sobre a zona. Nos anos bons, faziam-se várzeas nos sítios altos, mas sem néli as famílias passariam fome ou comiam a farinha do tronco das palapeiras pilados e frutos silvestres. Era com o miolo das palapeiras que os pais alimentavam os filhos, misturando-o com um pouco de leite que as búfalas ainda iam dando. Bere Mali não desejava que o suco de Ossuroa e toda a região do Sul da ilha fossem palco de outra terrível seca, de má memória. O tio contara-lhe que havia anos de pouca chuva, intercalados com outros de autênticos dilúvios... Coisas do tempo... Foi o mesmo Lequi Bau a falar-lhe da chamada guerra das águas...

- Sabes - dizia-lhe o tio - aquele ano foi de pouca água e surgiam os tais ladrões, que pela calada da noite, iam desviar os fracos caudais das valas de irrigação das várzeas, desrespeitando as escalas feitas pelos datos para cada zona. Certa vez, resolvemos montar guarda à mãe-de-água, com a disposição de darmos cabo deles...

O tio falava vagarosamente, cuspindo o muco encarni-çado da masca para o tronco da toranjeira do quintal.

- Como bem sabes, meu sobrinho, a água é vital para as nossas várzeas e não podemos passar sem ela. Sem néli há fome.

Fez um pausa, dizendo-lhe que o resto da história ficaria para outro dia, pois tinha de ir ajudar uma búfala a parir no curral, lado da casa.

Bere Mali, após um dia na escola, onde o mestre Relvas os obrigava a decorar os nomes das serras, rios, caminhos de ferro de Portugal e as suas principais estações, sem se preocupar com as ribeiras e montanhas de Timor, seguiu para a várzea, onde os pachorrentos búfalos pastavam na erva fresquinha da pradaria. No seu íntimo,

ouvia o grito da revolta:

- Os irmãos Lequi Bau e a Bilaca ficavam em casa a brincar, debaixo das toranjeiras do quintal ou da árvore-lúlic, escondendo-se por entre o emaranhado das raízes. Para ele o trabalho pesado da guarda dos animais. Ficava horas a fio, sentado no alto de um penedo, vigiando o gado. Um velho palavão oferecia-lhe uma acolhedora sombra. Comia catupa e espigas de milho e ali dormitava até ao cair da tarde, com os cadernos ao lado e sem vontade de os abrir. Numa estrada serpenteando o morro de terra vermelha ferida pelas últimas chuvadas, corria uma viatura militar, carregada de militares de espingardas e fatos de camuflado. Iam caçar nas planícies - "carne para o rancho" - no dizer do cabo gorducho e bonacheirão, que até gostava de brincar. Sentado no penhasco, pensava em voz alta:

- Nesta terra não há guerra! Para quê tanta tropa?

- Viemos defender-vos do "inimigo" - era a pronta resposta do Cabo Bernardino - o tal gorducho do rancho...

- Mas que inimigos?

O Mau Cura também falou:

- Tens razão! Não há inimigos nesta terra de paz. Os inimigos, para eles, são os veados que andam a caçar nas planícies com as espingardas G3 e Mauser. Ainda ontem, encontrei um pequeno veado, ferido numa das patas, alí, naquele tufo de bambus junto à nascente.

O Sol tinha pressa em se enconder. Os dois amigos meteram-se a caminho das palapas, após terem os búfalos, entrado nos currais para a noite.

- Sabes que continuo a pensar na história do meu pai - aquele sargento-malai - de que me falaste ontem, lá em cima, no Mundo Perdido...

- Onde estará ele agora?

- Em Portugal, a terra onde nasceu...

Com raiva, Bere Mali chutava tudo o que encontrava pelo caminho: dos torrões de argila, às bostas de búfalos ressequidas e espalhadas pelo caminho. Junto ao pontão, unindo as duas margens da povoação, corria uma ribeira, cantarolando por entre os inhames. Foi aí que Bere Mali se encontrou com a irmã Bilaca, transportando um

longo canudo de bambu cheio de água da fonte. As catatuas e os loricos não paravam de cantar. A irmã passou pelo irmão, olhou-o de soslaio em tom de troça, endireitou o bambu no ombro como se fosse uma espingarda da tropa, desaparecendo na curva do carreiro, junto a uma mangueira bem carregadinha de frutos maduros, baloiçando ao vento. Em voz alta, pensava o Bere Mali:

- Agora, já sei dos motivos que te levam a olhar para mi com desdém! Sei que não gostas de mim nem um bocadinho que seja! Contaram-me o segredo, lá em cima, no Mundo Perdido!

*****

Meses depois:

Bere Mali levantou-se. Era feriado - Dia da Raça - um 10 de Junho de 1963 - felizmente um dia sem a chata escola do mestre Relvas, que já seguira de férias para Suai. A primeira do tarefa do dia foi soltar os animais, ainda presos nos currais de paus de palavão. Embora o sol estivesse bem alto, Bere Mali pôs-se a caminho do local. Quando lá chegou, para espanto seu, não encontrou a Daninhas, que habitualmente era a primeira búfala a abandonar o curral, logo que Bere Mali levantava os primeiros paus da cerca.

- Daninhas...Daninhas ...Daninhas! - chamou pela búfala, vezes sem fim...Sua voz ouviu-se no valado distante.

O eco perdia-se por montes e vales, no silêncio agoirento daquela triste manhã, em que, na vila, se festejava o Dia da Raça. Os outros búfalos de focinhos no ar correram pelos campos fora, fazendo com que as graciosas garças, pousadas nos dorsos, voejassem para bem longe, para regressarem, uma a uma. Bere Mali perscrutou toda a várzea e perguntou a todos se tinham visto a Daninhas, ou alguma búfala perdida...Foi às várzeas do Lequi Bau, do Bau Cura, do Lequi Bua mas nada... Antes de regressar, deu uma olhadela à plantação do malai Silveira, local onde havia sempre hortaliças frescas, de sementes vindas de Portugal, mas nenhum sinal do animal encontrou! Triste e desiludido, sentou-se à sombra de uma jaqueira; comeu

uma enorme jaca madura, chupando o seu esbranquiçado miolo melado, acompanhado de densos enxames de ruidosas abelhas e verdes moscardos, disputando os despojos adocicados que tombavam para o chão. Depois, pôs-se a caminho da casa. Do alto, reparou num vulto caído numa ravina, ao pé de uma ribeira. Desceu pelo barranco por entre bambus e deparou, para a sua desgraça, com a búfala de estimação deitada no chão, com uma pata partida e entalada numa fenda ressequida da várzea. Uma espuma esbranquiçada saía-lhe da goela, meio entupida de capim bem amassado pelas esverdeadas fiadas de dentes. Com um bambu, foi buscar água a um regato. O animal não quis comer nem beber. Pela certa, iria ser abatido e ele levaria uma tremenda sova do padrasto, com aquele ressequido e duro couro das rédeas...

Já o ouvia a berrar, como um verdadeiro louco:

- Labaric renegado, rapaz sem cuidados, filho de uma
uma cabra, menino ruim e outros mimos a que já se habituara...

Caminhava pensativo, com as palavras do padrasto, zumbindo-lhe nos ouvidos:

- Não tens cuidado! Só sabes trepar às goiabeiras e mangueiras do caminho e nem para a escola serves...

Bere Mali sentara-se à entrada da povoação, ao lado da vala que servia as várzeas; a água já não corria como nos anos anteriores. Especado no local, via as pessoas regressarem às palapas, sem vontade de fazer o mesmo, e pensando na maneira de ocultar o facto ao padrasto, sabendo que ia apanhar uma valente sova, na presença dos irmãos, coisa que detestava...O Sol estava quase a passar para lá das montanhas; o frio cacimbo molhava as folhas das bananeiras e as hastes floridas do capim do caminho baloiçavam ao vento fresco da manhã Bere Mali, de mochila às costas, tomou o caminho do suco de Ossuroa, com o coração batendo em acelerado. Quando chegou à casa, os grilos já batucavam nas fendas dos muros e as fogueiras lumiavam os terreiros, deixando escapar um fumo espesso da lenha verde, ficando a pairar nas altas cumeeiras das palapas. Os porcos comiam a ração da noite, de abóboras da horta e as galinhas pulavam para as laranjeiras do quintal para aí passarem a noite, longe das cobras. Bere Mali parou à entrada do pontão de madeira e pendurou a

mochila num galho debaixo da jaqueira. Depois, olhou em direcção à sua casa; um clarão amarelado iluminava algumas pessoas, sentadas em esteiras de bambu espalmado, junto a uma fogueira, onde, numa panela de barro preto, ferviam algumas espigas de milho verde e ramos de abóboras. O padrasto conversava com um dos presentes sobre o caso dos ladrões de água e Bere Mali não teve coragem de o interromper e dar-lhe a triste notícia do acidente com a búfala Daninhas. Sentou-se sobre uma saca de néli e aí ficou a escutar a conversa, pelas fendas das paredes de bambus tecidos.

- Sabes, Mau Bua - assim falava o padrasto - qualquer dia vamos dar cabo desses ladrões que andam a desviar a água das nossas valas de irrigação, pela calada da noite!

Mau Bua era uma das pessoas mais influentes do suco, a seguir ao dato. Tinha barbas brancas, a pele queimada pelo sol da planície, nariz adunco, orelhas bem destacadas da cabeça já com poucos cabelos, dentes amarelados pelo tabaco do cachimbo de raíz de cafeeiro (objecto que pendia da sua boca avermelhada pela masca). Das mãos escuras saíam-lhe algumas grossas veias, iguais às raízes da árvore-lúlic do terreiro e trajava lipa. Um cinturão de couro preto, com várias patacas mexicanas em prata, brilhava à luz amarelada da fogueira.

- Vamos dar cabo desses ladrões de água - afirmava o padrasto - coçando a cabeça, enquanto enchia o peito com o fumo acre do cachimbo de raíz do cafeeiro.

O catuas Mau Bua respondeu-lhe:

- Lembro-me bem, do tempo da guerra entre os japo-neses e australianos - época em que os ladrões quiseram desviar a água das várzeas...

- Mas esses malandros não ficaram com vontade de repetir a façanha! - acrescentara o seu interlocutor...!

Continuava a narrar:

- Naquela altura, fomos à mãe-de-água, e escondidos nas matas de bambus, esperamos por eles. A noite já ia alta, quando os ladrões apareceram de dentro do capim molhado e pararam. Um deles dirigiu-se à vala maior e com a palha tentou vedar a regueira. Caímos sobre eles, com azagaias e catanas e...

Fez-se silêncio no interior do aposento, invadido pelo fumo dendo e acre.

Foi a vez do padrasto falar:

- Mas, Mau Bua, agora os tempos são outros e não há guerra! Não podemos fazer justiça com as nossas próprias mãos, não achas?

*****

A data para a caçada aos ladrões de água ficou marcada para um sábado de Lua cheia. Pela calada da noite, os moradores seguiram pela encosta acima, armados de azagaias, arcos e setas, utilizando um carreiro pouco frequentado, só conhecido pelos caçadores de veados e javalis. Pelo caminho apanharam três corsas, que ficaram penduradas na casa da guarda, na várzea. Os fiscais da água esconderam-se no meio do capim alto, à espera dos ladrões. O dia já vinha no horizonte quando o capim começou a agitar-se. Espreitaram. Eram os ladrões, em número de três, e vinham armados de ferros, azagaias, arcos e setas. Uma seta sibilou no ar e apanhou um deles, no momento em que ia desviar a água da vala com um braçado de palha de arroz. Um vulto ficou paralizado com o veneno que levava a ponta da seta; um outro ladrão, entretido com a palha para entupir a vala, nem tivera tempo para reparar no corpo do companheiro, a boiar na água da lagoa. Uma segunda seta partira do arco do padrasto, sibilando no ar e atingindo o terceiro ladrão, que, ao tentar fugir, caiu numa armadilha para a caça aos javalis e ficou pendurado no laço, de cabeça para baixo, gritando desalmadamente pelo socorro...

- Tirem-me daqui, por amor ao Maromac...!

O sobrevivente foi trazido para o suco de Ossuroa e atado a uma arequeira ao sol, com uma caneca de água a pouca distância, de forma a não poder nunca tocá-la. O dato pretendia que a sua exposição servisse de exemplo, "para desencorajar os futuros ladrões da água das várzeas do Reino"...

Bere Mali ainda não comunicara ao padrasto o sucedido à búfala Daninhas e falava

aos irmãos, sentados na escada:

- Se tive pena da minha búfala, como poderei ficar insensível ao sofrimento deste homem, amarrado à arequeira, sob um sol escaldante, só por ter tentado desviar a água de uma vala?!

Abeirou-se do detido e prometeu trazer-lhe água fresca e comida, mas só pela calada da noite, e disse-lhe que ia avisar o chefe do posto. As mãos do desinfeliz ladrão sangravam com a pressão das grossas lianas, presas à alta arequeira do quintal; os seus lábios estavam ressequidos, esbranquiçados e estalados pelo calor da planície; os cabelos apresentavam-se colados à cabeça - uma mistura de pó, suor e de sujidades várias... Já noite cerrada, Bere Mali levantou-se, e, às escondidas do padrasto, desceu a escadaria de pau da palapa e foi levar água e um pouco de mandioca ao preso, sempre debaixo das maiores cautelas...

Antes que o Sol despontasse no horizonte, o rapaz, em vez de seguir para a escola, dirigiu-se ao Posto administrativo para comunicar o facto ao sipaio de serviço. Sabia que o seu gesto iria desencadear uma incontrolável ira do padrasto e das gentes da povoação, mas, mesmo assim, não se importou. O chefe do posto tomou nota da "grave e insólita ocorrência" e, de imediato, com o Bere Mali na parte traseira do Jeep servindo o denunciante de guia, pôs-se a caminho do suco de Ossuroa, local onde o rapaz afirmava ter visto o prisioneiro amarrado à arequeira, havia três noites e três dias e quase à morte...

*****

Foi num dia de calor de rachar, daqueles em que o chão vomita fogo, oscila com brilho e tremula frente aos nossos olhos, criando inúmeras miragens na esbranquiçada e seca terra dos caminhos. As frondosas árvores de teca, de grossas e rugosas folhas batidas pelo vento quente das planícies do Sul de Timor, sacudiam os seus ramos, deixando cair mansamente alguns cachos de flores - quais voos planados dos milhafres nas alturas, à cata dos pintaínhos desabrigados e destraídos. Bere Mali, sentado na caixa, saltitava com os muitos balanços da viatura, divertindo-

se à farta com a brincadeira, pois era a primeira vez que viajava de Jeep. Pelo plástico poeirento da divisória foi indicando ao chefe do posto o melhor caminho. A entrada para a povoação fazia-se por um pontão de toros de teca, madeira que dura muitos anos dentro da água, "razão da sua procura pelos portugueses para a construção das caravelas" - como o mestre Relvas lhe ensinara na aula... Horas depois, a autoridade estava no grande terreiro da povoação, local onde os porcos focinhavam na terra e as galinhas debicavam o chão à procura das minhocas. Um silêncio de cumplicidade entre o chefe da povoação e a sua gente. Bere Mali foi o primeiro a pular da viatura, ainda em andamento, quase que estatelando-se num tufo de inhames, nas margens de um regato barulhento. Por detrás da paliçada estava o prisioneiro, bem atado a uma arequeira, com a caneca de água mesmo ao lado, sem a poder tocar com as mãos esquálidas e ressequidas pelo calor tórrido da planície. O chefe de posto estacionou o Jeep à sombra de uma árvore e, de imediato, mandou chamar o dato, que já vinha descendo a escada da palapa. A autoridade afinou a grossa voz, sacudiu algumas moscas e mosquitos do pescoço e falou-lhe:

- Quero saber quem mandou amarrar este homem no tronco?

- Não sei, senhor chefe! - respondeu-lhe o dato, visivelmente atrapalhado! É que quando cheguei à povoação ele já estava atado à arequeira grande...É ladrão!

- Mas quem o atou? - insistiu o chefe de posto, com raiva!

A resposta não saía da boca de ninguém... As abelhas rondavam ruidosamente sobre a jaca madura, pingando um mel viscoso para o chão. O zumbido dos insectos cortava a calmaria da planície... Bere Mali desceu da toranjeira, com uma fruta amarelada e perfumada nas mãos, rasgou a grossa casca, comeu um gomo e falou:

- Foi esse homem! - o meu pai, ou melhor ainda, o meu padrasto...!

- Quem é o teu pai ou teu padrasto, tanto me faz!

O rapaz pousou a toranja desfalcada de um gomo no muro do quintal e apontou o dedo ao homem que falava com a autoridade, meio escondido pela multidão, à sombra da velha mangueira do terreiro... O detido, por ordens da autoridade, foi solto e o dato intimado a comparecer de imediato na sede do posto "para melhor me esclarecer essa lengalenga mal contada" - Era a voz do chefe do posto. O padrasto

do Bere Mali veio conversar em separado com a autoridade, que não gostara da cena, olhando ao mesmo tempo o ”filho”, como que a dizer-lhe: “daqui a pouco, quando o carro partir, vamos ajustar as nossas contas, seu maldito...” O ladrão de água, mancando de uma das pernas, trópego e coberto de pó, desapareceu mato dentro.

Capítulo 4

A fuga de Bere Mali

Assim que a viatura se pôs em andamento, atravessando o pontão de troncos de teca, rumo ao posto, o padrasto não se fez esperar:

- Então seu grande filho da mãe, tu foste denunciar-me à autoridade? Sempre te considerei um filho desnaturado, mas nunca pensei chegar ao ponto de me denunciares ao chefe do posto, seu malandreco! Agora é que vais sentir o sabor do couro ressequido do meu chicote...!

O padrasto dirigiu-se à árvore do quintal, local onde pendurava os arreios dos cavalos e de lá sacou uma rédea de couro novo, brandiu-a no ar com força, sob o olhar atento e conivente de Lequi Bau e da Bilaca, os seus filhos de estimação. Depois, com passos firmes, caminhou em direcção a Bere Mali, praguejando em voz alta, pelo caminho:

- Agora é que vais ver, seu filho...

O menino Bere Mali, mais ágil que um cabrito do mato, não esperou pela vergastada, que já sibilava no ar. Saltou a alta paliçada de bambus e paus - qual veado nas encostas do Mundo Perdido - desaparecendo por entre o capim alto e tufos impenetráveis de fetos arbóreos, inhames de folhas largas e capim das margens da ribeira. Por alguns meses, ninguém viu o rapaz - aquele filho do sargento-malai de Baucau, como já era conhecido. O pobre labáric, que ainda mal completara os doze anos de idade, andou refugiado no mato, comendo mangas verdes, goiabas, tirando cocos das plantações e bebendo a água das ribeiras... Caminhava de noite para se proteger do impiedoso calor e dos que pudessem denunciá-lo às autoridades, pois o padrasto, pela certa, devia ter apresentado uma queixa no posto. Dormia numa

improvisada barraca, lá para os lados da praia de Béaço, com medo das jiboias e dos jacarés, animais abundantes nos mangais da costa. Levantava-se muito cedo e, na maré baixa, pescava nos recifes de corais com ajuda de um veneno, cujo segredo o tio lhe passara, dias antes. Durante meses, fugiu sempre, do padrasto, das autoridades e de toda a gente. À tardinha, trepava para as altas copas das árvores e daí contemplava as várzeas das planícies, os búfalos e cavalos pastando nas verdes campinas. As suas roupas transformaram-se em trapos. Apenas alguns bocados de tecido tapando-lhe o seu sexo. Quando o Sol estava prestes a passar para lá do horizonte, corria pela planície até Béaço, pisando a branca areia da praia, chutando as conchas dos Nautilus e brincando com as estrelas-do-mar, apodrecidas ao sol no meio de nuvens de moscas varejeiras. Bere Mali via os beiros na faina da pesca, mas não se aproximava deles com receio de ser denunciado às autoridades. Assim viveu por muitos meses nas matas da costa Sul da ilha de Timor, esperando por dias melhores... O tempo foi correndo, lentamente, mas correndo... A Lua fora cheia várias vezes...! Quantas Luas mais, Maromac? Certo dia, viu um tractor puxando toros de teca por um desconhecido caminho da mata. A pesada máquina amarela crepitava, deixando atrás um rasto de fumo e de pó que invadiam a serra, por entre bambus tombados pela brisa da tarde. Seguiu o rasto da máquina, sem ser visto ou ouvido pelo tractorista, mais preocupado em transportar para a Serração os toros de boa teca, certamente cortados clandestinamente. As horas foram passando. Bere Mali caminhou a pouca distância do barulhento tractor. Quando este parava ele parava também. O dia já ia a meio, e, finalmente, chegaram a um portal, aberto numa vedação de paus de palavão preto. A máquina, arrastando os toros, imobilizou-se no meio de um terreiro, ao lado de uns alpendres de chapas de zinco ondulado. Numa placa de madeira, à entrada, baloiçando num arame enferrujado, lia--se:

SERRAÇÃO DE MADEIRAS
de ANTÓNIO
“O MALAI”

Bere Mali encaminhou-se para o barracão, onde alguns trabalhadores, acocorados à volta de uma fogueira, esperavam pela comida, que fervia numa panela de barro preto, deixando escapar para o ar um vapor esbranquiçado, subindo às chapas de zinco brilhante da cobertura.

- Quem tu és? - perguntou-lhe um dos trabalhadores, descascando uma manga com ajuda de uma catana bem afiada.

- Sou Bere Mali...

- Donde vens tu, que até pareces bicho do mato? Qual o teu reino, o teu suco ou a tua povoação?

As serras mecânicas estavam paradas e os seus afiados dente de aço azulado enterrados nos grossos toros de teca e pau-rosa, suspensos dos cavaletes por grossas correntes e ruidosas roldanas.

O rapaz respondeu-lhe:

- Venho fugido do suco de Ossuroa; há já dois meses que ando vadiando por esse mato fora, escondendo-me das autoridades e da minha família...

- Então cometeste algum crime? Mataste alguém?

- Nada disso, não senhor...

Bere Mali sentou-se junto dos trabalhadores, ao lado das serras paradas e entranhadas nos toros de madeira. Foi então que contou aos companheiros a sua aventura, sem omitir pormenores. Como não via comida de caldeira havia muito tempo, agarrou-se a um prato de esmalte já estalado pelo uso e, aproximando-se da panela, encheu-o com uma mistura de milho cozido, mandioca e folhas de aboboreiras... A refeição já ia no fim, quando apareceu um homem que não devia ter mais de quarenta anos de idade, de cabelos esbranquiçados, calças de ganga, camisa às ricas, botas de lona da tropa e cara de misto de europeu e de china.

- Quem é esse fugitivo? - perguntou!

- Sou Bere Mali...

- Eu sou o capataz desta Serração. Meu nome é Ly Yong etoda a gente aqui me trata por capataz Ly, com Y e não com I, entendeste, meu rapazote? Vens pedir trabalho, não é verdade?

- Até dava-me jeito! - respondeu-lhe Bere Mali, com prontidão!

- Preciso de garotos da tua idade para o descasque dos toros, antes de irem para a serra mecânica. Queres trabalhar mesmo?

- Sim senhor!

Bere Mali, embora não gostasse da dura tarefa que tinha pela frente, não tendo muito por onde escolher, aceitou a oferta de trabalho...“ Sempre seria melhor que andar vadiando pela mata, sem rumo e sem direcção certa, fugindo, fugindo sempre, de tudo e de todos, até da sua própria sombra até ser apanhado pelo padrasto...”

Retirou os trapos sujos que trazia colado ao corpo, simples fitas de um tecido descolorido, e foi lavar-se numa das bicas da Serração. Depois, meteu ombros à tarefa de arrancar as duras cascas dos toros esbranquiçados das tecas, usando uma catana afiada que o capataz lhe emprestara, recomendando-lhe que não a perdesse, “pois o seu custo ser-lhe-ia descontado no salário”de uma pataca diária

- Melhores dias chegarão, meu rapaz - assim lhe falou o capataz, em tom paternal.

Capítulo 5

Na Serração

Bere Mali dormira e descansara da longa caminhada do dia anterior, em que correra atrás do tractor, puxando os troncos de teca e de pau-rosa, revolvendo a terra e deixando pelo caminho um rasto de poeira e fumo que irritava a sua garganta. Pela manhãzinha, foi acordado pelo capataz Ly, ao ligar o gerador-eléctrico da Serração - um velho motor recuperado da sucata deixada pelos japoneses após a guerra - e que ficou a matraquear, desafinadamente, a um canto do alpendre, vomitando fumo negro pelo tubo de escape, recurvado para o exterior. O tantan pôs em fuga os verdes loricos das ramadas das árvores do caminho. A neblina dissipara-se com o clarear do dia; alguns farrapos ficaram agarrados às montanhas vizinhas, tapando as ravinas mais profundas. Bere Mali, com ajuda da sua catana afiada, foi aprendendo a descascar os toros de teca e de pau-rosa, coisa que o mestre Relvas nunca lhe ensinara na escola, preferindo os nomes dos rios e das serras de um Portugal longínquo e desconhecido e a gramática... Os dentes aguçados da serra, movidos pela força da electricidade, rasgavam os rijos lenhos. O ar ficava toldado pelo pó avermelhado das serraduras e o perfume das madeiras invadia o armazém. Bere Mali, já farto de ser questionado sobre a cor clara da sua pele, sentia-se incomodado. Quando alguém lhe falava do assunto, batia com a catana no duro lenho, com raiva, fazendo saltar grossas lascas da casca e lenho do toro de teca à sua frente. O capataz Ly, que, afinal, era misto de china e de timor, orientava a Serração, cujo dono era o António - um português desterrado para a ilha por Salazar, havia já algum tempo, "por se ter metido em politiquices em Lisboa". Homem de avançada idade, o senhor António tinha a tez clara e muito curtida pelos sol do mato, passando a maior parte do dia à varanda da sua mansão, numa cadeira de rota, de pernas estendidas sobre um tamborete oriental de pele de camelo, enfeitado com desenhos

de dragões em dourado, e pandas comendo rebentos de eucalipto. O ancião gostava de fumar cigarrilhas estrangeiras, quando não tinha charutos havanos, e de beber whiskys de marca ou ler Jornais Díarios da Metrópole, ainda que muito atrasados - oferta da tropa, depois de passarem pelas messes de oficiais.

- Notícias muito frescas do meu querido e lon gínquo Portugal - afirmava o malai António, com água nos olhos, mesmo tratando-se de notícias com barbas...

Gracejava enquanto sacudia a espessa cinza do charuto no enegrecido corrimão de madeira tosca, da larga varanda da sua mansão situada nio coração do mato:

- Nesta terra, onde o urgente leva seis meses, o tempo não conta, caro amigo! Pressa para quê? Para irmos para a cova a pé...?

O capataz Ly aproximou-se do Bere Mali para ver se os troncos estavam a ser descascados e bem limpos das lianas. Não queria ver a serra trabalhar em seco, sem madeira e com motor a gastar o precioso gasóleo, que, às vezes, era a tropa a emprestar à Serração, quando a barcaça não chegava de Díli. O capataz coçou o bigode recurvado e queimado pela nicotina castanha dos cigarros ordinários, para logo comentar:

- Diga-me lá uma coisa, meu pequeno rapazote? Onde é que foste buscar essa cor pálida dos malais, bem como esse cabelo loiro e encaracolado, coisa dos australianos?

Naquele momento, a serra rasgava um roliço toro de pau-rosa, acabado de ser erguido para a plataforma, por um grupo de trabalhadores, com ajuda de roldanas e correntes de ferro. As serraduras caíam, do alto, em nuvens arrancadas pelo afiados dentes do aço azulado da serra e juntavam-se, em montículos, ao pé do motor eléctrico - a alma daquela sibilante e infernal máquina rotativa. Viam-se zonas de serraduras de tábuas de pau-rosa e outras das de teca, distinguindo-se pela cor.

- Tu não és obrigado a responder à minha pergunta! Perguntar não ofende, não é verdade, rapaz?

Bere Mali, mais calmo, pousou a catana de aço sobre o tronco e disse-lhe:

- Sou filho de um sargento - malai da tropa, de um que esteve em Baucau e fez nona com a minha mãe, já lá vão alguns anos...

O capataz Ly torceu o farto bigode acastanhado pela nicotina, respondendo-lhe de seguida:

- És muito novo, meu rapazote, mas com muito mau génio! Ainda tens a aprender com a porca da vida, meu moço! Guarda esse teu desaforo para o descasque desse montão de toros de teca, mesmo à tua frente, não vês?

A conversa foi subitamente interrompida, quando alguém veio chamar o capataz Ly para ir acudir a uma serra, que fumegava num barracão vizinho. Um trabalhador da Serração, que já passara pela ingrata tarefa do descasque dos toros, contou a Bere Mali que o capataz Ly tinha uma ninhada de filhos. O pai, Ly Seng, viera de Macau para cumprir uma pena de degredo, por crimes de sangue cometidos no negócio do jogo clandestino. Matara quatro capangas do chefe. Depois, juntara-se com uma timorense e dessa ligação nasceram três filhos, um dos quais era o tal Ly - o capataz da Serração do António Malai. Por ser bom trabalhador e perito na arte de trabalhar madeiras em tornos, a pedido do pai, foi contratado para orientar a Serração com dificuldades em dar satisfação às muitas encomendas de mobílias, portas, janelas e carteiras para Escolas. Um dos filhos do capataz, de nome Sulang, tinha a mesma idade do Bere Mali, mas não trabalhava... Bere Mali depressa se fez amigo dele e quando terminava o dia de trabalho, sentavam-se sobre as tábuas serradas e conversavam sobre vários assuntos. Sulang ia contando ao amigo todos os segredos das gentes que trabalhavam para o malai António - coisas que ouvia da boca do pai, quando jogava a majong com o patrão, invariavelmente ao cair da tardinha. Os dois amigos, à tardinha, iam tomar banho e pescar numa lagoa profunda e azulada, metida na montanha. Daí observavam o Sol a esconder-se no mar e escutavam a água jorrando em cascata por um desfiladeiro tão estreito que podia ser transposto de um só salto - brincadeira perigosa que faziam - mesmo correndo o risco de se despenharem para o abismo, ao menor descuido. O local fora escolhido para refúgio ou Paraíso, apenas partilhado com os loricos, catatuas e outras aves da floresta. De vez em quando, aparecia um veado para matar a sede na lagoa. Os dois rapazes escondiam-se entre os tufos de bambus, observando a graciosidade desses belos animais, de focinhos na água ou raspando com os chifres nos troncos, e as corsas, de

um castanho mais brilhante, equilibrando-se nas patas traseiras, à cata das pontas mais tenras dos altos rebentos dos bambus. Os veados mais velhos preferiam coçar o dorso nas rugosas cascas das árvores, deixando ao vento tufos de pêlos acastanhados. A noite caía. Os animais desapareciam nas matas e os dois rapazes, em desenfreadas correrias, vinham em direcção à Serração, divertindo-se pelo caminho como podiam. Apanhavam os pirilampos que, depois de metidos em garrafas, iluminavam as camaratas dos trabalhadores. Os vampiros passavam por eles, mas do que mais temiam era as jibóias, sempre penduradas nas árvores, aguardando a passagem das presas, de preferência cães!

- Bere Mali? - sabes de uma coisa?

- Diga lá, Sulang!

- Estás a ver aquela enorme árvore de teca, com um ramo partido em V?

- Sim! E depois...?

- Foi aí que, no mês passado, meu pai viu uma grande jibóia, com três metros de comprimento ou mais, tão grossa como uma perna. Meu pai vinha do curral, onde fora deixar o cavalo. Trazia pela corda um cão de guarda, de nome Black, por ser preto retinto. Foi com espanto que viu o seu animal de estimação ser içado para o alto do ramo, suspenso pela boca de uma gigantesca jibóia, bem enroscada ao galho.

Bere Mali acreditara na história contada pelo amigo, tanto mais que o tio lhe recomendara cuidados redobrados na mata e que, quando saísse, devia levar consigo um cão como isca, pois havendo jibóias pelo caminho, o animal seria a presa mais apetecida.

Capítulo 6

Quem era esse António Malai

- Fala-me desse António malai, ou desse Salazar que deportou o malai para Timor ?

Sulang respondeu-lhe:

- Meu pai conta que lera tudo num jornal da época, que falava do ditador que mandava em Portugal, após a Revolução do 28 de Maio de 1926. Quando António malai chegou a Timor com mais deportados políticos teve dificuldades em arranjar um emprego. Passou muitas privações, não falando na dureza do clima e picadas dos mosquitos das sezões, coisa a que não estava habituado e desilução por ter deixado a sua terra. Alguns deportados dedicaram-se à criação de gado, outros à agricultura e serração de madeiras. Com o tempo, constituiram família juntamente com mulheres timorenses foram arrumando as suas vidas e criando os filhos mestiços. Esse António era natural de Lisboa e estudava na capital - filho de boas famílias. Teve o azar de se juntar a um grupo de contestatários ao regime do Estado Novo, distribuindo panfletos pela Baixa lisboeta. Até disseram que tentou lançar uma bomba para debaixo de um eléctrico na Rua Augusta, tendo ficado maneta de um braço, o que lhe valeu a alcunha de malai-bicicleta... A Polícia Secreta de Salazar, infiltrada no meio estudantil, conseguiu desmantelar o grupo, deportando os seus elementos para Cabo Verde, São Tomé e, os mais perigosos para mais longe, para este longínquo Timor!

*****

Foi em 1959

- Então foi uma coisa parecida à revolta de Viqueque e Uato Carbau de 1959?

- Dessa, nada sei...Conta-me lá...

- Meu tio fala na revolta de má memória, a de 1959, em que um suspeito grupo desembarcara na praia de Aliambata, pela calada da noite. Queria estabelecer contactos com os revoltosos locais, descontentes com a administração portuguesa de Timor e com a tropa fazendo filhos e abandonando-os à sorte...

- Como no teu caso...?

- Não precisas de pôr a mão na minha ferida...

- Desculpa-me lá, se te ofendi...

Bere Mali quis saber mais notícias dessa tal revolta de 1959, até então por ele desconhecida ...

- Conta-me lá mais coisas antigas de Timor...

- Como te ia contando, o grupo de revoltosos reunia-se, regularmente, na localidade de Uato-Carbau e preparava-se para desencadear acções de guerrilha no interior de Timor. Só que um traidor, um Judas qualquer, deu com a língua nos dentes e o facto chegou ao conhecimento das autoridades civis e militares e PIDE, que já desconfiavam de algo. A Polícia entrou em acção, investigando e colhendo informações. Os revoltosos fugiram para o mato e aí ficaram escondidos, enquanto a tropa e as autoridades passavam a pente fino todo o litoral Sul, principalmente a zona da praia de Aliambata, onde foram vistas as tais embacações. Quando tudo parecia calmo, o grupo voltou a reunir-se em Uato-Carbau, Concelho de Viqueque, planeando acções com vista a libertação de Timor da administração colonial portuguesa, mesmo com ajuda de estrangeiros. A tropa foi informada a tempo. Cercou a povoação de Uato-Carbau e reprimiu violentamente a população, que não conseguira refugiar-se no mato. Um rapazinho, que fora dar comida aos porcos, escondeu-se na pocilga e daí assistiu a tudo, escapando, por milagre, para poder contar o sucedido ao meu tio.

- Sabes quem é ele?

- É o Leco Lia - o mecânico da Serração - aquele que, todas as manhãs, vem fazer pegar o motor da central eléctrica. Até dizem que teu pai - o tal sargento de Baucau - veio de Goa, disfarçado de civil, e tomara parte no massacre de 1959...

- Meu pai?

- Sim, é o que dizem! Ele esteve cá por duas vezes, mas nem toda a tropa faz mal às populações. Até ajudam-nas a construir escolas, canalizar a água e abrir as valas de irrigação...

- Sim! A esta terra vem parar de tudo: do bom e do mau...Meu pai contou ao António Malai, que um soldado, depois de beber muita tuaca, foi a uma povoação procurar uma nona para a noite. Como não encontrou nenhuma rapariga disponível - o catuas tinham escondido as filhas - obrigou o velho a ir arranjar uma mulher para ele, numa outra povoação! O ancião não satisfez as vontades do soldado e falou-lhe do seguinte modo:

- Senhor malai tropa, se, na sua terra, alguém fosse buscar a sua mãe ou a sua irmã, para aquilo que pretende fazer, qual seria o seu modo de agir?

O soldado furioso pontapeou o velho, sentado à porta da palapa, quando fumava calmamente o seu cachimbo de raíz de cafeeiro.

- Continua essa triste história...!

- O soldado, com uma pancada seca das pesadas botas da tropa, partiu uma das pernas ao indefeso catuas...

- E depois? O que aconteceu ao soldado?

- O catuas mandou o filho ir apresentar queixa no quartel mais mais próximo. O capitão, comandante da companhia, castigou exemplarmente o soldado, com o início de uma nova comissão de serviço na Guiné, zona onde a guerrilha estava bem acesa...

- Bom castigo, bom castigo! - respondeu Bere Mali, visivelmente satisfeito com a justiça militar do capitão.

- Mas falaste pouco do dono da Serração.

- Ele é um bom homem e não trata mal os seus trabalhadores, embora um pouco atrasado no pagamento dos salários. Vai dizendo que está à espera de receber

um dinheirinho da venda das madeiras ao Estado, que é mau pagador...Fica furioso quando ouve dizer que a tropa cometeu excessos nas povoações da zona, procurando ter o capitão sempre bem informado do comportamento dos seus soldados. Afirma que também foi militar no Regimento de Cavalaria em Portugal, e "ai daquele que maltratasse um elemento da população". António Malai movimentava-se já com muito dificuldade, "fruto da minha provecta idade e do cacimbo levado na serração" - como afirmava ironicamente. Mesmo assim, gostava da vida do mato e não do "rebuliço das cidades de Portugal, com o frio do Inverno a atormentar os meus velhos ossos". Da última vez que se deslocara à Mãe-Pátria fora para a reeleição do Presidente da República Craveiro Lopes e então verificou já não conseguiria viver fora da terra de Timor, que tomara por sua - "onde deixarei os meus velhos ossos, como sinal de gratidão pela forma como as suas gentes me receberam, num período muito difícil da minha vida".

Capítulo 7

A Vida

Os dois amigos cresceram juntos e trabalharam na Ser-ração por alguns meses, no meio dos toros de teca, pau-rosa e outras madeiras nobres, com o ruído das máquinas nos ouvidos, sujeitos a perigos vários. Os afiados dentes das serras não poupavam os descuidos e não era a primeira vez que os acidentes se verificavam e lá ia uma parte do corpo, na voracidade das suas lâminas afiadas. Até o simples deslocar dos troncos no interior do barracão exigia redobrados cuidados. Falava-se de um trabalhador que morrera soterrado no meio de uma avalancha de toros de teca e as autoridades nem sequer souberam do caso...Quando o sol fustigava as chapas de zinco ondulado dos barracões e as árvores de teca do caminho agitavam as suas grossas folhas verdes, Bere Mali limpava o suor frio da testa e, sentado sobre as tábuas, pensava em dar um outro rumo à vida, pois não queria ficar desterrado naquela maldita mata, ouvindo a serra a dilacerar impiedosamente as madeiras. Os cento e oitenta escudos que ganhava por mês (trinta patacas) nem chegariam para ele pagar o imposto de cabeça no Posto administrativo, (190$00) assim que completasse os dezoito anos de idade.

Quando findava o pesado dia de labuta na Serração, os dois amigos partiam para a cascata, correndo em desafio pelo carreiros fora. Chegados ao lago, atiravam-se à água e, enquanto nadavam despreocupadamente, iam sonhando com uma vida melhor, longe da Serração. Queriam ir dar os nomes para os Cadernos de Recenseamento do Posto. Com o serviço militar feito, até poderia obter a carta de condução e poder guiar as camionetas chinas para Díli, bem carregadinhas de sacas de néli e de copra...

Sentados nos rochedos sobre a lagoa, sentiram o agitar do capim seco das margens. Ficaram à escuta, julgando tratar-se de veados que, àquela hora, vinham beber à nascente. Nada disso...

Do mato, surgiram as duas filhas do mecânico da Serração, que visitavam a lagoa na parte da tarde, para aí lavarem as roupas da casa ou tomarem banho. As duas raparigas cumprimentaram os rapazes, tiraram as blusas de xadrez e atiraram-se ao lago. Depois nadaram até às margens. Esfregaram e bateram com as roupas nas rochas rugosas e esbranquiçadas, que lhes serviam de barrelas naturais. A mais velha foi a primeira a falar-lhes:

- Vocês também gostam deste local tão bonito, não é verdade?

A mais nova, estendida ao sol, vigiava as peças espalhadas sobre as pedras, naquele cair da tarde de verão. Ambas eram muito lindas, de cabelos pretos, dentes brancos, tez queimada pelo inclemente sol da costa Sul; as faces e as pernas da cor do pau-ferro das tábuas, que andavam a serrar, com dificuldade, nesse dia de calor sufocante. Enquanto Bere Mali e o amigo Sulang pescavam com improvisadas canas, as duas moças, já com as roupas lavadas, secas e arrumadas em cestas de rota, esfregavam os pés nas pedras rugosas, retirando-lhes as calosidades das muitas caminhadas sem sapatos, por carreiros abertos nas densas matas. Bere Mali já as vira, dias antes, na Serração, numa ocasião em que o padre fora celebrar a missa dominical na capela da povoação. As raparigas tinham deixado o colégio das madres, havia poucos anos...

- Queres saber os nomes delas?

- Sim - respondeu-lhe com prontidão o Bere Mali, visivelmente interessado...

A mais velha, a que está sentada sobre a pedra branca, chama-se Lu Sing e a outra, a irmã, Lu Yong.

- Mas têm nomes chinas e são timorenses...

- É costume elas tomaram os nomes dos padrinhos, quando baptizadas.

Bere Mali retirara um peixe da ponta do anzol e Sulang, observando a operação, falou-lhe:

- Se fôssemos como aquele desalmado malai-tropa, desse que me falaste

ontem, até as levávamos para o mato, não achas?

- Não! Isso nunca! Somos civilizados e respeitamos as moças como nossas irmãs... Temos irmãs, não é verdade?

A Lu Sing sacudia os longos cabelos pretos para melhor os secar ao sol fraco, morrendo num horizonte longínquo, deixando algumas sombras fugidias dos altos bambus desenhadas sobre os seios desnudados das duas raparigas. A Lu Yong aproximara-se dos rapazes para escutar a conversa, abafada pelo sussurro da água, jorrando do alto de um desfiladeiro para a lagoa azul.

- Não podes ouvir a conversa! - disse-lhe Bere Mali. São coisas nossas...

As duas irmãs enrolaram os panos em torno das cinturas e, de seios descobertos, hábito vulgar em Timor antes da chegada da tropa portuguesa, desceram a encosta, entoando cantigas, cantadas nas festas do descasque do néli e recenseamentos. Batucavam com os dedos nas latas que levavam à cabeça, como se fossem dois tantans. A escuridão repentinamente invadira a mata, fenómeno vulgar nos trópicos, quando o Sol cansado é engolido pelo horizonte. Nem se dá conta da passagem da tarde para a noite escura de breu. Ao longe, como num gigantesco altar sagrado, as altas chamas-vivas de gás natural brotavam sem parar das entranhas da terra queimada e ressequida, envolta pelos sombrios vultos das densas plantações de coqueiros das planícies do Sul da ilha de Timor.

*****

Os dois amigos estavam decididos a partir desse local. Iam dar os nomes nos

Cadernos Eleitorais do Posto e ganhar a vida bem longe daquela trepidante e maldita Serração, na capital ou outro local da ilha. Os dias foram passando na monotonia dos ruídos das serras. A ideia de fugir para longe foi tomando corpo. Certa manhã, deixaram a Serração no meio das esverdeadas árvores de teca e meteram-se a caminho com destino à Secretaria de Suai. O cabo-de-sipaios anotou os seus nomes, pois necessitava de trabalhadores para uma obra urgente, a abertura de uma pista de terra batida, bem no seio de um coqueiral, para os aviões que passariam a escalar a localidade, pelo menos uma vez por semana, vindos de Díli ou de Baucau.

O sipaio, sentado na escadaria do posto, conversava com os dois recém-chegados:

- Então vão procurar trabalho na cidade, não é verdade? Já não há várzeas para lavrar nos campos? Cidade, cidade, toda a gente a querer a cidade!

O representante da autoridade batia com um chicotinho de couro nas pernas bambas das calças de caqui amarelado.

- Sim, pois é verdade! - responderam, em uníssono, os dois rapazes.

O agente continuava a bater com o seu chicotinho nas pernas bambas das calças da farda de caqui ainda nova.

- Se quiserem, podem começar já amanhã de manhã, aqui. Tenho trabalho para vocês dois. O salário é de seis escudos diários (uma pataca), sem comida, incluindo os sábados, domingos e feriados, pois a pista é para ser inaugurada pelo malai-bote, quando visitar o Concelho, antes do início das chuvas...

Nessa noite, os dois amigos dormiram num alpendre, juntamente com alguns moradores, à volta de uma fogueira que enchia o aposento de fumo acre e incomodativo. No dia seguinte, seguiram para o local escolhido pelos técnicos das Obras Públicas para a implantação da pista. Era um extenso coqueiral, com uma ravina que teria de ser aterrada sem máquinas, "a braços" - como dizia o sipaio, muito compenetrado nas suas nobres funções - explicando aos trabalhadores todas as tarefas para o primeiro dia de labuta na escaldante planície do litoral Sul de Timor:

- Vamos ter muito trabalho pela nossa frente e não se esqueçam da data da vinda do Governador - está gravada naquele tronco da borracheira, a pingar seiva

fresca, à vossa direita! O trabalho do grupo consiste em escavar a terra branca deste barranco sobranceiro à estrada, transportá-la para encher a ravina em sacas de folhas de palapeiras, peles de búfalos e padiolas de canas de bambu (coisas que todos sabem fazer). Vamos encher o desfiladeiro (esse buraco com mais de quinze metros de desnível, atravessando o local da pista numa extensão de cerca de cinquenta metros), não mais. Depois de unidas as duas margens, podemos avançar pela mata dentro, com outros trabalhos mais leves...

Os trabalhos começaram.

- Alguém que estivesse lá no alto da colina, podendo regredir no tempo, veria os escravos construindo as célebres pirâmides do Egipto - assim falava uma turista australiana que, por acaso, passara pelo local, a caminho da praia mais próxima de Béaço.

Trabalhadores, quais formigas nos carreiros, caminhando para a vala, enchendo as peles de búfalos secas, as padiolas e sacas com a terra branca do barranco, arrastando um desengonçado engenho de transporte, feito de peles de búfalos secas e ganchos de paus. Iam e vinham. A terra era despejada para um buraco sem fundo. Mais de metade ficava a pairar no ar morno da planície de Suai.

Bere Mali e Sulang logo se aperceberam da dureza do trabalho da pista, quiçá pior que o da Serração donde partiram, havia já uma semana. Pensaram em abandonar o local com destino à capital...

- E o dinheiro para pagar a passagem na camioneta china? Ly Yong? E os nossos dias de salários vencidos? Vamos esperar pelo primeiro pagamento da quinzena e depois seguimos para a capital, pois não queremos este trabalho de escravos! Lá, as coisas não serão tão negras como aqui, não achas, Sulang? Há estradas e obras por construir e empregos não faltarão...

- Maromac te oiça, amigo!

Os dias foram passando lentamente, naquela pasmaceira infernal, no meio de nuvens do pó branco do barranco, "que chegava ao cerne das suas almas". Todos falavam da pista para aviões. Muitos comentavam no Bazar ser quase impossível aterrar a profunda ravina e daí fazer uma pista para aviões, a tempo de ser

inaugurada pelo malai-bote e com data já marcada. O próprio Bere Mali, certa vez, ouviu fragmentos de uma conversa, através das ramadas das buganvilias que tapavam a varanda da casa da autoridade local. A mãe da autoridade assim falava para o filho, bebendo uma cerveja fresca, na longa varanda da mansão:

- O Governo e os "engenheiros de meia-tigela," - os que estão na cidade - não têm olhos na cara! Havia tantos sítios melhores para a pista...

O filho pousou o copo sobre a mesa, limpou a boca a um lenço de papel e prontamente respondeu-lhe:

- Também acho isso, mas quem sou eu para contrariar a magna opinião do Governador e seus colaboradores engenheiros experientes?! E o dinheiro para as outras obras em curso onde vou arranjá-lo, se caisse na desgraça do malai bote? E uma possível promoção a Intendente, o topo da minha carreira?

A mãe, uma senhora muito sábia, diga-se, acrescentara:

- Mesmo assim, penso que, após tanto trabalho desses desgraçados, o avião irá aterrar nesse local, na pista que estás a construir...É a tua honra que está em jogo, não é verdade, meu filho? Confio na tua experiência, adquirida em obras de maior envergadura, como a da ponte que foi inaugurada no ano passado, não é verdade?!

*****

O dia para o recebimento dos salários do primeiro mês dos trabalhos na pista nunca mais chegava. Quando alguém se deslocava à Secretaria para se informar do assunto, ou questionava, in loco, o capataz sobre as folhas de salários, a resposta era invariavelmente a mesma:

- Estamos à espera da ordem de pagamento, que a Fazenda de Díli nos vai enviar daqui a uma semana, sem falta...Adiamentos sobre adiamentos e os desgraçados dos trabalhadores sem uma pataca nos bolsos. Entretanto, a data para a inauguração da pista de terra batida aproximava-se a olhos vistos. Houve necessidade de se criar mais um turno nocturno, com a ajuda da fria claridade da Lua, iluminando aquela terra pálida, salpicada de sombras fantasmagóricas das tecas e folhas das palmeiras. Os dois rapazes, que necessitavam do dinheiro para iniciarem

as suas vidas na capital, aceitaram trabalhar no turno da noite.

Quanto ao dinheiro dos salários, nada..

Semanas depois

Bere Mali e Sulang, já com as trouxas prontas, sem ainda receberem algum dinheiro do trabalho na obra, cansados, desiludidos e as patacas para saldarem as dívidas na loja china, marcaram a data para deixar o local, rumo à capital. Seria na data em que uma camioneta china vinha buscar sacas de copra seca, para carregar um barco fundeado no porto de Baucau. Nesse dia, o sipaio estava muito satisfeito e até batia com o seu chicotinho de couro, com mais força, nas calças de trabalho, salpicadas do maldito pó da pista que até branqueava as suas pestanas. Parou. Apitou: Todos ficaram à espera do seu habitual discurso de repreensão:

- A tal ordem já chegou da Fazenda. Hoje vou fazer os pagamentos em atraso...

- A alegria foi geral. Nos nos rostos tapados de poeira branca daqueles trabalhadores via-se uma incontida satisfação dos trabalhadores...

Fez-se silêncio na mata! As folhas secas estalavam nos troncos das altas palapeiras; os frutos baloiçavam do alto dos esguios e curvados coqueiros, tombando alguns, os mais secos, para o chão, com um baque surdo...

Um dos trabalhadores gritou:

- É agora que vou poder acabar de pagar o resto do meu barlaque e levar a minha mulher para casa!

Um outro trabalhador, que deixara a pá enterrada na terra mole do barranco, coçava a cabeça suada, sem saber como iria gastar “aquela fortuna”!

- Imaginem (trinta dias vezes uma pataca, que valia seis escudos)!

Outro silêncio!

As catatuas cantavam nas árvores do caminho...O sipaio apitara mais duas vezes - qual árbitro num desafio de futebol...

- Tomem muita atenção! Silêncio, por favor...!

O apito estridente ouviu-se mais uma vez por toda a planície.

- O pagamento dos salários vai ser feito à porta da Secretaria, à meia-noite em ponto. Quero ver a folha de papel à luz da Lua cheia, que está quase! Mas, silêncio e muita atenção! Muita atenção! Só chamarei o nome do trabalhador uma única vez e quem não responder à chamada, logo à primeira, fica sem salário e só o receberá na próxima lua cheia, quando chegar a nova folha de pagamentos autorizada...

Bere Mali e o companheiro nem queriam acreditar no que ouviam! Seria possível fazer-se uma chamada para pagamento dos salários, à meia-noite e luz do luar?

Chegara o dia, ou alías, a noite dos almejados pagamentos. Os dois trabalhadores amigos foram lavar-se na ribeira e puseram uma roupa mais limpa. Com os últimos tostões nos bolsos, jogaram à batota numa loja china, local onde as pessoas vinham vender as sacas de copra seca. O comerciante china pagava a copra a quilo e "a preço da chuva", mesmo sem a balança, explorando os vendedores até à exaustão. Os cudas chegavam à porta da loja com as sacas no dorso, o mesmo acontecendo às mulheres, transportando pesados fardos de copra seca e filhos de tenra idade, embrulhados em panos caseiros. Os chinas não tinham mãos a medir. Recebiam a copra, enganavam os mais descuidados e arrecadavam o produto, com aquele sorriso de negócio fechado que lhes é peculiar.

Bere Mali falou:

- Um dia essa exploração do nosso povo irá acabar! Os revoltosos de 1959 tinham razão...!

- E sabes onde foram parar os cabecilhas, os que conseguiram escapar, claro!? - falou Sulang. - Presos nos porões de um navio, ao largo da ilha e transferidos para Caxias e para a Colónia Penal do Bié, em Angola... Deixa para lá essas polítiquices, se não queres ir parar a Angola, como eles!

O Sulang, um misto de china e de timor, abanava a cabeça, querendo dizer-lhe:

- Cuidado com a língua...

*****

A noite descera sobre a planície e as folhas dos coqueiros destacavam-se num lusco-fusco do fim do dia. A Lua surgira redondinha, por entre as altas copas das

arequeiras e nuvens esbranquiçadas correndo para o Sul. Os grilos abandonaram os buracos e, ao longe, vultos das mulheres curvadas, regressando às suas povoações após venderem toda a copra nas lojas chinas. A fria e pálida luz do luar foi violando a planície, deixando ainda mais brilhante a maldita terra branca do desventrado barranco, cada vez mais carcomido pela força das pás e das picaretas dos trabalhadores. A faixa de terra onde iria ficar a pista via-se bem iluminada pelo frio luar - uma verdadeira estrada por acabar, no seio da densa vegetação da planície...

À porta da Secretaria um capataz e um punhado de trabalhadores. O sipaio Gilberto trazia numa das mãos uma amarrotada folha de papel almaço de trinta e cinco linhas com nomes e quantias, além do seu inseparável chicotinho! Compôs o boné na cabeça, desenrolou o papel, enfiando o elástico no pulso esquerdo e deu início à chamada.

Era meia-noite de Lua cheia de um Agosto qualquer!

- Mau Quinta?

- Pronto...

- Cento e vinte escudos - vinte patacas...

- Lequi Bau?

- Lequi Bau? - insistiu o sipaio!

- Não está! - respondeu alguém por ele, lá do fundo...

- Mau Bere I?

- Pronto!...

- Cento e oitenta escudos - trinta patacas...

- Mau Bere II?

- Não veio! - disseram...

- Bere Mali?

- Pronto!

- Cento e oitenta escudos - trinta patacas...

- Sulang?

-Sulang foi agora mesmo fazer as suas necessidades, atrás do edifício da Secretaria, ouviu-se no silêncio da noite de luar...

O Bere Mal foi a correr chamar o amigo, que veio correndo com a respiração afogueante, apertando as calças de ganga:

- Pronto, pronto, já cá estou...

- Cento e oitenta escudos (trinta patacas).

...

O sipaio continuou a leitura do papel e a maioria dos trabalhadores não respondeu à chamada. Não receberam os seus salários ganhos com suor e lágrimas, para o sustento das suas famílias. O sipaio enrolou e prendeu o papel com um elástico retirado do braço, dando um ai, quando a borracha lhe arrancou alguns pêlos do pulso. Acendeu um cigarro, deitou para o ar uma baforada de fumo, falando de seguida aos trabalhadores recém-chegados e de cabeças levantadas, agora mais atentos:

- Os faltosos ficam para a próxima chamada, quando houver outra Lua cheia, como vos avisei lá em baixo na pista, estão a ouvir-me...!Para daqui a um mês!

Bere Mali e o seu amigo Sulang, incrédulos com o que ouviram, sentaram-se no muro em frente à Secretaria, ao lado do caramanchão de buganvilias brancas, cujas flores brilhavam à luz fria do pálido luar. Contaram as moedas, uma a uma. O sipaio, com a lata ainda cheia de notas e metal sonante, desapareceu no interior do edifício mal iluminado da admininistração. Uma ténue neblina cobria o zinco das casas adormecidas no meio do denso arvoredo que circundava a vila. Os dois amigos conversavam, apanhando no corpo o frio e penetrante cacimbo do mato:

- Olha, com esse dinheiro, podemos ir para a capital.

Um vulto esguio, de andar trôpego, com uma ferida numa pernas e mancando, subia a ladeira que ia dar à escadaria de pedra da entrada da Secretaria. Aproximou-se dos solitários rapazes, meio envergonhado, com a cabeça de fora da manta rota e rosto magro coberto de barba branca, perguntando-lhes:

- Vocês já receberam o vosso salário?

- Agorinha mesmo - ouviu-se.

O sipaio desceu a escadaria, após rodar a chave na porta principal da Secretaria, passando por eles sem lhes dar qualquer atenção.

- Senhor! - implorava o catuas! Cheguei um pouco atrasado e, como vê, não pude andar mais depressa por causa da ferida na perna. Está em carne viva. Tenho a perna doente desde que aquela pedra do barranco me colheu nas obras da pista...

O sipaio, impávido e sereno, foi acrescentando:

- Já fechei a caixa de lata com o dinheiro e guardei a chave do cadeado na Secretaria; você não me viu sair de lá, agora mesmo! Só na próxima Lua é que vai receber, meu caro amigo!

- Todos olharam a hirta figura daquele sipaio, impávido e sereno, sem entenderem os recalcamentos que levam o bicho-homem a esmagar o seu semelhante, quando munido de uma autoridade qualquer...

- É assim em todo o Mundo! - afirmou alguém, lá do meio das buganvilias floridas de branco, numa noite de Lua cheia...

- Senhor, senhor! - era a súplica do pobre trabalhador - espera um momento e explico-me melhor! A gente lá em casa está à espera deste dinheiro para comprar néli para a panela... O china já não dá mais fiado a mim e ontem comemos farinha molhada do tronco das palmeiras, comida da fome...

- O problema é seu! Que tivesse chegado a tempo e a horas...

Bere Mali, visivelmente comovido, abeirou-se do catuas doente, ainda embrulhado na manta castanha e rota. O ancião enxugava os olhos com as costas gretadas da sua esquálida mão direita, a mesma que, durante meses, cavou, encheu os cestos e transportou a maldita terra branca para a ravina sem fundo. Torrentes de lágrimas rolaram pela face cansada e rugosa do catuas, abrindo sulcos no pó branco aí depositado, havia quantas Luas, meu Deus...

- Sinto muita pena do senhor! - disse-lhe Bere Mali. Por um instantinho, ficou sem o salário do mês! Qual o seu nome...?

- Mau Bere III...

- Sim, foi chamado já no fim da lista, após o nome do Mau Bere II...

A Lua estava sobre a vertical de vila. As coberturas de zinco das casas viam-se cada vez mais brilhantes. Os três companheiros do infortúnio, sentados no muro em frente à Secretaria, ouviam os grilos batucando nas fendas das pedras e os cucos

cantando tristemente nas altas ramadas das árvores do caminho.

- Olha - disse-lhe o Bere Mali! Eu e o meu amigo já estivemos a combinar uma coisa. Queríamos ajudá-lo, se quiser aceitar a nossa oferta! Um dos nossos magros salários fica para você, pois somos solteiros, sem famílias a cargo...São apenas cento e oitenta escudos, trinta patacas! É pouco, mas é uma dádiva do coração para não chegar à sua casa, pela noite dentro, com as mãos a abanar e os filhos com fome na barriga...

- O catuas, ainda bem embrulhado na sua manta rota, para se defender do frio cacimbo da noite, destapou a cara coberta de lágrimas e os olhos encarnados. Humildemente, estendeu as escuras mãos aos dois desconhecidos e guardou numa sacola de palha as patacas. A Lua iluminava as chapas de zinco das coberturas das adormecidas casas da povoação. Os dois amigos e o desconhecido ficaram abraçados, chorando...

A Lua, cada vez mais redonda, escondera-se por detrás de uma espessa nuvem cinzenta, como que envergonhada pela maldade do bicho-homem na Terra..

O catuas ainda lhes falou, com a voz trémula:

- Obrigado, filhos meus! Vocês, um dia, serão abençoados pelo Maromac, que está lá em cima, no Mundo Perdido, olhando por todos nós. Encontrarão o Taci-Feto, o Mar Mulher - o NORTE e serão felizes para todo o sempre... As nuvens, quase por milagre, deixaram de tapar a Lua. Uma estranha claridade voltara às planícies da costa Sul da ilha de Timor...Acontecera a Redenção ou o resgate do Homem, pelas mãos dos dois garotos de palmo-e-meio, que iam procurar trabalho na cidade de Díli...

Capítulo 8

A inauguração da pista

Bere Mali e o Sulang não quiseram partir para a capital sem assistirem à inauguração da pista, que tantos suores lhes custara. Esperavam ver aquele pássaro de lata pousar no meio do coqueiral, no local onde muita gente apostara ser impossível implantar uma pista para aviões. Os dois amigos optaram ficar mais uma semana nas obras, carregando a terra em cestos de folhas de palapeiras, como de costume. As primeiras chuvas de fins de Setembro já tinham caído. A planície era uma verdadeira várzea, lavrada pelos pés dos trabalhadores. O sipaio, nervoso, olhando para o céu, agitava o seu chicotinho de couro tecido, pedindo lalaice a todos. O administrador também não largava o local da pista, empoleirado no seu Jeep, para não sujar a imaculada farda branca com a lama despejada em sucessivas vagas pelos verdadeiros escravos. Do alto do Jeep, berrava:

- Vamos depressa, para a frente! Lalaice barac. Não há tempo a perder! O malai-bote vem no próximo domingo para a inaugurar a pista, antes que as chuvas façam deste aterro um lamaçal para búfalos! É isso que vocês querem, seus mandriões? Não receberam já salários?

Do alto do seu Jeep e esticando as meias brancas, cujos elásticos já gastos não as prendiam às magras e peludas canelas, a autoridade continuava a vociferar ordens:

- Durante esta semana vão todos trabalhar dia e noite, estão a ouvir-me?

Bere Mali, que enchia uma cova mesmo ao lado dos rodados da viatura, levantou a cabeça e teve a ousadia de questionar o administrador:

- Como vai ser possível trabalharmos de noite, às escuras e sem a Lua cheia que foi há dias?

- O quê que estás por aí a dizer, garoto?

O rapaz despejou com raiva a terra, transportada numa ressequida pele de búfalo e, em voz baixa, falou ao companheiro Sulang:

- O que é que o malai administrador quer? Ele não tem culpa! A culpa é dos colocam essa gente na nossa terra para mandar em nós...

Foi a vez do Sulang falar:

- O chefe está armado em mau mas dizem que, lá em casa, quem "canta de galo"é a mãe...Ele não tem voz.

- E tu, labáric - vociferou o sipaio - vamos mas é tapar esse buraco e deixa de colia...

O chefe, do alto do Jeep, voltara à carga, agora com a face mais encarniçada pelo calor da planície ou com a piada ouvida " trabalhar e receber aquando da Lua cheia!".

- Se não houver Lua, acendam fogueiras de palha...- falou o administrador por entre os dentes, visivelmente irado!

- Mas, senhor, a palha está muito molhada - era a voz do Sulang.

- Sequem-na...!

A autoridade sentou-se sobre o estofo estafado do seu Jeep, rodou a chave de ignição, espalhando fumo e lama para as bermas e sobre os trabalhadores que, escavavam o barranco com picaretas e enxadas. O sipaio (homem conhecedor da sua gente) encontrou uma genial solução: mandou vir um garrafão de tuassaba do china Su Yong (para pôr na conta da obra da Administração) e, com um copo de bambu, foi distribuindo o precioso líquido energético a todos os trabalhadores: novos e velhos, assim que despejassem a carga de terra enlameada naquele buraco sem fundo, infinito...

À força da seiva destilada das palmeiras, o aterro ficara quase pronto, dias depois. Alguns trabalhadores ainda endireitavam as margens ou cortavam as copas de algumas árvores mais altas, no enfiamento da pista. Outros erguiam uma tribuna de honra, no local do armazém das ferramentas, utilizando paus, bambus, folhas de palmeiras, cachos de buganvilias e malmequeres selvagens. Com cal, e guiados pelo

sipaio de guita nas mãos, Bere Mali e o Sulang foram traçando as linhas da pista, como se de um campo de futebol se tratasse - tarefa que executavam com satisfação - por verem o final daquela obra dos Infernos...

Foram distribuidos convites às autoridades militares e eclesiásticas, aos chefes tradicionais e recrutada à força a presença de muito povo. Contava-se com a participação de altas individualidades, vindas da capital para a inauguração da pista e almoço no pavilhão do bazar do concelho. O povo queria ver de perto "o pássaro de lata", que passava roncando sobre as suas cabeças - qual milhafre, à cata dos pintaínhos mais descuidados. Uma passadeira de buganvilias garridas, folhas frescas e malmequeres amarelos, ficara resguardada dos pés dos garotos pelos sipaios, e estendia-se da placa, onde a aeronave ficaria estacionada, até à tribuna de honra.

Dia da inauguração da pista...

Dia de céu azul, sem nuvens. Um domingo, à hora da missa que fora adiada...A multidão ruídosa olha para o alto, à cata do avião que tarda em chegar. Os mais pessimistas já contavam com o pior. As bailarinas executam os tébedais, acompanhadas pelo som dos tantans, mesmo ao lado da tribuna de honra. Os enfeites de folhas de palmeiras são sacudidos pelo vento. As senhoras estão vestidas a rigor e os homens de fato e gravata; limpam o suor, naquela cova quente, no Sul da ilha de Timor; os leques agitam-se no ar; pragas de mosquitos e de moscas sobrevoam a zona em ruídosas e pardacentas nuvens. Um sipaio, armado de Mauser, vigia a pista, com ordens expressas de "atirar a matar", se algum búfalo ou cavalo atravessasse a pista. Um indicador da direcção do vento, um canudo de pano às riscas, mandado fazer à pressa a uma costureira china, suspenso do alto de um bambu, oscila num dos topos da pista. Está caído e inerte, como nos dias anteriores. Um china acaba de enfeitar os paus com fiadas de panchões encarnados, que devem estalejar quando for dado o sinal combinado. A multidão impaciente perscruta o céu, à cata do pássaro de alumínio, mas, nada.Soam os tantans e as crianças gritam desalmadamente. Um sipaio veio segredar algo aos ouvidos do administrador. O avião passara por Baucau, a poucos quilómetros, e já vinha a caminho e em breve,

chegaria à pista, conforme notícia dada pelo colia-arame da Sede vizinha, onde um morador ficara de vigia. Tudo a postos. Inesperadamente, uma manada de búfalos invade a cabeceira da pista e fica a pastar despreocupadamente no seu enfiamento. O sipaio - qual valente soldado nos campos da Flandres - vai de espingarda Mauser em riste, pronto a fazer fogo. Um pastor corre atrás dele suplicando-lhe "não atire, por amor ao Maromac eu vou enxotar os animais."

- O sipaio abre a culatra da espingarda e de lá retira um cartucho reluzente, que guarda no bolso da farda de caqui.

Um ponto brilhante surge no céu!

- É ele! É ele! - gritam, em uníssono, os meninos das escolas, de batas brancas e prontos a cantarem o Hino Nacional:

- Heróis do Mar...Nobre...Po-o-o-vo... - ouve-se na planície...

O ponto no céu toma a forma de um avião e passa sobre a tribuna, com as hélices roncando ao desafio, agitando o alto capim das margens. Era a saudação do piloto ao mais alto magistrado da Província...Os meninos das escolas gritam e batem palmas...mas já não cantam. A aeronave ostenta grossas letras por debaixo das asas: X-A-Z. Gritam todas as crianças...Na tribuna, as pessoas agitam-se. Os leques são abanados com mais nervosismo. O calor é muito...OSul é assim. O avião sobrevoa os coqueirais para então se fazer à pista; os búfalos, assustados com o roncar do aparelho, percorrem o perímetro do campo e surgem de novo no seu enfiamento; o aparelho dá mais voltas; o sipaio, de Mauser em riste, corre para o local; os animais apercebem-se da presença daquele pássaro estranho nos céus da planície - coisa nunca vista - e tomam a iniciativa de abandonar de moto próprio o ruidoso local, refugiando-se na alta pastagem mais segura. Finalmente, o avião aterra sem levantar poeira. O chão ainda estava molhado da chuva da noite anterior. Os panchões rebentam com o matraquear característico, misturando-se os seus ruídos com os latidos dos cães e a eufórica gritaria da pequenada. O Hino ficara pelos Heróis...

- Viva senhor Governador...

- Viva Portugal...

- Viva Timor...

Bere Mali e Sulang, empoleirados numa jaqueira, chupando os bagos adocicados da saborosa e aromática fruta bem madura, contemplam a "grandiosa obra", feita à custa do suor do povo e a troco de míseros tostões, pagos ao luar da Lua cheia.

As asas recém-pintadas do avião brilhavam à luz do sol da planície; as hélices param de girar e um dos tubos de escape dá um estoiro, que fez levantar algumas cabeças. Da tribuna sai uma senhora, elegantemente vestida, para receber um tão ilustre visitante; atravessa a metade da passadeira de flores e folhas frescas e pára. Depois, virada para a multidão, naquele gesto tipicamente do zé-povinho, que todos conhecem, curva o antebraço direito e, extasiada com a grandiosidade da obra, grita:

- Aterra ou não aterra! Aterrou, estão a ver! Eu tinha ou não razão! Tomem lá...!

Bere Mali, espantado, lá do alto da jaqueira, deixou cair o resto da jaca madura, a que tinha por entre as mãos, e desatou a rir com gosto. Sabia que a fina senhora era a única que confiava no sucesso da obra de "engenharia-nativa, guiada pela boa cabeça do meu filho, ajudado por sipaios experientes" - tarefa essa que muitos apelidavam de megalómana, inviável e feita à custa de voluntários à força, de escravos, quase...! Afinal, a senhora de fino porte fizera em público aquele toma, que o mestre Relvas lhe ensinara na Escola ser coisa muito feia...O riso ouviu-se pela planície, quase que abafando o estalejar dos panchões, acesos à pressa pelo china, lançando para o ar chispas dos bambus onde estavam atados.

Capítulo 9

A morte do padrasto

Após a inauguração da pista, os dois amigos decidiram partir para Díli, a capital, mas sem antes visitar o suco para se despedirem dos familiares, que não viam havia muito tempo. Chovera. As picadas estavam transformadas em verdadeiros lodaçais onde as rãs coaxavam ao desafio. Percorreram os caminhos já conhecidos, quando iam trabalhar ou guardar os pachorrentos búfalos, sentindo o cheiro característico a lodo das várzeas. Agora, Bere Mali já não era o garoto que apanhava as valentes sovas do padrasto, dadas com as rédeas das alimárias. Era um rapaz quase a entrar para a tropa e de olhos mais abertos para a vida. As mangueiras, à entrada do suco de Ossuroa, estavam carregadinhas de frutos e os regatos onde pescava os camarões com mais água; os inhames e as bananeiras cresceram até às bordas das vedações de bambus; as palapas estavam mais velhas, a precisarem de palha nova. No terreiro, o irmão Lequi Bau, mais novo dois anos do que ele, ordenhava uma búfala para dentro de uma tigela de barro preto, saltando a branca espuma para as suas mãos. A irmã Bilaca, com uma catana, cortava alguns paus de lenha. Todos ficaram espantados com a chegada do irmão, há muito refugiado no mato. Até já o tinham dado por morto, pensando que jamais voltaria à casa. O Lequi Bau, ao ver o irmão, largou por momentos os úberes da búfala, e olhou-o de soslaio, quase incrédulo, exclamando:

- É ele mesmo, Bilaca! Não morreu, como nos disseram...

A Bilaca, já rapariguinha feita, alisou os longos cabelos acabados de lavar na ribeira, e dirigiu-se ao pontão para cumprimentar o irmão, que não via havia muito tempo.

- A minha mãe!

- A nossa mãe... morreu, há duas colheitas...

- Mas como...?

- De doença ruim!

O rapaz sentou-se no muro do quintal e chorou. A água da ribeira cantarolava por debaixo do pontão de toros de teca e o ruído que ouvia era o único lenitivo para a sua alma em desespero. Perdera a pessoa que ele mais amava no mundo - a mãe!

A noite veio encontrá-lo no mesmo local, sentado à entrada da povoação, no muro de pedras e sem vontade de entrar e falar...

- E o meu padrasto?

- Teu pai?

- Não é meu pai...

-Está lá em cima, deitado na cama e muito doente. Já mandaram chamar um matandoc para o ver e deve estar a chegar.

Bere Mali, ainda não refeito da notícia da morte da mãe, pendurou o bornal no galho de uma toranjeira do quintal, trepando pelos degraus de bambu de acesso à palapa. Os olhos, ainda habituados à claridade, não conseguiam acomodar-se à escuridão do interior do aposento, também servindo de cozinha. Uma única fita de luz entrava pelas fendas de uma esteira de bambus espalmados, projectando riscas de luz naquele chão escuro de tábuas toscas e de esteiras desfeitas. Pelas fendas, entravam o frio e a claridade da tarde; no piso térreo os porcos e as galinhas devoravam sofregamente alguns restos de abóboras e folhas de couves. A um canto do terreiro, a sela do cavalo e as rédeas de couro, que fez fugir do padrasto e da casa, não assistindo à morte da mãe.

Ouviu-se o ranger das tábuas do soalho. Bere Mali aproximou-se da esteira onde repousava o padrasto. Um silêncio de morte reinava naquele aposento sombrio e abafado; algumas moscas varejeiras cortavam ruidosamente o ar, batendo descontroladamente as asas nos barrotes tisnados e esteiras de bambu. Uma voz rouca e cavernosa rugiu do fundo da palapa:

- Quem está aí? Quem é você? Será o renegado Bere Mali...! Penso ouvir a tua

voz...!

Bere Mali aproximou-se do padrasto doente, sem fazer barulho e sem o cumprimentar. O catuas, de barbas brancas, face amarelada e comida pelas febres dos pântanos, levantou a cabeça da esteira, tossiu, e, por entre os dentes, voltou a rugir - qual animal no fundo de uma caverna:

- Quem está aqui, na minha casa?

- Sou o Bere Mali!

- Tu voltaste? Por onde andaste todo esse tempo, seu malvado! Nunca tentaste saber as notícias da tua mãe, que sofreu com a tua fuga e morreu sem te poder ver. Quantas vezes ela chamava por ti, seu malvado...!

Bere Mali sentou-se ao lado do padrasto doente. As galinhas cacarejavam no quintal, sinal de terem deixado os ovos nos cestos de palha.

O padrasto continuava a falar:

- És mesmo um renegado, o filho daquele sargento maldito, que nunca devia ter vindo para cá viver com a tua santa mãe...!

O catuas, do fundo do peito, tossiu mais uma vez e só parou quando o matandoc, chamado à pressa, subia a escada de bambus e paus, entrando no aposento mal iluminado da palapa...

- E agora, o que vais fazer à tua vida! Comigo não!

Os dois irmãos subiram a escada de paus e espreitaram o interior da casa, protegidos pelos ramos das buganvilias, bem enroscados nos paus da varanda, cobrindo o chão com pétalas roxas.

- O pai, mesmo às portas da morte, ainda irá dar uma valente sova ao renegado? - pensavam os irmãos - olhando de lado o recém-chegado!

O matandoc aproximou-se do catuas, acompanhado do seu ajudante. Mandou toda a gente sair do aposento, mas Bere Mali escondeu-se a um canto, por entre as sacas cheias de neli. O feiticeiro tinha uma provecta idade, mais de oitenta anos pela certa; os ombros eram curvos, os cabelos brancos, as unhas retorcidas e amarelecidas pelo tabaco. O ajudante coxeava da perna esquerda e transportava uma sacola de palha com sementes, raízes, folhas de misteriosas plantas, colhidas nos sítios mais

recônditos das sagradas montanhas e uma panela de barro preto. Bere Mali, atraído pela curiosidade, sem ser visto, ficou a observar tudo. O matandoc à cabeceira do enfermo, deitado numa esteira de palha. O ajudante colocou a panela sobre três pedras e acendeu o lume; a palapa encheu-se de de fumo. Depois avivou o fogo soprando-o através de um cano de bambu furado. Abriu a sacola e espalhou sobre uma toalha encardida o conteúdo da bolsa: conchas de Nautilus, favas bravas, alecrim, arruda dos caminhos, uma bala de prata e uma cruz antiga. No recinto, apenas se ouviam os gemidos do doente e a água fervendo ruidosamente numa panela, levantando cadenciadamente o ferro que a tapava. Bere Mali, no seu esconderijo, observava, com indignação e revolta, aquela cerimónia gentílica. Depois contara ao Sulang:

- Não seria mais aconselhável terem levado o meu padrasto ao posto de socorros, onde o enfermeiro Ijan, ou mesmo o auxiliar Mateus lhe dariam uma injecção de quinina ou de penicilina forte! Afinal, as autoridades bem tinham razão em perseguirem e meter na cadeia esses feiticeiros sem escrúpulos. Ouvira dizer que uma autoridade desafiara um matandoc a fazer a ele ou à família algo que provasse o seu poder mágico, coisa herdada dos antepassados! E sabem o que aconteceu a essa autoridade? Um dos filhos por pouco morria nesse dia, atingido por um estilhaço de uma recarga de gás de garrafa-cifão, quando brincava com ela no fogo. E ficou, para sempre, com a marca do matandoc no peito...

- Coincidências! - disse o companheiro!

O feiticeiro conversava com o ajudante:

- A água já está fervida?

- Está sim!

O matandoc meteu uma porção de areca e bétel na boca.

- Deita uma porção dessa água na bacia de esmalte e venha para pé de mim, depressa, pois o Mal está a levar consigo o corpo e a alma do nosso enfermo...!

O ajudante verteu um bocado do líquido fumegante para o recipiente e aproximou-se do doente. Do interior da sacola de folha de palmeira, o feiticeiro retirou um pouco de pó branco, algumas sementes que misturou à água fervente, adquirindo o

líquido um tom encarniçado. Depois encheu uma caneca e obrigou o enfermo a beber a mistela fumegante, rezando num rosário de búzios redondos:

- Este é o sangue verdadeiro que vai retirar todos os males do teu corpo tomado pelo Demo...

O matandoc colocou um emplastro de folhas verdes bem cozidas sobre o peito do paciente, gemendo mais das queimaduras que da maleita entranhada no corpo. O catuas ainda esboçara um gesto de retirar o penso fervendo sobre as suas arqueadas costelas, mas o matandoc berrou-lhe, energicamente:

- Não tire! Não e não! Deixe que essas ervas benignas queimem o Demónio do Mal, danando o seu corpo e atormentando a sua alma! Para o Inferno...! Diabo, Danado e Sujo...! Este homem é meu e do suco...Não vais levá-lo contigo não! Demo do outro mundo, desapareça para sempre desta casa e deste homem bom...

Beijou três vezes a cruz de pau-preto... Um redemoínho de vento formou-se no quintal, arrastando em funil, as folhas secas e as penas das galinhas, que subiram às alturas com o Demo. Bere Mali, assustado, sentado sobre a saca de néli seco, rangendo ao seu menor movimento e que não acreditava nos espíritos malignos, ficou estupefacto! Não os encontrara na escalada do Mundo Perdido - local onde habitavam - segundo contavam os mais antigos. A experiência vivida em casa do padrasto deixara-o visivelmente impressionado e rezou, como aprendera na catequese: Afinal, havia uma oração:

"...e livrai-nos do Mal, amen..."

O padrasto gemia sem parar. A infusão escorria-lhe pela boca escancarada, tingindo a velha e suja esteira de juncos de um encarnado vivo. Os gemidos pararam. A noite era dona da povoação; os cucos soltavam os seus pios de fazer arrepiar as espinhas; as corujas abandonavam os seus buracos silvando no escuro...O matandoc, por momentos, afastou-se do doente, para cuspir a masca que trazia na boca e fumar uma perigosa erva do mato, "que dizia ter o poder de levar as pessoas a novos mundos de sonhos". O fumo acre e sufocante fez com que Bere Mali começasse a

tossir. Depois avivou o lume, soprando as brasas com um canudo de bambu. Agora, foi a vez do paciente tossir e vomitar as "maldades que trazia no corpo". O matandoc pousou o cachimbo sobre uma pedra negra. Um cheiro adocicado da erva misteriosa invadira o aposento pouco iluminado.

- Dê-me essa garrafa preta? - ordenara o matandoc ao ajudante - e um copo de vidro de pé partido...

Um líquido encarniçado encheu o cálice e transbordou para as tábuas toscas do chão da palapa. Com firmeza, o curandeiro abriu a boca do doente e despejou para o seu interior uma boa dose daquela poção, que curava ou matava e ouviu-se um gluglu! Do corpo sairam espasmos de um javali ferido de morte à lança ou azagaia. O líquido devia ser muito margoso, pelo desespero estampado no rosto do padrasto doente. Um silêncio de morte voltara à palapa. Lá fora, as aves noctívagas continuavam a piar, anunciando o fim do ancião. O curandeiro recebeu a paga (luas de ouro e algumas patacas mexicanas em prata), enrolou um pano sobre os ombros e desceu a escada de bambu, relembrando ao seu ajudante "que ainda havia mais um enfermo para ser tratado" nessa noite na povoação de Béssiac. Bere Mali veio à varanda. Lá em baixo, o feiticeiro já montado no seu cavalo preto, mais preto que a noite que os rodeava, despedira-se do suco. Bere Mali e o tio foram dormir numa esteira, ao lado do doente. Os galos cantaram no quintal e os loricos invadiram as copas das toranjeiras do terreiro. O padrasto parára de gemer!

- Estaria curado?

Foram espreitar. O Bere Mali e o tio. O catuas estava morto e frio, de olhos abertos, vidrados e virados para os barrotes enegrecidos do tecto, donde pendiam algumas cordas de milho, protegidas da voracidade das ratazanas do campo.

- Morreu! Está morto...!

Os dois irmãos dormitavam a um canto, embrulhados em mantas. Levantaram-se, esfregaram os olhos de sono e abeiraram-se da esteira onde jazia o pai...O choro (dos filhos de verdade) quebrara o silêncio da manhã, na hora em que os búfalos já tentavam sair dos currais, deitando vapor de água pelas narinas.

***

O padrasto fora a enterrar, depois de sido conservado no fumeiro por uma semana, tempo para que toda a família se reunisse para o enterro - acto solene e festivo, naquela região. Bere Mali e Sulang foram ao cemitério. Bere Mali aproveitou a oportunidade para visitar a campa da mãe Bélequi, "mulher que muito sofrera em vida nas mãos do brutamontes do padrasto". Era ela quem debulhava o néli, fazia as lidas da casa, pilava o milho, tratava dos porcos e das galinhas, cuidava dos filhos e das hortas. Após fazer nona com o sargento, foi morar no suco de Ossuroa, onde conhecera o padrasto do Bere Mali, com quem se barlaqueou. Nessa altura, já levava nos braços uma criancinha com menos de um ano de idade. Era ele, o Bere Mali! O cortejo fúnebre entrara no cemitério onde mal se viam as antigas covas, engolidas pelo alto mato nunca capinado.

Sulang sabia do facto, mas nunca tivera a coragem de contar ao amigo que a mãe Bélequi, quando completou os doze anos de idade, foi levada para o suco pelas mãos de um tio e a sua virgindade oferecida a um chefe de posto, num recenseamento - hábito vulgar na ilha. Assim, a sobrinha ficaria com uma mais valia para um futuro barlaque (por ter sido iniciada por uma autoridade)!

Bere Mali entrou no cemitério e foi descobrir a campa da mãe, no seio daquele matagal. O padrasto fora a enterrar numa cova de terra vermelha, no seio daquela imensidão de um verde sem fim. Reinava um profundo silêncio, apenas quebrado pelo piar dos loricos, empoleirados nas árvores de sombra das plantações de café. As lagartixas rastejavam por entre as pedras, expondo-se ao sol quente daquela manhã. Bere Mali pensava na cruz existente na sepultura da mãe, que até era cristã e com os olhos percorreu o campo em busca de algum sinal. Os poucos espaços estavam engolidos pelas ervas daninhas e capim verde. Aqui e acolá, umas tímidas flores encarnadas. Já quase a atingir o auge do desespero, pois os acompanhantes do funeral do padrasto tinham abandonado o local, descobrira, lá ao fundo, junto ao muro, uma cruz e uma placa:

AQUI JAZ

BÉLEQUI

1940-1963

RIP

Bere Mali sentou-se num muro e chorou! Com o canivete cortou alguns ramos de buganvilias brancas e malmequeres selvagens e fez uma singela coroa de flores, que pendurou na cruz de madeira apodrecida pelo tempo, coberta de cinzentos fungos...De joelhos sobre a terra mole, ao lado da campa, rezou:

"...Seja feita a Vossa vontade..

assim na Terra como no Céu..."

Depois, olhou para o topo do Mundo Perdido e pediu a Maromac um descanso eterno para a alma da sua pobre mãe, já no cume do Ramelau - o monte mais alto da ilha - donde partiam as almas para o Além, após ali permanecerem por dois longos anos - segundo a tradição, contada pelos mais velhos, conhecedores das coisas da ilha. A alma da santa mãe estaria a caminho do Paraíso, do que o catequista lhe falava, nas tardes dos domingos, após acabar de limpar e de enfeitar a modesta capela coberta de capim, no cimo da povoação.

Capítulo 10

A caminho da cidade de Díli

Com um sol a fustigar a sua cabeça, Bere Mali apanhou uma camioneta para a capital. Chegara à conclusão de que na Ponta Leste não havia futuro para ele. Despediu-se comovidamente do amigo Sulang, que resolvera ficar a trabalhar, até ver, com o pai na Serração. Após a tropa, talvez voltasse à zona, como polícia, guarda da alfândega ou, quem sabe, criador de búfalos e cavalos, seu sonho de infância. A velha e barulhenta camioneta china foi percorrendo a estrada de terra batida, serpenteando a costa e deixando no ar uma nuvem de pó branco sobre as folhas das palapeiras, que só as primeiras chuvadas de Outubro conseguiriam apagar. Sentado num dos bancos de madeira, foi saltitando, quando as rodas caiam nos buracos - e eram muitos. Ao seu lado, viajava um enfermeiro reformado, pessoa muito introvertida, mas, bebendo duas tuacas, despejava, sem receios, os recalcamentos de muitos e amargos anos da vida pública e do isolamento no mato, onde curava feridas e até fazia autópsias...

Passou uma viatura com militares...

- Não sei o que estes colonialistas estão a fazer nesta terra? Já levaram todo o sândalo e a teca. Agora é a vez darem cabo do que resta. Até os cargos públicos mais simples são destinados às suas esposas, filhas e afilhadas, mesmo sem habilitações legais. E para nós, os timorenses, o que resta? Digam-me lá se souberem e não tiverem medo da PIDE!

Os companheiros de viagem ficaram mudos. Não estivesse na camioneta algum informador, disfarçado de passageiro, coisa vulgar na época. O próprio ajudante do posto de socorros, acompanhante do enfermeiro à cidade, onde ia levantar alguns medicamentos recém-chegados de Lisboa, fazia sinais ao seu chefe, "para ter cuidado com a língua". A camioneta encostou-se à berma da estrada de terra batida,

para dar passagem a uma viatura militar que, há muito vinha buzinando estridentemente. O enfermeiro Ijan, aproveitara a ocasião para pôr mais achas na fogueira:

- Estão a ver que eu tinha razão! Agora, vamos todos comer o pó deles! Se ao menos o Governo mandasse alcatroar esta estrada! Devia ser a tropa a fazê-lo...Mas, nada...!Tanto dinheiro gasto para nada...

Bere Mali foi ouvindo a conversa e observando as searas de milho e as várzeas de arroz, mas sentindo no fundo da alma a nostalgia de ter trocado o seu adorado campo por uma desconhecida cidade. Assim era a vida! Alguns búfalos pastavam nas várzeas ceifadas - os únicos retalhos num verde que tudo envolvia. Os cavalos de dorsos brilhantes abrigavam-se do calor à sombra das palapeiras, comendo ervas, deitados na margem de um regato de água límpida.

Chegados à ribeira de Manatuto, a camioneta parou para "meter água no radiador" - no dizer do motorista Fá Jung - e deixar descansar o velho motor a cheirar a borracha queimada, máquina do tempo dos japoneses, da segunda guerra mundial. Ao lado, via-se uma pedreira onde corpos escuros e suados faziam furos na rija rocha, para aí colocarem as velas de dinamite, a detonar à noitinha, quando não houvesse muito perigo para viaturas e peões. Uma barulhenta máquina, abrigada num alpendre de paus e chapas, crepitava roendo a dura pedra para o asfaltamento das ruas da capital, ainda com os buracos da época da guerra.

Bere Mali olhou os trabalhadores e pensou nos meses que passara nas obras da pista, acarretando a terra em peles de búfalos e recebendo os salários nas noites da Lua cheia!

- E os da pedreira, à sua frente, receberiam salários?

A imagem do catuas, a quem deram as patacas, a ferida numa perna e a mão escura estendida à caridade, não lhe saía da mente!

- Que mundo tão desigual!

- Estás a falar sózinho, rapaz!

Era o enfermeiro Ijan, já recuperado da tuaca, com o ar fresco apanhado no Subão.

A viatura, com o motor arrefecido, pôs-se em andamento, passando junto dos

trabalhadores, de ferros nas mãos, abrindo furos para as cargas explosivas. Outros enchiam a goela insaciável de uma ruídosa britadeira, fazendo saltar lascas de pedra para a caixa da camioneta. Outra viatura militar passara cheia de soldados, bebendo cerveja e atirando garrafas para o mato. Mais à frente, o condutor viu-se obrigado a encostar a camioneta na berma, para dar prioridade a um Land Rover, com a placa de Estado. Já era noite, quando o incómodo transporte parou junto à loja do Toko Lay, em Dili. O condutor abriu os taipais e os passageiros saltaram para o passeio, com as pernas trôpegas e as nádegas pisadas pela longa caminhada, que durara um dia. As pessoas retiraram os seus haveres: sacas de néli, cestos com frutas, alguns peixes e carnes secos ao sol para serem vendidos nos bazares ou auxílio a familiares, residentes nos arredores da cidade, caso do Bere Mali. Por fim, a cidade com que tanto sonhara. A cidade das ruas esfaltadas, dos altos candeeiros que davam uma claridade como a luz do dia - coisas que nunca vira no mato. Com a sua trouxa debaixo do braço, Bere Mali viu-se envolvido por um mundo novo, nada parecido às florestas de teca, pau-rosa e matas de bambus, a que se habituara. Ouvira falar de um tio, que morava lá para os lados da Ribeira de Comoro!

- Mas que ribeira era essa? - interrogava-se! Estudei, num mapa de Portugal, os rios Tejo, Douro, Sado e outros, os seus afluentes a montante e a jusante, mas o meu mestre Relvas não me indicou a capital de Timor nem principais povoações importantes, mormente a localização da Ribeira de Comoro.

Cansado e triste, Bere Mali sentou-se num bancos de cimento, ao lado de um farol, faíscando na calma baía de Díli, vendo os beiros partir para a faina nocturna da pesca, lá para os mares de Liquiçá. Do húmido banco de cimento, observava a passagem dos Unimogs e GMC's e a ilha de Ataúro, recortada num céu cinzento de chumbo, salpicado de laivos alaranjados de um cativante pôr-do-Sol, como vira no Mundo Perdido, lá do alto. No Bairro chique do Farol - zona nobre da cidade, habitada pelas chefias militares e chefias dos serviços públicos - os mainatos e soldados-faxinas enrolavam as mangueiras, após a rega da tardinha. As primeiras luzes amareladas foram acesas nas casas e ele sentado no frio banco de cimento no Farol, de trouxa ao lado, buscando um Norte, (o seu Taci-Feto), que o levaria à casa

do tio, na tal Ribeira de Comoro. Dava largas à sua fértil imaginação de um rapaz chegado do mato:

- Será que alguns dos meus patrícios, um dia, virão morar nestas belas vivendas de lindos jardins floridos, muros tomados pelas buganvilias roxas e varandas espaçosas com mobílias de rota, como as do Malai António da Serração?

Ele mesmo dava a resposta:

- Penso que não! O Liceu só vai até o quinto ano, e quem quiser estudar mais vai para Lisboa ou para o Seminário de Macau, se tiver posses! Foi o que ouvira da boca do enfermeiro Ijan, quando vinham na camioneta china para a cidade.

Absorto nas suas divagações, foi abordado por um pescador, que lhe pediu cigarro e lume.

- O nosso rapaz está a falar sózinho nesta bela cidade! Não é daqui, pois não?

- Não! Estou a chegar à cidade...

- Donde vem?

- Acabo de chegar da Ponta-Leste da ilha. Venho à procura de trabalho, antes de entrar para a tropa. Queria encontrar a casa de um tio meu, lá para os lados de uma ribeira de nome Conoro ou Comoro, já nem sei muito bem o nome...

- Comoro, meu amigo! Ribeira de Comoro, um local onde os japoneses, em 1944, fizeram muitos massacres...

- Sim, chama-se Comoro. Ribeira de Comoro...

- Mas você parece estar muito triste! Não gosta da cidade?

- Não é bem isso...

- Então o que é?! Confie em mim...Fala lá...

- Eu estava a olhar para o cais...!

- O que tem o cais?

- Foi nele que um pai, um sargento da tropa, embarcou de regresso a Portugal, deixando uma mãe com um filho pequeno nos braços...

- E depois...

- Esse menino está aqui, ao seu lado! Sou eu...Bere Mali...àprocura de um tio e de um emprego.

Após um silêncio, apenas cortado pelo marulhar das ondas na praia de areia preta mesmo ao lado e o bater das vagens amarelas das acácias, o pescador acendeu o cigarro, coçou a ferida na perna direita, e falou ao recém-chegado:

- Então é por isso que você tem essa cor desmaiada?!

Bere Mali, mais uma vez, não gostara da graça, mil vezes repetida...

- Desculpa-me lá, não queria ofendê-lo com a minha pergunta...

- Não tem importância alguma! Já passei por maus momentos por causa da cor clara da minha pele, mas o enfermeiro Ijan disse-me que, na África do Sul, um país muito longe, os indivíduos de cor nem podem sentar-se nos bancos dos jardins, mormente tomar banhos nas praias destinadas a brancos...

- Não acredito...

- Pois é verdade!

O pescador, de pés descalços e calejados pelo caminhar sobre os rugosos recifes de corais, de lipa pela cintura, expeliu duas baforadas de fumo, cuspiu um muco encarnado da masca para o chão de cimento estalado pelo calor, coçou a cabeça e foi dizendo-lhe:

- Sim! Conheço muitos casos como o seu, em que a tropa faz filhos às mulheres de cá e embarca para Portugal, como se nada tivesse acontecido. Nunca mais dão notícias. Olha, você, que viveu no campo, sabe que nem os bichos largam as suas crias. Lá para os lados de Comoro, local para onde vamos, há um bairro de “raparigas” que ganham a vida vendendo amor à tropa. Quando vem a noite, os soldados aparecem em bandos, vindos de um quartel próximo, muitas vezes cheios de vinho e de cerveja, e fazem das suas...

O pescador foi acrescentando:

- E se a gente lhes diz alguma coisa, somos ameaçados com porrada! Dizem que vieram defender esta terra dos “inimigos”! Se vai para Comoro, podemos ir juntos. Vou puxar o meu beiro para debaixo daquele coqueiro de tronco curvado, pois a Lua não está a dar peixe...

Os dois caminhantes seguiram para a ribeira, apanhando pelo caminho o pó das viaturas. Às vezes, era preciso virarem as costas à estrada para se protegerem.

- Até dá para cuspir terra! - dizia um deles, em jeito de chacota...

- Sabes uma coisa, Bere Mali? Nem toda a tropa é má! Não fiques com essa ideia. Conheço um sargento, um homem casado com mulher e filha em Braga, que vem à povoação e nunca tocou numa rapariga. A Guida, depois mostro-te a Guida - uma mulheraça de se lhe tirar o chapéu - bem o provoca, sentando-se de pernas abertas sobre o muro, mas o sargento desvia os olhos para as copas dos coqueiros. Certo dia, perguntei-lhe se não gostava de mulheres, como os seus colegas, e ele respondeu-me que lhes tinha muito respeito, fossem de cá ou de outra terra. Então, disse-lhe: "Senhor sargento, como superior deles, não podia evitar que viessem à nossa povoação fazer desacatos?" O sargento respondeu-me: " Evitar como? Essas "meninas" são maiores e vacinadas". Acabei por lhe dar razão. A culpa estava na miséria que as obrigava a essa vida, para conseguirem algumas patacas...Coitadas, São até apelidadas de pataca lima (cinco patacas, trinta escudos). Porca miséria...

*****

Finalçmente, chegaram à povoação de Comoro, quando uma raparIguinha, que não devia ter mais do que doze anos de idade, surgira desgrenhada do interior de uma palapa, abraçada a um soldado...

- Estás a ver, Bere Mali! É uma delas...

- É uma das raparigas!

Sentado no muro à entrada da povoação, estava o tal sargento. Tirou a boina castanha da cabeça, limpou o suor e o pó da cara, dobrou o lenço em quatro e veio cumprimentar o pescador - seu conhecido e amigo das pescarias, aos domingos naquela costa.

- Senhor sargento está a ver? - Apontara para a rapariguinha, abraçada ao soldado! Essa ainda não é maior!

- No outro dia, já disse ao meu bom amigo - falava o sargento - que nada posso fazer! Tenho pena dessas raparigas! Olha, essa que está aí deve ter a idade da minha filha, agora a estudar numa Escola C+S, em Braga. Como o mundo está perdido de todo, meu Deus!

Falou o pescador:

- Contaram-me que, no último barco que partiu de Díli para Lisboa, um alferes casado embarcara com uma doença venérea incurável (daquelas que os landins trouxeram para Timor), doença apanhada com a Guida. Dizem que o alferes se atirou ao mar antes de chegar a Lisboa, tal o desespero da maleita que levava entranhada no corpo!

- Faz bem, senhor sargento, em não se meter nesta vida...

- Você sabe, só cá venho para lhes trazer medicamentos e falar com o meu bom amigo e à boa gente desta povoação, que bem me trata. A propósito, hoje não vou levar frangos nem ovos. Já não sou gerente da Messe dos sargentos e não tenho onde pôr a criação. Nada quero em troca dos medicamentos...Só a vossa amizade! Depois de findar a minha comissão de serviço como enfermeiro, vou para a metrópole concluir a minha casinha na Azenha-do-Mar e retomar a minha vida profissional num Hospital da capital.

O sargento, rodeado como sempre da criançada, foi distribuindo rebuçados e cubos de marmelada da Messe. Aos doentes dava comprimidos de quinina e Deraprin - um anti-palúdico de bom sucesso naquela zona pantanosa e de várzeas.

De uma palapa, vieram gritos lancinantes.

- Eram os de uma timorense em dificuldades de parto. O sargento enfermeiro correu para a palapa e, momentos depois, partia numa ambulância militar para o Hospital da cidade, assistindo a parturiente pelo caminho. A poeira dissipara-se. O pescador, o amigo de Bere Mali, comovido com a generosidade do sargento, limpou os olhos marejados de lágrimas, exclamando:

- Está a ver que nem toda a tropa é indesejável nesta povoação...

Bere Mali conseguira finalmente localizar a casa do tio, que não sabia da sua vinda não anunciada. Os cães ladraram; o tio recebera-o com uma certa frieza, pois teria de contar com mais uma boca a comer o pouco néli e carne seca existentes na casa. Bere Mali entrou, cumprimentou os famíliares que desconhecia e, à luz de uma fumegante lamparina a petróleo, acomodou-se num dos cantos do aposento sombrio, onde também dormiam os seus primos.

Bere Mali vinha cansado e o sono depressa chegara. Pela manhã, fora acordado pelo cantar dos galos nas toranjeiras do quintal; levantou-se e veio cá fora respirar um pouco de ar fresco do campo, a cheirar a capim molhado; uma densa neblina cobria o vale com um manto branco, deixando apenas visíveis as alta copas das palmeiras e coqueiros, plantados ao longo da praia, em frente ao Bairro Árabe.

Capítulo 11
Na tropa em Taibesse

A vida agora era outra. Na parada do Quartel de Taibesse, o recruta Bere Mali aprendia a fazer direita-volver, bater a pala e outras coisas... Havia casernas separadas: uma para a tropa local e outra para a tropa vinda da metrópole. Essa "separação" causava-lhe uma certa indignação, tanto mais que, na Serração donde vinha, os capatazes, mesmos os europeus, comiam juntamente com os timorenses. Já mais ambientado ao novo meio castrense, encheu-se de coragem e questionou ao furriel do rancho dos motivos para tão insólita situação, tanto mais que ele, de pele mais clara, não podia utilizar o refeitório dos outros soldados.

- És muito novo nesta vida da tropa, meu rapaz - respondeu-lhe o sargento - mas ficas a saber que vocês, os timorenses, gostam mais de milho cozido com folhas de aboboreiras e arroz branco com feijão e nós, de bifes com batatas fritas, bacalhau graúdo, dobradinha e outras comidas, estás a entender-me, garoto!

Não convicto com a resposta, tanto mais que ele até gostava de bifes com batatas fritas, que apenas comia quando o padrasto matava algum búfalo ou havia cormetan, lá na aldeia, diga-se em abono da verdade, registara a explicação esfarrapada do seu superior mas não a digeriu...

Meses depois:

Terminada a recruta, e por se ter revelado um rapaz muito inteligente e de pele clara, factos que despertaram a atenção dos seus instrutores e do próprio Comandante da Companhia, Bere Mali foi colocado como amanuense na Secretaria do Comando. Mostrara-se interessado em fazer o ciclo preparatório nas Escolas Regimentais e a sua colocação nesse sector vinha mesmo a calhar. Enquanto estudava ou executava as tarefas rotineiras de amanuense, tais como Ordens de Serviço, Notas e Ofícios, era tomado por soldado metropolitano. Parava a máquina

de escrever, onde dactilografava os stencil's, dando atenção às conversas dos seus superiores, em ambiente de absoluta descontracção, no interior da Secretaria. Bere Mali contava a um amigo seu, na parada:

- O capitão Lourenço fala na guerra da Guiné que está feia e no Governo de Lisboa que continua a enviar tropas para Angola e Moçambique e nos milicianos a comandar Companhias...Quanto a esta província de Timor, um alferes miliciano, com as botas sobre a secretária, ao lado de um telefone verde de campanha, afirmava "vamos a ver no que isto vai dar, pois esta gente não é de confiança e já tivemos problemas recentes no enclave de Oécusse..." Um outro capitão - o Silva - entrou na conversa, enquanto eu colocava uma folha de setencil na máquina manual de cópias: "Sim, tens razão, alferes Santiago! Em 1959, como sabes, alguns timorenses revoltaram-se em Viqueque e Uato-Carbau e quem nos garante que não tornam a repetir a façanha! Temos de andar de olhos bem abertos, caro alferes miliciano de Engenharia". Sentado à máquina, observava o teclado da velha Remington, escutando com redobrada atenção as palavras que acabara de ouvir. Com os meus botões, pensei: "As coisas não irão continuar assim, para sempre. A revolta de Uato-Carbau não foi em vão e o povo jamais esquecerá o massacre de 1959, em Uato-Carbau e Viqueque".

*****

Meses depois.

Bere Mali completara o ciclo e enchera-se de coragem e brio para enfrentar o segundo ciclo no Liceu da cidade, onde já era conhecido pela sua viva inteligência. Certo vez, um sargento barrigudo, natural de Elvas, de serviço de dia, chamou o rapaz à casa da guarda, para lhe falar do seguinte modo:

- Sabes, meu rapaz, tenho vindo a observar-te desde o dia que tu entraste para a recruta e notei em ti algo de diferente dos teus colegas. A tua pele é mais

clara e a tua inteligência mais viva. Até podias mudar de nome. Nunca pensaste no assunto? Fazer um novo registo com um nome mais europeu, António, José, Silva ou outro qualquer. Até podias ir frequentar um curso e ser um bom furriel, quiçá, um oficial miliciano, se fosses para Portugal...

Bere Mali ouviu o sargento e não comentou a conversa com mais ninguém. No íntimo, estava revoltado com o atrevimento do seu superior, mas até gostaria de conhecer o Portugal donde tinham partido os bravos navegadores à descoberta de Novos Mundos, do pau-santo, da teca e das especiarias orientais, dilatando a Fé e o Império - como vinha nos "Os Lusíadas" - um livro de capa preta, que o alferes Silveira lhe emprestara para ler nas horas vagas, dizendo-lhe: "Leia esse belo livro, meu rapaz! Luís de Camões, o seu autor, andou por estes mares, na China, em Macau e nas Filipinas, nadando com o manuscrito nas mãos, sabia?"

Bere Mali e outros colegas inscreveram-se nas aulas regimentais, mas foram poucos soldados-estudantes chegaram ao fim. Muitos foram abandonando as aulas ministradas nas mesas do refeitório, após o almoço.

- Um dia, vão-se arrepender...

- O Mau Bere respondeu-lhe:

- Tu, Bere Mali, falas assim por seres filho de um sargento-malai e por te darem trabalhos mais leves na Secretaria; não lavas pratos, não serves de faxina em casa dos oficiais e sargentos e nem vais à lenha nos Unimogs.

O Comandante ficou satisfeito quando soube que Bere Mali completara o segundo ciclo do Liceu, com boa classificação. Ordenou à Secretaria que preparasse o expediente necessário para ele ser promovido. Só que, com a promoção, teria de partir para a Fronteira, com mais um sargento metropolitano, integrados num pelotão, com a missão de vigiar os movimentos do inimigo, dar protecção às populações, detectar e neutralizar os bandos organizados, especializados no roubo do gado, de ambos os lados da fronteira - era o teor da Ordem de Serviço que levavam nos bolsos, acabada de sair da máquina duplicadora e a cheirar a tinta fresca.

Bere Mali, integrado num pelotão, deixou o Quartel de Taibesse com destino a

Fatuc-Lúlic, na fronteira com o Timor indonésio. Foi numa tarde chuvosa de Outubro.

Capítulo 12
Na fronteira com a Indonésia

Meses após, Bere Mali, Mau Cura e outros companheiros estavam habituados ao ingrato serviço do policiamento da Fronteira, zona bem inóspita, desabitada, onde iriam permanecer por seis longos meses em comissão de serviço, colaborando com uma Companhia de tropas da segunda-linha. As instalações eram improvisadas, de paus e capim. As patrulhas saíam de dia e à noite. Quando a escuridão chegava e o nevoeiro cobria as colinas, os ladrões de gado saíam dos buracos. Certa vez, Bere Mali comandava uma dessas patrulhas. Foi numa noite de Lua cheia, como aquela em que o sipaio fazia os pagamentos, quando ele trabalhava nas obras da pista. Após a ronda pelos postos fronteiriços, constituidos por secções de tropas da segunda-linha espalhadas nos pontos vitais, viu passar alguns suspeitos, ladrões de gado, pela certa. Sentado, e enquanto recuperava o fôlego da longa caminhada, ouviu o restolhar do capim seco: uma manada de gado vinha do lado indonésio, na sua direcção, por um carreiro aberto na mata virgem. Relembrava-se da história dos ladrões de água, ouvida da boca do tio, e no que o padrasto fizera, havia anos...Os ladrões de gado vinham armados de azagaias, de catanas e arcos. Ao notarem a presença da tropa, tentaram enxotar o gado para o outro lado da fronteira, mas a patrulha abriu fogo com as Mausers. Lampejos alaranjados rasgaram o breu da noite, ouvindo-se o eco dos disparos nos rochedos vizinhos. Alguns ladrões conseguiram fugir para o mato, deixando para trás os dois companheiros feridos, caídos num A patrulha aproximou-se deles. Os corpos jaziam estendidos num capim manchado de sangue. Os feridos foram de imediato levados para o posto de socorros da vila próxima. Ambos os ladrões exibiam feridas de balas. Já era dia, quando alcançaram o Posto. A ocorrência fora comunicada à autoridade civil, que se deslocara à enfermaria para se inteirar do facto e elaborar o respectivo auto de notícia, tendo

ordenado que os feridos fossem transferidos com urgência para o Hospital da capital. No posto de socorros, o furriel Bere Mali, abeirou-se deles, procurando falar-lhes e obter dados para o relatório, a enviar ao Sector:

- Donde vens? - foi a primeira pergunta!

- Do outro lado da fronteira, senhor sargento!

- Isso sabemos nós...

- Somos do suco de Manometan e andamos a roubar gado para vender em Bobonaro!

- Mas vocês fingiram-se de mortos, quando desci a ravina para vos reconhecer no meio do capim!

- Pensávamos ser uma patrulha indonésia, e se assim fosse, levaríamos um tiro de misericórdia na nuca...!

Os presentes, espantados, olharam os dois feridos que pareciam ter ultrapassado o susto inicial. O chefe do posto coçou as barbas avermelhadas, sem saber o que lhes dizer, pois do outro lado da fronteira não havia contemplações. Ladrão apanhado, ladrão abatido...

Capítulo 13

Inesperado reencontro

Uma ambulância acabara de chegar para evacuar os feridos para uma pista próxima, donde seriam transportados de avião para o Hospital da capital. Ao preencher os papéis, o furriel Bere Mali verificou que um dos feridos se chamava Sulang.

- Sulang...Sulang? Deixa-me ver! Esse nome não me é estranho...! Donde és natural?

O ferido mal conseguia erguer a cabeça da maca, torcendo-se com as dores causadas pela ferida incisa na coxa direita, causada por uma bala da espingarda Mauser da patrulha militar.

- Sou da...da...ponta leste da ilha! (gemia com dores). E tu não és o Bere Mali da Serração, o meu amigo e companheiro de trabalho nas obras da pista?

- Sim! Sim. E tu?!

- Sou o Sulang, da Serração de António Malai - o teu companheiro - disse-lhe o ferido - com voz embargada e sumida, e lábios ressequidos pedindo um pouco de água...Sou o Sulang, o teu amigo e companheiro! Não me reconheces...

- Como poderia reconhecer-te, com essa barba tão crescida, a roupa suja, em farrapos, o boné ensebado na cabeça e a testa cheia de arranhões! Que fazes tu por estas bandas - transformado em ladrão de gado?

O ferido mal conseguia balbuciar algumas palavras, certamente as últimas da sua vida:

- Meu pai - o capataz Ly - foi despedido da Serração e cada um dos filhos teve

de procurar a vida à sua maneira! Eu vim para a fronteira, para tentar o negócio de gado roubado! Tínhamos montado uma rede para abastecer os mercados de Bobonaro, Maliana e Díli. Tive azar...!

Bere Mali, de lágrimas nos olhos, debruçou-se sobre a velha maca de lona onde jazia o corpo moribundo do seu melhor amigo, gemendo de dor:

Assim falou:

- Lembras-te da alta queda de água, onde, à tardinha, iamos tomar banho, após o trabalho na Serração?

O moribundo mal conseguia falar:

- Sim, aquela lagoa de água azul e com muitos peixes encarnados nadando à tona?

O ferido gemia...

- Essa mesmo - disse!

- E a tua irmã - perguntou-lhe Bere Mali?

Sulang quis dar a resposta ao amigo, mas as dores da ferida aberta numa das pernas fizeram com que ele voltasse a cara para outro lado...

A água ouvia-se cantando numa ribeira ao lado, como o som da cascata onde, frequentemente, se banhavam...

- Vais ficar bom! - disse-lhe Bere Mali! Ainda vamos nadar na lagoa da montanha, subir mais uma vez ao topo do Mundo Perdido...!

Entretanto, já se ouvia o roncar do motor da ambulância, galgando a íngreme rampa de acesso ao posto de socorros. O ferido, gemia e, com dificuldade, respirava cavernosamente. Depois, virou-se para o Bere Mali, ainda debruçado sobre a velha maca, e falou-lhe em surdina:

- Não, não pode ser, amigo meu! O meu fim já chegou! Tu subirás sózinho ao Mundo Perdido e a minha alma, de braços abertos, lá estará para te receber, junto do Maromac, teu padrasto e da tua pobre mãe Bélequi...

Bere Mali soluçava, enquanto fitava a alta copa da árvore de suma-uma, curvada à beira do caminho, deixando escapar dos ramos alguns flocos de leves penugens brancas - quais flocos de neve, num dia triste de um inverno qualquer... Bere Mali,

com suavidade, cerrou, para sempre, os olhos ao seu melhor amigo - o companheiro da Serração e nas obras da pista. Ficou abraçado à maca, a soluçar convulsivamente... A ambulância já estava a chegar ao posto e Bere Mali ainda agarrado ao corpo inerte do melhor amigo, relembrando-se do gesto humano que tiveram, meses antes, ao oferecerem um dos salários, em patacas, ao infeliz trabalhador, que tardiamente respondera à chamada, por incrível que pareça, feita à luz do luar. Foi com dificuldade que o maqueiro os separou, metendo na ambulância apenas um dos feridos. Duas alvas catatuas vieram pousar na árvore de suma-uma, mesmo ao lado do caminho, fazendo com que mais flocos soltassem do alto das ramadas, atapetando o chão com um manto branco. As cigarras deixaram de cantar e os verdes loricos já não abriam os amarelos bicos. Bere Mali, recomposto do choque, sentou-se no banco de frente da ambulância, ao lado do motorista, e veio contemplando a paisagem dos densos bosques de bambus, dos pardos búfalos atolados no lodo das várzeas, das mulheres timorenses de pernas enterradas na lama cinzenta, transplantando o neli - enfim - as belas paisagens da sua amada terra de Timor...

Capítulo 14

A boa nova

Bere Mali sentira a perda do seu amigo Sulang, que julgava estar a trabalhar ainda na Serração de António Malai. Nunca lhe passara pela cabeça vir encontrá-lo, nessa trágica circunstância, na Fronteira, como ladrão de gado.

Coisas da vida!

Numa das suas licenças, aproveitou uma coluna militar com destino aos quartéis da ponta da ilha, levando géneros acabados de chegar de Lisboa, e deslocou-se ao suco de Ossuroa. Chegado ao local, após dois dias de viagem por ribeiras que, muitas vezes, não davam passagem às viaturas, verificou que algo de anormal se passara na sua povoação. Havia uma clareira cinzenta e um amontoado de paus queimados e retorcidos no local da sua casa. Bau Lequi, um vizinho e amigo do falecido padrasto, veio ao seu encontro, cuspindo da boca uma massa encarnada para as folhas dos inhames à entrada da povoação, para logo lhe dizer:

- Bere Mali, lamento muito, mas como você vê, a vossa palapa já não existe! Tudo acontecera no ano passado. Uma queimada vinda da planície apanhou as primeiras casas do suco. O teu irmão Lequi Bau, que dormia, nem deu por nada e quando chegamos ao local, vimos o seu corpo queimado, muito mirrado, misturado com os paus e esteiras ainda fumegantes...

Bere Mali não se mostrou muito impressionado com o sucedido, tanto mais que não guardava boas recordações do maldito lugar. Olhou para a toranjeira, onde o infeliz ladrão de água esteve amarrado e perguntou pela irmã Bilaca!

- Ela, felizmente salvou-se, e está barlaqueada com o Bau Lequi, em Lospalos -

respondeu-lhe o tio.

Via-se a satisfação do Bere Mali ao saber que a irmã se salvara. O velho Bau Lequi retirou uma porção de cal viva de um canudo de bambu, juntou-lhe duas folhas de bétel, alguma areca, meteu a mistura na boca com os seus grossos e gretados dedos e voltou a falar-lhe:

- Agora, vamos às coisas alegres: tenho uma carta surpresa para ti. Veio, há alguns meses, de Portugal...

De uma carteira de palha trabalhada retirou um sobrescrito, já amarelado pelo tempo, sujo de óleo de coco e entregou ao destinatário. A missiva chegara de Portugal, havia meses e estava á su guarda. Bere Mali sentou-se numa pedra, à sombra da jaqueira do terreiro, rasgou o sobrescrito, lendo o seu conteúdo:

"...Não sei se vais ler esta carta, pois mandei-a ao acaso, sem conhecer bem a tua morada. Para começar, sou teu pai - o tal sargento - como, certamente, já te informaram. Vivi com a tua mãe Bélequi, quando ela esteve em Baucau e embarquei dois meses após o teu nascimento...".

Bere Mali releu o papel, sob os olhares atentos das gentes da povoação que queriam ver o furriel. Absorto na leitura da carta, nem tivera tempo para acabar de comer uma fatia de jaca madura, que jazia sobre uma bandeja de lata, invadida de moscas e de abelhas ruídosas.

Continuou a leitura:

"...Sei que já não contavas com um pai, mas a minha consciência não ficaria tranquila, se não escrevesse esta carta para ti, meu filho! A minha mulher faleceu, recentemente, num desastre de carro e eu fiquei vivo, por acaso, mas com algumas fracturas no corpo. Já estou bem e durante o tempo em que estive imobilizado na cama do Hospital, tive ocasião para pensar e reflectir sobre a minha vida como na tua e na da tua falecida mãe. Vivo com os meus dois filhos e podes vir morar comigo, em Portugal, se assim o entenderes, claro. Um sargento, meu amigo, que veio do

Quartel General, em Taibesse, disse-me que já és furriel e que fizeste boa figura no liceu. Cá, podes concluir o sétimo ano e frequentar um curso superior, à tua escolha. Aceita um abraço, embora tardio, do teu pai,

António Acácio
Bragança, 11 de Outubro de l963..
*****

Bere Mali nem queria acreditar no que acabara de ler. As pessoas curiosas, em seu redor, espreitavam...

- É uma carta do meu pai, já que querem saber!

- Teu pai morreu há dois anos...

- Meu pai - o verdadeiro! - o que está a viver em Portugal.

Fez-se silêncio na mata! Apenas os toqués cantavam nos buracos dos troncos apodrecidos das tecas do caminho.

- Sim, do meu pai verdadeiro, o sargento-malai!

Bere Mali relera a carta, cujo papel amarrotado lhe tremia nas mãos, para logo exclamar de contente:

- Já tenho um pai...

Lequi Bau foi ao interior da palapa e trouxe uma garrafa de tuassaba e deu um cálice a cada um dos presentes, "para comemorarmos o acontecimento do dia - Bere Mali, tinha, finalmente um pai!" As mulheres apareceram com os seus tantans e os tébedais tomaram conta do terreiro do suco, cujo terra via-se recalcada pelos pés das dançarinas. O chefe da povoação convidara o rapaz para ficar para a festa da debulha do néli. As palhas vinham para o terreiro e dançava-se sobre as espigas toda a noite, até os grãos se soltarem. Abatiam-se búfalos, cabritos e frangos, cozinhava-se catupa e carne em canudos de bambu e toda a povoação dançava e comia, em ambiente festivo. Bere Mali, conhecedor das tradições da terra, aceitou o convite, tanto mais que ouvira dizer que a Suelang - a irmã do Sulang - estava para chegar, vinda de uma povoação vizinha. Conhecera a Suelang quando trabalhava na

Serração e iam tomar banho na lagoa da montanha, juntamente com outras moças. Suelang era alta, morena, de olhos rasgados, cabelos compridos e pretos caídos pelas costas. Uma mistura de china e de timor. Bere Mali gostava dela. Foi com alegria que soubera que a moça ainda estava solteira. A festa do descasque do néli era a mais importante da zona, logo a seguir à do Recenseamento anual, levado a cabo pelas autoridades - essa sim, de carácter oficial. Das montanhas vinham todos os residentes com as suas melhores vestes tradicionais, bem como os moradores de cinturões de couro, guarnecidos com patacas mexicanas de prata e luas de ouro. Os búfalos eram abatidos e esquartejados, as carnes pousadas sobre as folhas de bananeiras ou estendidas em tiras ao sol. Os pescadores traziam cordas de peixes e sacas de camarões e caranguejos. Os rapazes subiam às palmeiras para aí encherem as vasilhas com a preciosa seiva, bebida ao natural como refresco, ou fermentada - a tuassaba. À noitinha, acendiam-se as fogueiras. O fumo aromático tomava conta do terreiro, deixando no ar um agradável cheiro a frango de churrasco e sassatis temperados com muito piri-piri, tamarindos e outras especiarias orientais - aromas que jamais se esquecem - diga quem já teve a sorte de visitar Timor, no Oriente. Ao findar do dia, o Sol deixava no céu algumas pinceladas coloridas de um amarelo-alaranjado; a pequenada divertia-se, pulando nos ramos das jaqueiras e mangueiras do terreiro; os adultos dançavam sobre as palhas ceifadas trazidas das várzeas, fazendo saltar os grãos de néli das espigas. Era essa a festa que Mau Bere ia ter, aguardando com ansiedade a vinda da Suelang. O furriel, sentado num toro de teca, local onde outrora fora a sua casa, de rosto iluminado pelo clarão alaranjado da fogueira, aspirando os aromáticos fumos dos toros de sândalo, meditava na carta que acabara de receber do pai, cujo conteúdo não lhe saía da cabeça.

Suelang chegara à povoação. Vinha montada num cavalo branco e ao apear-se, com espanto, viu o Bere Mali. Correu para o abraçar, ainda estupefacta com a agradável surpresa. Depois, conversaram sobre vários assuntos e, por fim, sobre a carta. Suelang perguntou-lhe:

- Então, tu pensas embarcar para outra terra de Portugal?

O rapaz pôs de lado o copo com vinho de palmeira, bem como um prato de esmalte

cheio de ossos do churrasco, despojos que os cães famintos aguardavam à sua volta com ansiedade e falou-lhe:

- Sim! Estou a ponderar o assunto. Seria uma boa ideia ir estudar em Portugal. Estou bastante satisfeito pela oportunidade de conhecer meu pai e vir a ser um engenheiro.

- Mas teu pai andou um ror de anos sem dar notícias e tu, de repente, só por teres recebido uma carta dele, dás pulos de alegria?

Bere Mali não gostou da conversa. A namorada ficou sem a resposta. Ele foi ao braseiro e de lá retirou alguns sassatis, cheirando a queimado, colocando-os num prato de esmalte. Suelang, muito pensativa e arrependida do que lhe dissera, arranjou os seus longos cabelos pretos com ganchos de mambus e, enquanto ele atirava alguns toros de lenha para a fogueira que morria moribunda, falou-lhe:

- E levas-me contigo para Portugal?

- Levar-te, como?

- Sim, eu quero também ir conhecer outras terras e outras gentes, casada contigo ou mesmo barlaqueada.

Bere Mali ficou muito pensativo, contemplando a chama, lentamente consumindo os resinosos e aromáticos toros de pau-santo, agora transformados em cinzas. O fogo crepitava nos lenhos, perfumando o ar; os grilos batucavam nas fendas dos muros; as bananeiras gemiam, parindo os seus cachos. A festa foi morrendo. Os visitantes deitaram-se onde puderam: em camas de caniços, nas palhas do arroz e mesmo ao lado das cinzas quentes, restos das mortiças fogueiras. Bere Mali e Suelang dormiram abraçados até ao raiar do dia, quando os loricos e as catatuas cantavam e debicavam as mangas maduras, pendentes da mangueira do terreiro batido pelos pés das dançarinas.

Capítulo 15

A partida

Bere Mali regressara à capital, após a festa do descasque do néli, uma semana antes do início do Recenseamento. Chegado a Comoro, pediu um conselho ao tio, após lhe mostrar a carta que trazia no bolso da camisa, com o papel meio molhado pelo suor da caminhada.

- Sabes uma coisa, sobrinho? Sou de opinião que tu deves aceitar a proposta do teu pai. Assim, poderás frequentar um curso superior e fazer algo pela tua terra, necessitada de boas cabeças.

O sobrinho ouvira com atenção as recomendações do tio de Comoro.

- Olha lá, se não forem vocês, quem virá tomar conta desta terra daqui a alguns anos? O teu tio é um modesto funcionário dos CTT, há um ror de anos, emprego que arranjei quando regressei de Macau onde estive a estudar para padre e não concluí os estudos por falta de vocação. O emprego é a principal fonte de receita para eu sustentar a numerosa família; ainda cultivo algumas pequenas hortas de milho e de mandioca nas margens da ribeira, como reforço ao magro ordenado mensal, recebido a vinte e cinco de cada longo mês. Olha, meu rapaz, fiz muitos concursos para chegar à categoria que actualmente tenho. Todos os degraus foram trepados a pulso, um a um, meu caro sobrinho. Sempre que havia um funcionário-malai a concorrer comigo eu ficava para trás. É que muitos vieram de fora e tomaram os melhores lugares, por terem uma melhor preparação académica, coisa que nos falta, realmente! Nós, aqui, só temos o Liceu até o quinto ano, como bem sabes... Numa determinada altura da minha vida, resolvi meter os papéis para chefe de posto, mas saiu uma Lei dando preferência aos militares, e, mais uma vez, fui preterido. E sabes, meu rapaz, o que me vem arruinando a vida? É o jogo, esse maldito vício de jogar a dinheiro. O pouco que ganho nos Correios não chega para sustentar a família e o

desgraçado do jogo leva tudo o que ganho...Na Tesouraria, quando lá vou receber, só tenho vales e mais vales... Sim, meto vales no cofre, mas quando o tesoureiro os desconta no fim do mês fico sem um tostão nos bolsos. Esses chinas chupam todo o meu dinheiro, no jogo!

Bere Mali ouvira, com paciência, os desabafos do tio, que, se pudesse, abandonaria esse mau caminho do jogo, trilhado havia um ror de anos, mas faltava-lhe a força para tal. Sentaram-se no paredão da marginal, com a ilha de Ataúro ao fundo e os sinos da igreja de Motael batendo o Angelus. Os beiros partiam para as fainas de pesca nocturna, com os archotes acesosou pétromax à proa. O vento agitava as vagens das acácias rubras, espalhando pétalas roxas pelo cimento dos passeios. Muitos transeuntes dirigiam-se ao Palácio para assistirem ao arriar da Bandeira, acto de maior importância, ao cair das tardes do domingo, atraíndo muita gente.

- Estás muito calado, Bere Mali - dizia-lhe o tio! Andas a pensar nesse meu maldito vício do jogo? Olha que toda a gente tem um vício qualquer...

- Não, tio, longe disso! O tio faz o que bem lhe aprouver da sua vida. Estava a pensar, se devo frequentar o curso de Engenharia, Economia ou Direito. Além disso, quero ir ao suco de Ossuroa despedir-me da Suelang, antes de embarcar para Portugal, acabado o meu tempo de tropa, daqui a três semanas. Queria despedir-me dela porque ficou muito chorosa, quando lá estive pela última vez. Imagine, tio, que ela quer ir para Lisboa comigo?...

- Tu é que sabes! No entanto, não consigo ver-te a estudar e a ganhar para sustentar uma mulher, numa terra estranha como Lisboa.

Ao longe, o corneteiro tocara a sentido. Chegara a hora do arriar da Bandeira. As pessoas levantaram-se e, em silêncio, escutaram o toque sonoro da corneta, ecoando pelas arcadas do Palácio da Repartições, onde ficava um alto mastro de ferro. As pétalas das acácias rubras, impelidas pela aragem do mar, amontoavam-se junto aos passeios; os toqués na árvore em frente à Sede do Sporting Clube de Timor, só cantaram seis vezes, faltando a sétima vez, que, por tradição, daria sorte às gentes da ilha.

O toqué nunca cantou as sete vezes da sorte...

Antes de embarcar, Bere Mali viajou numa carrinha até à povoação próxima e fez o resto do percurso a cavalo, pois a estrada estava bloqueada por desabamentos de terras e árvores. Respirava-se o odor a folhas podres - cheiro que ele bem conhecia quando andava nas várzeas. Era essa a tal Natureza, que tanto defendia nas suas conversas com os seus amigos. Passou pela Serração onde trabalhara anos antes. À entrada, a mesma placa, suspensa dos enferrujados arames, guinchando nos grampos de ferro. O silêncio era total. Ele e o seu companheiro de viagem amarraram as montadas às argolas espetadas nos troncos de um barrote de teca, junto ao portal. Entraram. Uma desengonçada cancela de madeira rangia ao sabor do vento. O gemido ouvia-se como um grito lancinante, vindo do interior de uma alma martirizada, numa cadência nostálgica, arrastada mesmo. Os loricos cantavam nas ramadas das árvores; nos alpendres, as chapas de zinco, já rotas pelos vendavais anteriores, ainda lutavam desesperadamente para se libertarem dos derradeiros e teimosos pregos enferrujados. Os dois amigos e companheiros na Serração, não acreditavam no que seus olhos viam!

- A movimentada e ruídosa Serração do António Malai onde estava agora? E o cheiro a gasóleo impregnado nos bosques de teca? A poeira vermelha, agarrada nas suas grossas folhas das árvores do caminho, ou os amontoados de tábuas de coloridas madeiras, agora tomadas pelas lianas, fungos, musgos, líquenes, bolores gigantes e outros seres parasitas?

Entraram no barracão principal; as tábuas do soalho rangeram com o peso; estavam podres. Nem uma vivalma se via naquelas ruínas silenciosas. Apenas um vazio total, gritante, opressivo, demolidor de corpos e almas...

- Que tristeza, Maromac - meu Deus! - exclamara Bere Mali, de lágrimas nos olhos: o padre Silva bem tinha razão!

Tempus edax rerum
(o tempo tudo destroi)

A lâmina da serra mecânica, outrora azulada, estava avermelhada, comida pela

corrosiva ferrugem que também roera as peças móveis das máquinas da Serração; do tecto esburacado do alpendre, via-se o azul do céu, através do zinco roto. A água caía em cascata, abrindo um buraco no chão que fora de cimento, agora transformado numa lagoa onde as rãs assustadas coaxavam ao desafio. Ao lado do barracão, as ruínas da casa do velhote António Malai, agora vazia, fria, abandonada, triste mesmo... Os ramos das aboboreiras e trepadeiras silvestres invadiram a varanda onde ele fumava os seus charutos, bebia os whiskys, ou simplesmente lia os jornais metropolitanos já desactualizados, que os militares lhe traziam da messe; as cadeiras de rota ainda lá estavam, no mesmo local, a um canto da varanda podre, mas ocupadas pelas abóboras e trepadeiras floridas de azul - cor rara na natureza; as janelas, que dantes exibiam lindas cortinas, feitas à mão pelas internas do Colégio de Ossu, estavam desengonçadas, gemendo tristemente nas perras dobradiças, querendo pedir perdão ao mundo, ou dar as boas-vindas aos saudosos visitantes. Bere Mali sentou-se na única cadeira que não estava podre, sobre a qual jazia uma melancia gigante - fruta que o ancião mais detestava! Palitou os dentes com umas farpas de bambu, retiradas de uma das esteiras desfeitas da varanda e foi conversando com o seu companheiro sobre o sentido material da Vida e das coisas, para as quais tanto batalhámos! Da vida daquele bom homem o que restara? Um nada ou alguns ossos, enterrados algures, no meio de um capim ondulante e a Serração abandonada, em ruínas. Servira para algo o ror de anos passados longe da sua família e da terra natal, apenas por perfilhar ideais da Democracia e Liberdade - conceitos que não cabiam na cabeça do ditador Salazar, que o desterrou para longe, para Timor?

O companheiro, pensativo, retorquiu-lhe:

- Sabes, caro amigo, todas as coisas, mesmo as mais rijas, caso do ferro dessas maquinarias, outrora reluzentes, mais dia menos dia, transformam-se em ferrugem, nada e pó - o que irá acontecer a mim e a ti, mais tempo, menos tempo! Mas o Pensamento livre nunca poderá ser destruído - caso do Malai António...

Bere Mali, mentalmente, e enquanto contemplava a silenciosa desolação, fazia uma simbólica chamada:

- Malai António?

- Não está!

- Capataz Ly?

- Lourenço, o Alberto... outros...?

- Alguém vivo? Ninguém!

Apenas o silêncio dos mortos.

- E o meu amigo Sulang? Sepultado na Fronteira! Fui eu a fechar-lhe os olhos, para sempre...

Um bando de pombos, que no tempo do ancião eram mansos e vinham comer o milho nas suas brancas mãos de veias salientes e azuladas do ancião, viam-se bravios e empoleirados nas altas copas das árvores do terreiro. Vendo as aves, suspendeu a chamada...

O Sol acabara de descer na linha do horizonte e a escuridão ia invadir os montões de madeiras de teca e pau-rosa. No local, onde outrora funcionara o Escritório, via o capataz Ly, apontando as encomendas em bocados de papel de sacas de cimento. Algumas ficaram por satisfazer. Os papéis estavam espetados num gancho de arame enferrujado. A última encomenda dizia:

100 carteiras para Escola de Ermera
(Data de entrega: Junho de 1964)

Na parede, um calendário com a Torre de Belém. A última folha - a de Maio do ano da graça de 1963 - ainda estava lá, intacta, parada no tempo. O pêndulo do relógio de parede estava brilhante e parado. Os ponteiros ficaram nas doze horas...Uma certa nostalgia apoderara-se de Bere Mali, quando, pela última vez, olhara a abandonada Serração, local onde passara grande parte da sua infância, brincando nos montes de serraduras, tomando banhos nas lagoas, caçando os pombos com Sulang. Retirou um lenço do bolso e enxugou os pingos de lágrimas que, teimosamente, rolavam da sua face, queimada pelo escaldante do sol da planície do Sul, para o soalho mofo e apodrecido do armazém. Os dois amigos subiram para os

cudas e seguiram para Aliambata, onde a barcaça Loes estava fundeada. A azáfama no porto era grande e a operação de meter o gado a bordo, complicada. Através de uma manga de paus de palavão-preto, os animais eram encaminhados ao portaló, saltando para o interior do barco. Após algumas horas de espera e de divertida luta entre homens e animais, o taipal do ferro foi içado com ajuda de grossos cabos de aço. A noite já era dona do mar e o cacimbo fustigava os rostos dos rapazes. A barcaça, com os motores a roncar, bordejava a negra costa sul, até à capital, viagem levaria uma noite. As ondas vinham de encontro à proa, desfazendo-se em branca espuma rumo à popa, quase rente ao mar com o peso da carga. Bere Mali, o seu amigo e mais pessoas da zona Leste viajavam por via marítima, dado que as ribeiras não davam passagem, havia vários dias. Sentados ao lado do timoneiro - um velho lobo-do-mar, homem que fazia a mesma rota vezes sem conta - observavam os movimentos da roda do leme e o agitar da agulha magnética no interior da bitácula mal iluminada. O mar estava escuro e bravo. De repente, o vulto de um barco (coisa cinzenta e sinistra) surgira da bruma da noite, com a sua proa cortando a água na direcção à barcaça Loes. O velho timoneiro só teve tempo de pôr a máquina em marcha-à-ré, girar o leme a estibordo e esperar pelo embate no casco. Felizmente, a manobra resultara em cheio. O motor reagiu de imediato. A proa do Arbiru apenas raspara a barcaça. Os passageiros e os animais foram acordados pelo estrondo, mas o hábil timoneiro conseguira evitar o pior, num mar infestado de tubarões. As autoridades marítimas quiseram culpá-lo (a culpa é sempre do mais fraco), mas Bere Mali e o companheiro testemunharam a seu favor e o caso foi arquivado, para evitar mais complicações ao capitão do barco causador do acidente, que viria a desaparecer naufragado meses depois, arrastando mais de vinte passageiros e tripulantes, num acidente nunca esclarecido pelo único sobrevivente...

Capítulo 16

A caminho da Metrópole

O paquete Timor que levaria Bere Mali para Portugal, já vinha a caminho, segundo as informações chegadas de Singapura. A azáfama entre os militares era geral. Faziam-se os caixotes com tábuas de pau-rosa e de teca, embalavam-se os toros de sândalo vindos da fronteira, compravam-se catatuas, loricos, macacos e as estatuetas de Bali vindas das zonas fronteiriças. Tudo servia para recordar a terra de Timor. Bere Mali, de mochila às costas, dirigiu-se à povoação de Comoro. Queria ficar com o tio até à data do embarque. Tinha pouca bagagem: alguns livros, estatuetas compradas na Fronteira e pouca roupa, que não lhe serviria para o rigoroso inverno de Portugal.

Resolvera ajudar o tio nos trabalhos da horta de Comoro: arrancar a mandioca, plantar um novo talhão cuja colheita seria feita no ano seguinte. O dia estava quente. Sentaram-se à sombra de uma mangueira para o almoço do dia, na solidão da ribeira de Comoro. Algumas mulheres foram levar comida aos familiares, que arrancavam e secavam a mandioca numa horta mais abaixo. Uma queimada mal controlada devastava a encosta. Para espanto do Bere Mali, Suelang surgira no embocadura da ribeira. A rapariga metera-se a caminho de Díli, numa camioneta china. Queria ver o seu namorado, sem aviso prévio...

- És tu? - exclamou o rapaz, com espanto nos olhos!

A rapariga trazia o vestido e os pés sujos do pó amarelo da estrada; os cabelos pretos estavam louros, desgrenhados e espessos! Nem parecia a mesma rapariga dos seus sonhos, que conhecera na povoação de Ossuroa...

- Estou cá para ir contigo para Portugal!

- Não pode ser, Suelang!

O tio afastara-se, propositadamente, para os deixar à vontade. Foi estender as mandiocas acabadas de arrancar.

- Porquê?

- Vou para lá para estudar e mais nada! Depois do curso, podemos pensar em fazer a nossa vida juntos...

- Casados, queres dizer?

- Sim...

Bere Mali deixou a rapariga na povoação e pôs-se a caminho da cidade, pois havia papeladas a tratar e o embarque para breve. Enquanto caminhava pela borda da estrada, apanhando o pó das viaturas, foi conversando com o tio:

- Mas, tio, levá-la, como?! E o dinheiro para as passagens de barco! Como vai reagir meu pai, quando lá chegar com uma mulher, sem ele saber que estou casado ou sequer barlaqueado?

Uma viatura militar passara a todo o gás e tiveram de se virar para as valetas, para não serem atropelados. À noitinha, regressaram à povoação de Comoro, hora em que os vampiros sobrevoavam as manadas de búfalos ou ficavam carbonizados por entre os cabos de alta-tensão. O Sol escondia-se por detrás da ilha de Ataúro. Bere Mali foi encontrar a Suelang sentada à entrada da ponte, à sua espera. Já tomara banho na ribeira; os cabelos pretos escorriam água. Vestia roupa lavada. Até parecia outra. De mãos dadas, caminharam pela ribeira acima, sentido o cheiro a capim molhado da planície. Suelang e o namorado Bere Mali conversaram pelo caminho, por entre os malmequeres selvagens floridos de amarelo...

- Então sempre me levas para Portugal?

- Sabes que hoje, quando ia para a cidade, levava a tua proposta na cabeça. Resolvi ir ao suco vender alguns búfalos que a minha mãe deixou e mais algum néli, arrecadado no celeiro do suco. Com esse dinheiro posso comprar a passagem na Agência do barco no BNU..

Suelang parou, e colheu um malmequer selvagem ao lado do caminho, e com ele enfeitou os cabelos pretos ainda molhados. Depois de percorrer alguns metros em silêncio, parou para falar:

- Sabia que ias dizer-me que sim! Também tenho algumas economias de lado para a passagem e gastos durante a viagem...

No topo de um alto coqueiro, cuja silhueta se projectava num céu sombrio e plúmbeo, um vulto cortava alguns cocos, que tombavam com um baque surdo para o chão lamacento de uma várzea.

Falou Bere Mali

- Estás a ver aquele garoto lá em cima, no coqueiro?

- Sim! E depois...

Fez-me lembrar os meus tempos de menino, quando eu e o teu irmão trepávamos aos cocurutos, para ver quem era capaz de chegar mais alto...

- Deixa lá a tua meninice e os cocos e vamos ao assunto mais sério, o que me preocupa...

Bere Mali ainda olhava o cocuruto escuro do coqueiro, com as folhagens vergadas pela fúria dos ventos vindos da costa.

- Sim, vais comigo para Portugal, no paquete Timor. Está decidido! Vamos juntos!

Suelang beijou a face de Bere Mali e veio correndo pelo caminho fora, dando saltos, afastando com as mãos as hastes prateadas das flores do capim, já molhadas pelo cacimbo do cair da tarde.

Capítulo 17

Um pai à espera em Lisboa

Bere Mali e Suelang depois de barlaqueados no suco de Ossuroa, embarcaram para Lisboa. Pensavam fazer depois um casamento religioso quando chegassem, tendo já nas mãos as certidões de nascimento passadas para o efeito.

Entretanto, o Silva, o pai de Bere Mali, resolvera mudar a sua residência de Bragança para Amadora, nos arredores de Lisboa. Assim noticiara ao filho, dizendo-lhe que ficaria mais perto do quartel onde trabalhava e fora promovido a sargento-ajudante. A casa tinha quatro assoalhadas e um pequeno quintal com figueira. O quarto para ele estava reservado. O Silva contara ao filho que estava cansado da viuvez e contraíra matrimónio como uma antiga amiga da terra -"uma mulher do campo mas que aos poucos se adaptaria à vida de uma moderna cidade".

*****

Foi com mágoa, que Bere Mali viu a sua cidade de Díli ficar para trás, na esteira do paquete Timor, numa tarde cinzenta de maré cheia em que a bruma seca não deixava ver as ilhas de Flores, Ataúro e as outras do vasto arquipélago de Sonda. A viagem duraria cerca de dois meses, seguindo a rota do Cabo da Boa Esperança. A bordo, fazendo-lhe companhia, a Suelang, tímida por natureza. Ela quase não vinha ao convés, sempre tomado pelos soldados de regresso à Pátria, com palavrões impróprios para os ouvidos de uma senhora... Mesmo limitados ao deck inferior, os soldados mais afoitos subiam as escadarias e vinham aos locais reservados a oficiais e sargentos e outros passageiros, ocupando as cadeiras de lona do convés. Bere Mali

verificara que a separação não era só nos quarteis, mas também a bordo, entre sargentos e oficiais, todos viajando no mesmo barco. O próprio salão de estar estava dividido por maples. De um lado os sargentos e do outro os oficiais. Após alguns dias de clausura no camarote, Suelang resolvera vir ao convés apanhar um pouco de ar fresco. O mar estava chão,"um verdadeiro lago de azeite" - no dizer de um marinheiro experimentado naquelas andanças. Uma bonita presença feminina a bordo despertara a atenção dos passageiros, na maioria militares de regresso das comissões de serviço naquela terra. Após algumas manhãs de sol, Suelang recuperara a cor original e saudável. Os oficiais e sargentos, que conheciam o Bere Mali, dos quarteis vieram falar-lhe:

- Então ouvimos dizer por aí que arranjaste uma bolsa de estudos na Metrópole?

- Sim, é verdade...

O capitão, palitando os dentes, foi-lhe dizendo:

-Pois é! O que vocês precisam para Timor, que fica no fim do mundo, é de médicos, engenheiros, economistas e militares graduados, para não termos a chatice de virmos para tão longe tomar conta de vocês...

- Bere Mal, com a sua calma habitual, não quis entrar em confrontações verbais com os militares - estratégia que aprendera durante a vida militar, mas a sua vontade era dizer-lhes:

-E vocês? Quem vos chamou para Timor?! Será que ainda restam alguns toros de sândalo ou peças de loiças da Companhia das Índias ou...

Preferiu ficar calado...Se falasse, seria apelidado de comunista vermelho - epíteto que o levaria a ter a Polícia Política às costas, logo que entrasse para o Técnico, em Lisboa. Um capitão, já entrado na idade - devia estar na reserva - sentara-se ao lado da Suelang, apanhando sol numa cadeira de lona, não tirando os olhos das pernas morenas da senhora. Dirigindo-se a um alferes barbudo, que trazia uma catatua de crista levantada empoleirada no ombro, falou em voz alta:

-É sempre a mesma história! Dizem que vão estudar para Portugal, mas quando se apanham com o canudo nas mãos, adeus à terrinha de Timor! O Governo

devia obrigá-los a prestar serviço na Província, pelo menos durante cinco anos seguidos - os do curso, ou ao pagamento do seu valor com juros, caso escolhessem outro rumo na vida...

- Coisas deles, meu capitão! - respondeu o alferes Gamito! Estou-me nas tintas pelo futuro de Timor...O que eu desejo é chegar a Portugal, despir esta incómoda farda militar e atirar-me de corpo e alma aos estudos, ao meu curso de Direito, que ficou para trás há mais de três anos, quando vocês me obrigaram a vir para Timor, mobilizado!

*****

Semanas depois:

A cidade de Lourenço Marques estava à vista, com o seu porto atravancado de barcos, carregando e descarregando mercadorias. Ainda faltavam Lobito e Luanda para que o paquete Timor chegasse a Lisboa.

Durante a viagem, Bere Mali esforçara-se para que a mulher falasse fluentemente o português, língua que aprendera na Escola, pois com os seus familiares entendia-se em chinês ou tétum.

- Não te esqueças, Suelang, em Portugal só vais falar ao padeiro, ao talhante e a outras pessoas em português...

Suelang desatava a chorar, atirando para cima da cama do camarote o Livro de Leitura da quarta classe, trazido como recordação da Escola do posto que frequentara, anos antes.

- Não vou poder falar bem o português, nunca! Deve haver alguém lá que perceba tétum, mambai, bunac ou outro dialecto qualquer, dos nossos...

- Estás a brincar, menina! Lá, toda a gente fala o português, vais ver...

Por entre as lágrimas de raiva, ela foi dizendo:

- Se eu soubesse, teria dado um pouco mais de atenção ao nosso mestre Relvas, quando nos dizia que: “a língua de Camões é falada por mais de duzentos milhões de

pessoas espalhadas pelo Mundo". Se eu lhe tivesse dado ouvidos, não estaria fechado neste camarote, a decorar os trechos de um velho Livro de Leitura, eu, uma mulher já adulta...Bolas!!

- Mais vale tarde que nunca! - foi o falar do marido, de saída para o deck para apanhar ar fresco.

Capítulo 18

A chegada

Manhã de sol. Cais de Alcântara.

No molhe, outros barcos preparam-se para largar para a Guiné, Angola e Moçambique, carregados de soldados de rostos imberbes. A varanda está apinhada de familiares aguardando a chegada dos seus rapazes que, há três anos, dali partiram para defender o Ultramar, que ia do Minho a Timor... Entre as muitas pessoas que se aglomeravam no varandim, estava o senhor Silva - o pai do nosso Bere Mali. O Timor atracara ao cais, à hora marcada. No convés, sobre os porões, pendurados nos paus de carga, ou simplesmente debruçados na amurada, os rapazes acenavam aos seus familiares, quando os descobriam no meio daquela multidão fervilhante. Um soldado, empoleirado numa das baleeiras de estibordo, de fraldas de fora das calças, exibia um grande cartaz, onde se lia:

ANTÓNIO JOÃO
" O LEIRIA"

Era um sinal previamente combinado por aerograma, para o soldado se identificar do convés do paquete. O cais ficou cheio, à medida que os militares, de catatuas e loricos nos ombros, iam descendo a escada para o molhe de cimento batido pelo sol, atafulhado de malas, maletas, caixotes, sacos, pacotes mal atados e embrulhos vários...O pai do Bere Mali procurava o filho naquela multidão eufórica, acabada de chegar, cantando:

"Cheira bem, cheira a Lisboa..."

Cada vez que o Silva via um militar de tez mais escura (e eram muitos, após os banhos de um sol equatorial), o coração dava pulos de contente, antevendo o abraço a dar ao filho.

- Sim! - dizia ele a um amigo, que o acompanhava: sendo meu filho filho de uma timorense deve ter a pele um pouco escura e os cabelos pretos e lisos...

O convés do barco foi ficando vazio, para desespero do senhor Silva. Ao lado, no mesmo varandim, uma anciã de cabelos brancos como a neve, muito entrada na idade, mãos curvadas e trementes, aguardava a chegada do seu único neto, um rapaz que partira anos antes para Timor, deixando a avó destroçada e lavada em lágrimas, naquele mesmo local - no cais de Alcântara. Já desesperada de tanto esperar, com os mãos em concha, gritava em voz rouca, deixando bem salientes as grossas veias do magro e enrugado pescoço. Tentava falar a um grupo, que identificava as suas bagagens no cais, no meio da confusão reinante:

- Vocês viram o cabo Santos? Viram o cabo Santos, o meu netinho querido!

- Cabo Santos...? - respondeu-lhe uma voz!

- Cabo Santos, sim!

Os soldados continuavam ocupados na difícil tarefa de identificação das bagagens, na confusão do cais de Alcântara, fustigados por um sol inclemente de um Julho seco. Um militar surgiu por entre os montes de caixotes de pau-rosa, para dar uma resposta à anciã, enquanto acendia um cigarro...

- Cabo Santos? Deixa-me lá ver!... Sim...? O Santarém!

O grupo de soldados estava mais interessado no desembarque dos caixotes que na voz roufenha e sumida da anciã, vinda do alto do varandim...Já farta de gritar, a senhora desceu ao cais, através das escadas interiores, apoiada às paredes e acompanhada do Sr. António Silva, que também procurava o filho Bere Mali. A Polícia Militar, de capacete, cacete e braçadeira, barrou-lhe o acesso ao cais. Só a pronta intervenção do senhor Acácio puxando dos seus galões de sargento-ajundante, lhe facultou o acesso ao recinto, ainda atravancado de militares e bagagens. Um grupo já tinha os caixotes numa GMC, do Quartel dos Adidos, do Alto da Ajuda. A anciã insistia junto a um soldado, que agora repregava algumas tábuas

soltas do seu caixote de teca quase desfeito e com as tripas à mostra:

- Vossemecê viu o meu netinho! - O cabo Santos...esse tal - Santarém - como era conhecido no quartel.

- Sim, conheci-o minha senhora...

Um silêncio de morte envolveu o grupo. Apenas se ouvia o guinchar aflito dos cabos de aço nas roldanas, arriando, lá do alto, os caixotes para o estalado e escaldante cimento do cais de Alcântara. Um vapor entrava no Tejo vomitando fumo pelos canudos. Um furriel desceu da cabine da GMC e veio falar à anciã, pondo-lhe as mãos sobre os ombros:

- Estive a ouvir a sua conversa. A senhora ainda não sabe da notícia?

- Do quê!? Como? Aconteceu alguma desgraça ao meu netinho?

O furriel coçou a barba encarniçada, crescida durante os dois meses de viagem e falou-lhe em voz alta, pois audição da anciã, após tantos anos de ruídos, estava no limite da surdez.

- Lamento ser eu a dar-lhe a má notícia, minha senhora. O cabo Santos - o Santarém - faleceu num acidente de Unimog, perto do Hospital de Lahane, quando transportava as bagagens dos colegas para o cais em Díli...

A má notícia caiu que nem uma bomba no cansado cérebro da anciã, com a mesma violência com que um caixote de pau-rosa, fugido dos ganchos de ferro do alto do guindaste, caía ruidosamente no duro chão do cimento do cais de Alcântara, espalhando o seu conteúdo, sob o olhar das assustadas gaivotas, agora refugiadas no topo do mastro do paquete...

- Lamento, minha senhora, ter sido eu a dar-lhe esta triste notícia...!

A senhora desmaiada e amparada por militares foi levada para o interior do edifício, onde funcionava um posto de primeiros socorros. O Sr. António Acácio, muito perturbado com a cena, nem sequer viu que, atrás dele, estava o filho Bere Mali. Reconhecera-o, agora, pela foto que trazia na carteira. Bere Mali batera nas costas do pai...Era o almejado reencontro.

- És tu, meu marotão! Estava à espera de encontrar um timor...,como hei-de dizer... mas, afinal, és tão branco como eu...Não saíste à tua mãe Beléqui!

O pai olhava embevecido o filho, mirando-o de alto a baixo, sem saber o que lhe dizer, naquela hora há muito esperada...

- Os teus cabelos são como os da tua mãe...

Os dois abraçaram-se, soluçando!

A Suelang sentiu-se só, como se não tivesse existência, no meio daquela confusão do cais de Alcântara. O chão quase lhe fugia debaixo dos pés. Após algumas palmadinhas nas costas e o limpar dos olhos marejados de lágrimas, o sr. Silva deu pela presença da rapariga...

- E esta moçoila chinesa?

O Bere Mali gaguejou, para depois lhe responder.

- É a minha mulher!

- Então, seu maroto, nunca me disseste que estavas casado!

Bere Mali, muito atrapalhdo, não encontrara nenhuma justificação para tamanha omissão...

- Bem, vamos meter as vossas bagagens na minha carripana, uma que está do lado de fora da vedação.

Com as malas na carrinha e os passageiros acomodados nos bancos de frente, seguiram para Amadora. As ruas da cidade pareciam aos recém-chegados largas e limpas. Os comboios passavam pelos carris, mesmo ao lado do cais. Não havia palapas, nem coqueiros, nem as brancas garças pousadas nos dorsos dos búfalos. Os carros, em louca correria, passavam por eles. O Tejo - aquele grande rio - cujo curso, afluentes a montante e a jusante eram obrigados a saber de cor, mesmo à custa de palmatoadas e varadas de marmeleiro, agora aos seus pés. Calados, foram apreciando a paisagem citadina...

Chegaram a Amadora.

A viatura parou junto a uma praceta sem árvores. Uma porta verde abriu-se, lentamente. Alguém espreitava de dentro, por entre as meias-cortinas, forrando as janelas de batentes de madeira pintada a esmalte branco. Devia ser a madrasta e o seu meio-irmão, pela descrição feita pelo pai durante o percurso. Estava a contar com uma única pessoa, pela cara que fizeram. Todos entraram. A Suelang ficou de

pé, no hall, enquanto o marido ajudava o pai a retirar as bagagens da viatura, mal estacionada no estreito passeio de pedras soltas. No interior, o telefone tocou na credência do corredor. Era uma chamada do Quartel dos Adidos de Ajuda, perguntando pelo sargento, com urgência. O pai pedira desculpas, dizendo que ia ausentar-se, pois havia umas papeladas a tratar, para uma Companhia a embarcar nessa tarde para a Guiné. O casal desfez as malas e arrumou as bagagens no quarto que lhes foi destinado, após uma recepção pouco calorosa, fria mesmo, por parte da gente daquela casa, que iria ser a sua por alguns anos, até concluir o curso. O pai só regressou à hora do jantar. Bere Mali até gostara da localidade, sem o rebuliço que vira em Lisboa naquela manhã. "Um bom local para a concentração necessária aos estudos..."

*****

Nos Registos Centrais

No dia seguinte, foram à Conservatória dos Registos Centrais, em Lisboa, tratar da papelada necessária à perfilhação do rapaz, que, a partir desse dia, passaria a chamar-se António Acácio, Junior - "um nome mais europeu e sem a simplicidade indígena de Bere Mali" - no dizer de um funcionário idoso e sonolento - que os atendeu a um canto de um velho balcão de madeira apodrecida pelo tempo, atafulhado de livros de lombadas rendilhadas pelas traças e sinistras caixas de cartão negro, prenhes de processos despachados ou aguardando decisão superior, bem atados com fio de barbante.

Suelang foi-se habituando ao novo meio da Amadora. Já ia à padaria do Ti Zé, mesmo à esquina da praceta, embora sob os olhares curiosos das gentes pouco habituadas a verem uma rapariga chinesa na vila, ainda mais de tez morena, cabelos

pretos, olhos rasgados e sorriso nos lábios. O senhor Zé, um homem já entrado na idade, que viera de Viseu para Amadora havia já um ror de anos, gostava de brincar com a Suelang:

- Sabe, menina, tenho um filho a prestar serviço na Polícia, em Macau. Casou com um chinesa e já têm três meninas. Um momento, para eu despachar um freguês, mais apressado e já vou mostrar à menina as fotografias...

O padeiro arrumou os tabuleiros de pães, acabados de saír do forno de lenha, revolveu papéis até encontrar um sobrescrito salpicado de farinha e óleo. Trazia um selo com a fotografia das Portas do Cerco. Sacudiu o sobrescrito amarelado, deixando no ar uma verdadeira nuvem de pó de trigo, e veio ao balcão, muito sorridente, babando-se de contente, limpando as mãos num avental de tecido pardo, do das sacas de farinha.

- Estão aqui, minha menina! A mais nova tem dois, a outra a seguir cinco, e a maior sete...Uma escadinha engraçada, não acha? Pena é a falha de dentes, coisas da idade!

Suelang sorriu para ele e, com receio de não falar cor-rectamente o português, falou pouco, abanando a cabeça. Com o tempo, ela foi perdendo o natural acanhamento. Já falava melhor a língua que o mestre Relvas lhe ensinara na escola. As pessoas acostumaram-se com a sua presença no Bairro e passaram a cumprimentá-la com um sorriso nos lábios.

- O padeiro Zé, nos momentos de poucos afazeres, gostava de conversar com a moça:

- Sabe, menina, desculpa-me lá. A senhora vem ficar por cá ou está de visita a familiares?

- Não, senhor Zé! Vim com o meu marido. Ele veio para a Universidade. Depois do curso de Engenharia, tencionámos regressar a Timor.

- Timor...Timor...! África dos leões, não é?

- Não!

- Então é lá para o Japão, para os lados de Macau...?

- Acertou!

- Timor também tem chineses?

- Sim. Eles são os donos de todo comércio local e têm padarias como a do senhor Zé.

- Também fazem agricultura?

- Não! Compram os produtos agrícolas que os timorenses produzem: milho, copra, néli, café, chá, cacau, baunilha e outros, para depois os revenderem nas suas lojas ou exportam-nos para Singapura, por intermédio dos comerciantes mais poderosos da cidade, caso da borracha, café e copra ou baunilha.

- Mas a menina falou-me numa coisa que chamou de néli? O que é isso? É fruta?

- Desculpa-me lá, senhor Zé! Néli é arroz ainda em casca.

- O seu esposo fez muito bem em vir estudar para Portugal, alías, para a metrópole, como vocês, os africanistas, dizem. Hoje em dia alguém sem um canudo não é gente...

- Não é bem assim senhor Zé! O senhor não tem canudo, pois não? Mas se adoecer ficamos sem pão...

Suelang continuava a falar:

- Os pedreiros, os canalizadores, os varredores, os carpinteiros, os ferradores e outras pessoas importantes para a nossa vida não têm canudos. Senhor Zé sabia que Luís de Camões, o maior poeta português de todos os tempos, que naufragou lá pelas bandas da minha terra, não tinha canudo. Assim me ensinou o mestre Relvas, no mato de Timor...

- Não sabia! A menina é danada, sempre com respostas na ponta da língua...

- Senhor Zé sabia que foi a civilização dos meus antepassados (os chineses) que inventou o papel e a pólvora...

O padeiro suspendeu o interessante despique com a moça, para aviar dois fregueses, parados ao fundo do balcão, ouvindo a conversa, sem jeito de estarem com pressa e espantados com a pronta resposta da moçoila chinesa...

Agora falava o padeiro:

- Diga lá, senhor Jaquim! O que vai hoje?

- Ti Zé, hoje vou levar alguns pães da Malveira, não fazendo desfeita aos seus, cujo paladar toda a gente conhece. É apenas para me desenjoar, sabe!

- Esteja à sua vontade! Aqui na minha padaria quem manda é o freguês...

O companheiro ficou encostado à rima de sacas de farinha de trigo do Canadá, acabadas de sair de uma carrinha de caixa aberta, parada no passeio de pedra. O padeiro voltou a falar, após limpar as mãos ao avental branco:

- Há dois anos, os meus netinhos estiveram cá de férias. Foi num Verão muito quente, como não se via, há muitos anos! Quiseram ir ao Jardim Zoológico ver a bicharada: os pássaros, os macacos, as cobras, os elefantes e outros animais. Nessa tarde, pedi a um vizinho de confiança que tomasse conta da padaria e fui com eles às Laranjeiras.

- Ao jardim, senhor Zé?

- Jardim sim, menina!

Suelang, já com os pães no saco, ficou admirada ao ouvir que, nos países ditos civilizados, os pássaros e outros animais ficavam enjaulados, para gáudio da pequenada, em jardins...

- Em nome da preservação das espécies em extinção, minha menina...Se os leões estivessem em África era abatidos e comidos. Vocês, em Timor, não têm desses jardins?

- Não! Felizmente não! Os passarinhos foram feitos para os bosques e florestas e não para as gaiolas. O senhor Zé chamou aquilo de quê?

- De jardim, menina, jardim zoológico...

- Para mim não é nenhum jardim! Uma prisão dourada para os bichos que não cometeram crime algum, isso sim! Jardim é local para as plantas, um sítio calmo, de oração, de paz e harmonia onde podemos venerar o Buda e outros Deuses, não acha, senhor Zé?

O velhote Sequeira - o homem que trazia a lenha da Malveira para a padaria - encostara a sua carroça ao passeio e, de boné descaído sobre a testa suada, descarregou a lenha.

- Senhor Zé! A lenha fica no sítio de costume?

- Sim! - respondeu uma voz grossa vinda da padaria.

- Sabe, menina - disse o padeiro - talvez você tenha razão quando fala nesses inocentes animais, encarcerados no Jardim Zoológico. Nunca me tinha passado isso pela cabeça: pensar neles, mas bem vistas as coisas é triste a vida desses pobres bichitos, habituados a climas quentes ou frios...

O velhote Sequeira, com caracois e lesmas grudados à sua camisa de xadrez entrou para receber o dinheiro da venda da lenha. Ao ver uma rapariga desconhecida naquele local e diga-se em abono da verdade muito diferente das moçoilas da Malveira, coçou cabeça e desbarretando-se, suspirou do fundo da alma:

- Que bela menina! Donde é que veio, meu Deus?

Suelang com os pães num saco bordado disse-lhes adeus e com um sorriso nos lábios saiu apressadamente.

Capítulo 19

No Técnico

Anos depois:

Bere Mali, ou aliás, António Acácio Junior, de pasta de couro preto nas mãos, caminhava diariamente para as aulas no Técnico, onde cursava Engenharia civil. A ideia de fazer Direito ou Economia viera-lhe à mente, mas o bom senso da Suelang convenceu-o, definitivamente, a ser engenheiro. Todos os dias, viam-no entrar num dos apinhados comboios da Linha de Sintra, cheio até às portas. A multidão apressada era lançada no Rossio e Restauradores. O Técnico ficava no alto da verdejante Alameda D. Afonso Henriques, no centro da cidade e perto de uma das bocas do Metropolitano, na Alameda Afonso Henriques. No Técnico ele convivia amistosamente com outros estudantes das então províncias ultramarinas da Guiné, Cabo Verde, Angola e Moçambique. Da sua terra ele era o único estudante a frequentar o curso.

Em casa do pai, as coisas iam de mal a pior. O seu meio-irmão Bernardo, que nem sequer completara o quinto ano do liceu, preferindo trabalhar nas obras de J. Pimenta como servente de pedreiro, empreendimento gerador de muitos postos de trabalho, numa Reboleira em construção. Como seria de esperar, a madrasta nunca vira com bons olhos a chegada do "rapaz de Timor", tanto mais que o marido, baboso, passava todo o santo dia a falar "no filho inteligente que veio de Timor e o no futuro engenheiro da família". Durante as refeições, o ambiente era de cortar à faca. As discussões surgiam com frequência. Assim falava a madrasta, ao Bernardo, o meio-o irmão do Acácio Junior:

- Tu não estudaste por seres preguiçoso! Hoje até podias ser um engenheiro e

não um simples ajudante de pedreiro, como um desses emigrantes sem eira nem beira, das obras do J. P.!

Bere Mali e a Suelang ficavam calados, sem saber o que dizer...

A madrasta, debruçada sobre os muros do quintal, conversava com as vizinhas, enquanto estendia roupas no arame do estendal e falçava em voz alta:

- Nesta casa já não há sossêgo, desde que para cá veio essa gente de Timor...!

Suelang ouvia e ficava calada.

Segurando uma mola de roupa com os dentes, a Zulmira, em equilíbrio instável, foi falando:

- Ter na minha casa uma chinesa de olhos rasgados foi coisa que nunca me passou pela cabeça, vizinha!

A vizinha, já com as roupas estendidas, pingando água para a varanda de baixo, só para enfurecer a outra inquilina com quem se dava mal, enquanto empurrava o fio de aço preso a um cabo de vassoura, falava:

- Olha vizinha, você até teve muita sorte! A Zulmira - a da Praceta, a Gordona, aquele que o marido tem uma carrinha azul, sabe quem é, não é verdade, recebeu o filho de volta da Guiné com uma pretinha ao colo...

- Olha pelo menos não a deixou por lá, como fazem muitos, incluindo o seu homem, que só agora se lembrou que tinha deixado um filho em Timor...!

- Sim, na verdade, tive mais sorte ou azar! A minha é amarela e de olhos rasgados, uma chinesa, que até nem é desengraçada!

*****

Suelang resolvera matricular-se numa escola particular. Queria aprender dactilografia e fazer o liceu. Sentia-se só, com o marido todo o dia de fora, no Técnico. Na Escola, não muito longe da sua casa, foi recebida com um misto de

curiosidade e de frieza por parte dos outros alunos e alunas, na maioria, estudantes-trabalhadores adultos. A mesma curiosidade que encontrara nas pessoas da sua vizinhança. As colegas da escola vinham falar-lhe, querendo saber como era a vida na China ou no Japão (a ignorância era grande); o que serviam lá, se comiam baratas e ratazanas, as sedas com que se vestiam e os leques com que se abanavam nos dias de calor e os pés atados com ligaduras para não crescerem. Suelang, com paciência, a todas esclarecia que não era natural da China nem do Japão, mas sim de Timor português.

Os meus antepassados é que foram da China para Timor, há mais de um século...Eu sou portuguesa, como vocês...

O ano escolar foi decorrendo. A Suelang destacou-se do resto da turma em todas as disciplinas, particularmente na de Desenho. Passava a vida a rabiscar os nomes das colegas em caracteres chineses, coisa que fazia com um pincel muito fininho, molhado em tinta-da-China. Em casa, a atmosfera criada pela madrasta (a Dona) e pelo meio-irmão (o Reguilas) era irrespirável e caminhava-se para uma explosão de sentimentos, mais dia menos dia...

Felizmente, chegara a época das festas populares de Junho, lá para os lados de Vinhais, terra onde a Dona possuia alguns lameiros e hortas de vinha e batata. A casa da Amadora ficara só para o casal de Timor, pelo menos por alguns dias, altura em que o Acácio se preparava para os exames finais no Técnico. Tudo sol de pouca dura. A Dona regressou com as baterias carregadas com os bons ares da serra, após ter passado por Fátima para pagar uma promessa e ouvir missa e resolveu pôr cobro à invasão pacífica da sua privacidade conjugal, "quebrada por esses dois intrusos". Ela conversava abertamente com as vizinhas, expressando-lhes ostensivamente o seu descontentamento por ter em casa essas pessoas estranhas - "o que o desgraçado do meu homem foi arranjar em Timor" - afirmava do peitoril da janela.

- Garanto-lhe, vizinha, que eles vão sair da minha casa!

- Acho que a vizinha faz muito bem. Ainda mais armados em estudantes, depois de velhos - coisa que o outro rapaz, filho do seu homem não fez por não ter

cabeça...Não gostava de estudar não é verdade!

O alguidar estava vazio e as roupas tamborilando para o andar de baixo.

- Nem me fale nisso, vizinha! Até sinto o calor dos afrontamentos a subir-me pela espinha acima...

- Olha, vizinha, como ele está a chegar das obras, sujo de caliças e restos de cimento...

Capítulo 20

Finalista em Engenharia

Bere Mali, já finalista de Engenharia, supria a falta de dinheiro com as explicações que ia dando aos alunos da vizinhança - os mais atrasados no Liceu, sujeitos a perderem o ano, "atolados em negas". Uma das vizinhas veio pedir-lhe uma ajudinha ao filho, prestes a perder o ano. Era, afinal, a mesma que dizia mal dele e da Suelang... Coisas da vida!

"O Mal paga-se com o bem", como lhe ensinara o catequista no mato de Ossuroa em Timor...

Assim falava a vizinha:

- É que o meu bom Carlitos é muito inteligente, sabe senhor engenheiro. Pena é ser preguiçoso e não estudar. Queria que eu lhe comprasse uma motoreta para poder ir para o Liceu da Amadora! Olha que estive quase a dar-lhe o dinheiro, às escondidas do meu marido, claro! Não sei como, mas o meu homem ouviu a nossa conversa atrás da porta, hábito que nunca perdeu, e veio disparado lá de dentro, gritando comigo que nem um desalmado:

- Antes da motorizada, não seria melhor arranjares um bom explicador para esse malandro! Se ele perder o ano, garanto-te que vai cavar batatas em Vinhais ou tirar pregos nas obras dos emigrantes - coisas que não faltam lá tua terrinha...

Acácio Junior, já com o diploma de engenheiro nas mãos, conseguira um lugar como professor contratado a prazo no Liceu da Amadora. O salário não era muito, mas dava para pagar uma renda modesta na Reboleira e deixar a Dona na sua casa, embora tivesse pena do pai, metido naquela camisa de onze varas e sem saber como despi-la...

Capítulo 21

Manhã do 25 de Abril

António Acácio Júnior, o nosso Bere Mali do romance, fazia a sua barba matinal para ir dar aulas no liceu de Amadora. A rádio só transmitia marchas militares, para espanto seu. De cara ensaboada e atónito, veio à varanda mas nada de anormal observou. Rodou os botões partidos da velha telefonia japonesa, trazida de Timor havia anos e sintonizou, ao acaso, uma estação em onda média. Foi então que ouviu um comunicado do MFA (Movimento das Forças Armadas), nome até então desconhecido por ele, a ser lido repetidas vezes. Embora andassem no ar alguns rumores de qualquer coisa em preparação, pelo menos na boca dos estudantes de Cabo Verde e da Guiné, os mais ligados às questões políticas e ao Partido que combatia na Guiné, a Revolução fora para ele uma verdadeira surpresa..

Era a revolução de Abril!

O esperado fim da Ditadura, que durara muitas décadas...

Pousou a máquina de barbear no lavatório e, ainda de cara ensaboada, foi acordar a Suelang, que dormia profundamente. Queria dar a boa nova à mulher...

- Estamos livres! Mais cedo que eu pensava, vamos ser livres! Estou a ver os sobreviventes da Revolta de Viqueque de 1959 a darem pulos de contente, quinze anos depois! Valeu a pena, rapazes, gritara...

Suelang falou-lhe:

- Que alegria é essa Toni (assim o tratava, na intimidade)

- Mulher é a Revolução!

Suelang muito apreensiva com a nova situação e temendo pela vida dos seus em Timor veio à janela respirar um pouco do ar fresco da primavera, cheirando a flores

dos pinheiros das matas de Monsanto. Um comboio trepidante passou pela linha, mesmo ao lado da sua nova casa, na Reboleira. A palmeira solitária do jardim da esquina abanava as suas esquálidas folhas, como que acenando para eles quando estavam no suco de Ossuroa...

Bere Mali falou à Suelang:

- Com o diploma nas mãos, já posso dar um contributo para a construção do futuro do nosso País...Viva Timor...

A Rádio repetia o comunicado do MFA e marchas militares...

Bere Mali, nesse dia, foi visitar um antigo colega, que fora incorporado em Mafra no Curso de Oficiais Milicianos, por não ter conseguido terminar o curso e não obter mais adiamentos. O curso estava no fim. Foi colocado numa Unidade militar em Lisboa e pensava poder seguir para Timor, em breve, como oficial miliciano, integrado num grupo dinamizador. Os dois amigos ficaram abraçados, chorando de contentamento.

N.A.

O Engenheiro Acácio Junior e mais outros estudantes seguiram para Timor, integrados no Grupo Dinamizador das Forças Armadas, logo a seguir à Revolução.

FIM

GLOSSÁRIO

(para este romance)

Termos em dialecto Tétum

A

Areca - fruto da arequeira (noz-cola seca e cortada em rodelas- estupefaciente)

Arequeira - espécie de palmeira de tronco cilindrico com pouco mais de 15 cms e diâmetro e dezenas de metros altura.

B

Bazar - mercado semanal ao ar livre

Beiro - embarcação escavada em troncos e com bambus laterais servindo de flutuadores

Bote - grande

Bote-bote - maior, máximo...

Bétel - folha de uma trepadeira usada como droga, misturada com areca e cal virgem

Barlaque - casamento gentílico, reconhecido pelas autoridades.

Bunac - um dos dialecto timorense

C

Colia - falar

China - em vez de chinês

Catuas - idoso, velho

Catupa - arroz cozido e embrulhado em folhas

Cormetan - festa de desluto, um ano após o funeral.

Colia-arame - telefone

D

Dato - chefe

F

Feto - mulher

L

Lúlic - sagrado

Lorico - papagaio verde muito vulgar nas matas timorenses

Labáric - rapaz

Lalice - depressa

Lipa - pano caseiro, vestuário para homens

M

Malai - estrangeiro, pessoa de fora

Maliri - frio, fresco

Matandoc - feiticeiro, curandeiro

Moradores - serviçais dos chefes

Maromac - Entidade Divina, Deus

Mau Bere II - quando existiam vários indivíduos com o mesmo nome nos Cadernos de Recenseamento, eram diferenciados com os símbolos I, II ...

Mainato - criado (o termo é mais africano que timorense)

Mambai - dialecto timorense

N

Néli - arroz em casca

Nona - amante

P

Palapa - casa nativa construída com folhas das palapeiras e paus, sem ajuda de um único prego. As estruturas são atadas com cordas de rota ou lianas.

Palavão - variedade de eucalipto

R

Rota- Casca de uma trepadeira silvestre com muitos espinhos, utilizada na confecção de mobiliário de varanda. Espécie de verga da ilha da Madeira.

S

Sassati - espetada de carne (penso ser um prato de origem árabe)

Suco - Divisão administrativa local(freguesia)

T

Taci - praia, mar.

Taci-feto - mar mulher, mar manso da costa Norte da ilha de Timor - o Norte - ponto cardial.

Toqué - lagarto voador que emite o som - tô-qué! Se cantar sete vezes dá sorte. É um devorador de mosquitos.

Tebedais - danças nativas

Tuaca - vinho extraído da seiva das palmeiras

Tuassaba- bebida destilada da mesma seiva, depois de fermentada

Timor - em vez de timorense

EPÍLOGO

Hoje, dia dezanove de Agosto de 1994, data em que acabei este Romance, volvidos mais de vinte anos sobre o 25 de Abril de 1974, que apanhou o autor em Lisboa, onde aguardava julgamento pela PIDE/DGS, ouvi a Rádio noticiar a disposição da guerrilha timorenses em dar início a negociações, com vista a uma justa solução para o problema da martirizada terra de Timor, onde passei a maior parte da minha vida profissional, como militar e civil, e onde nascerem dois dos meus filhos.

Oxalá esse entendimento traga a paz para a martirizada terra. É o meu desejo.

O autor,
Forte da Casa, 19.08.1994
Revisto, em LISBOA,
em 7.12.2007

Notas Biográficas

(do autor)

ADRIANO DE ALMEIDA GOMINHO, nascido na ilha de S. Nicolau de Cabo Verde, a 15 de Setembro de 1940, concluiu o antigo sétimo ano no Liceu de Gil Eanes, em S.Vicente. Aspirante administrativo na ilha do Fogo, alferes e tenente miliciano em Timor (1963 a 1968), após um curso de oficiais em Mafra. Administrador de posto na fronteira com a indonésia, adjunto de administrador e administrador dos Concelhos de Aileu e de Viqueque, em Timor. Por inerência, Presidente dos mesmos Municípios. Deslocou-se de férias a Portugal em 1974, tendo assistido ao 25 de Abril, altura em que aguardava ser julgado pela PIDE/DGS. Foi mandado apresentar em Timor, em Setembro de 1974, para administrar o Concelho de Aileu (Zona Libertada pela Fretilin). Regressou a Portugal, a seu pedido, e por incompatibilidades com as autoridades locais, dois dias antes da guerra civil em Timor, para ingressar no recém-criado Quadro Geral de Adidos. Em Portugal foi chefe de secção e, posteriormente, chefe da repartição da Direcção da Aviação Civil, após concurso público.

Em 1993, deixou o funcionalismo, por ter requerido a sua aposentação por motivos de saúde. Dedica-se, actualmente, a relatar as experiências da sua vivência em Timor e Cabo Verde, sob a forma de romances de ficção e narrativas, com o intuito de divulgar a cultura dos dois povos: cabo-verdeano e timorense...

Actualmente, "2007" Cursa Direito numa Universidade em Lisboa.

OUTROS TRABALHOS DO AUTOR,

[Na época em que este romance foi escrito - 1997]

1.-. De Timor Para a Liberdade (narrativa -1963-1975)

2.-.Gotas dos Beirais (crónicas de Lisboa)

3.-.Na Clausura das Ilhas (literatura de Cabo Verde)

4.-.Em Busca do Taci-Feto (romance de Timor)

5.-.Terra Longe de S. Tomé (emigração para S. Tomé na década de1950)

6.- Vender Pastel Para Comprar Papel (ficção cabo-verdiana)

7.-.Gaivotas Que Voam (contos da vida dos Retornados)

OBRAS DO AUTOR QUE ESTIVERAM OU AINDA ESTÃO NA INTERNET, A BEM DA CULTURA PARA TODOS

1 - **Timor, Do Paraíso Perdido à Terra dos "Mauberes**" (edição NEOLIVROS)
2 - ***Gotas dos beirais***(crónicas de Lisboa)
3 - **Na Clausura das ilhas** - (literatura cabo-verdiana)
4 - ***Em Busca do Taci-Feto***(romance de ficção de Timor) (edição NEOLIVROS)
5 - **Terra Longe** (literatura cabo-verdiana - roças de S. Tomé)
6 - **Vender Pastel Para Comprar Papel** (literatura cabo-ver-
diana)
7 - **Gaivotas que voam** (narrativa sobre os Retornados)
8 - **Uma Pedrada no Coilão (**outra versão de Timor)
9 - **Homem de rostos queimados (**Poemas, Cabo Verde)
10 - **Mar é Largo, Mundo ê Grande (**narrativa poética)
11 - **Recordai (**Tomo I, poemas Cabo Verde)
12 - **Dar nome para S. Tomé** (peça de teatro)
13 - **Poemas que vieram à rede** (colectânea)
14 - **Timor, amor e uma palapa** (poesia)
15 - **Dilúvio segundo Simião (**poemas sobre cheias em Moçambique)
16 - **Entre-mar-e-céu** (20 sonetos a Cabo Verde)
17 - **Jonkoping - A cidade das caixinhas de fósforos** (poesia Estocolmo)
18 - **Sete Cedros** (poemas sobre o Nordeste Transmontano)
19 - **Luneta Graduada I** (poemas sobre o Mundo**)**
20 - **Luneta Graduada II** (poemas sobre o mundo)
21 - **Luneta Graduada III** (poemas sobre o Mundo)
22 - **Sopa com garfo (**poemas sobre Lisboa-Rossio)
23 - **Cais das Colunas** (poemas sobre Lisboa **)**
24 - **Olhai os Cardos do Campo** (poesia) - 2003
25 - **Tesouro de Yamashita (ficção)** Timor 2005 (edição NEOLIVROS)

ÍNDICE

Lisboa, Fev. 1997

Lisboa, Dez. 2007